

ISSN - 0553-8467

PESQUISAS

Antropologia, Nº 49

Ano 1993

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO Pe. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.

O SÍTIO DA PRAIA DAS LARANJEIRAS II. UMA ALDEIA DA TRADIÇÃO CERAMISTA ITARARÉ

Pedro Ignácio Schmitz

Ivone Verardi

Marco Aurélio Nadal de Masi

Jairo Henrique Rogge

André Luiz Jacobus

Instituto Anchieta de Pesquisas
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. - Diretor

Arthur Rabuske, S.J. - Coordenador para História

Josef Hauser, S.J. - Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. - Coordenador para Botânica

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes. **Antropologia, História, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 3 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

Pesquisas publishes original scientific contributions in current western languages.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia, Nº 49

Ano 1993

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO Pe. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.

O SÍTIO DA PRAIA DAS LARANJEIRAS II. UMA ALDEIA DA TRADIÇÃO CERAMISTA ITARARÉ

Pedro Ignácio Schmitz
Ivone Verardi
Marco Aurélio Nadal de Masi
Jairo Henrique Rogge
André Luiz Jacobus

Instituto Anchieta de Pesquisas
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INDICE

Abstract	07
1. O povoamento do litoral de Santa Catarina.	09
2. O sítio da Praia das Laranjeiras II e sua escavação.	27
3. Ambiente e recursos naturais.....	37
4. A indústria lítica.	43
5. A cerâmica.	65
6. Caça, pesca e coleta.....	85
7. Material produzido a partir de osso e concha.	97
8. Estruturas de combustão e lixo.	103
9. Os sepultamentos.	107
10. A distribuição do material no espaço escavado.	149
11. O assentamento. Seu lugar no povoamento do litoral.	165
Bibliografia citada.	173

ABSTRACT

On a sea shore, at the small bay of Laranjeiras, surrounded by granitic hills, covered with the Atlantic Forest, in the county of Camboriu, Santa Catarina, we found this typical shore site of the Itararé ceramic tradition.

The archaeological strata, being a little less than one meter thick, are composed by earthy layers with molluscs, and scattered fish, mammal and bird bones. The original surface of the site should extend through 1.000 square meters. João Alfredo Rohr excavated about 500 square meters of them, in 1977 and 1978.

This corresponds to about half of the site, being the other half destroyed by the owner of the propriety. But what has been left is sufficient to recognize a good part of the ancient village: the constructed area on the left side; the location of the fire places on the right side and the more offensive garbage on the front side, by the present sea shore. The site begins on the limit of the highest sea tides and, by the left side, borders on a permanent brook. It is a compact village where the constructions, fire areas and the garbage are put side by side.

The lithic material, polished and/or flaked, is found in great quantity and consists of chopping-tools, ax blades, beaters, supports, crushers, knives, scrapers, net weights, and other artefacts. The total pieces found sum up to 2.308, not including the material thrown away in the field, during excavation.

The bone material consists of uni and biterminated points, pointed bones, needles, fish hooks, spatulas, bored or other ways transformed teeth, bored vertebrae and some few outworked shells, generally grouped together as necklaces.

The ceramics of the Itararé tradition was abundant summing up to 5.551 fragments quite well preserved.

The food remains are from water animals, shore and forest: fishes, molluscs, equinoderms and a few crustaceans, besides marine and earth mammals and birds, showing a varied food supply.

The 114 burials are very characteristic: they represent individuals of different ages, they are flexed, buried in the huts against the walls, in a general way oriented shore-inland. They show very few funeral supply. Very few individuals are buried outside the huts. Among the preserved ones are four mature individuals, also flexed, but west-east oriented, i. e. along the shore, near the garbage or between ovens, in a form that is clearly contrary to the general burials.

By the number of the dead people inside the huts (up to 30), the dwellings should be plurifamiliar or of extended families. We conclude that this village had a long and uninterrupted duration. The huts should have about 8 meters in diameter.

The average age of the dead, discovered through the skeletons is the following: 32,5% of the individuals died without attaining the adult age; apparently there are more dead girls than boys because men represent 57,8% of the individuals that attained the adult age (20 years) and women only 42,5% came to that age. Of the adults 64,4% did

not come to the age of 30 years; only one got up to 50. Men live quite surely more than women.

Walter A. Neves (1984) presents this people as being much similar to the one come down from the Plateau, and which would have introduced the ceramics at the shore, previously settled by fishing peoples without ceramics. Culturally this village is similar to other shore sites which also present Itararé ceramics. Partially it is similar, in some aspects, for example flexed burials and fishing hooks, to the one of the northern shore; burials inside the living places, to the first settlement of the Tapera shore.

On the same shore of Laranjeiras there is an ancient pre-ceramic site to which it is little similar, biologically and culturally.

There is no trustful date for this ceramic site, but through its characteristics we can term it in the same period of other sites of the Itararé tradition, that is, between 800 and 1.350 AD. Rohr says that the site has a pre-ceramic part, but this fact has not been confirmed by our restudy. It neither presents a clear contact with horticulturists of the Tupiguarani ceramic tradition. There are only some corrugated sherds, very superficial, that may belong to neobrazilian peoples as the remainder of the non-Itararé ceramics of the site.

This is the best site for the discussion of the peopling of the central and north shore of Santa Catarina, first settled mainly by mollusc collectors, then by fishers and finally by ceramic makers of the inland. The site is quite different from the pre-ceramic settlers, but its adaptation to the shore is consolidated and it participates some elements with the previous settlers, not only in the food diet but also in the technology, perhaps even in the world representation.

1. O POVOAMENTO DO LITORAL DE SANTA CATARINA

O litoral do Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, era muito rico em sítios arqueológicos. Desde cedo se percebeu que eles representavam culturas e, talvez, populações diferentes. Com isso nasceu a pergunta de sua cronologia e de seu processo de ocupação.

Numa classificação ampla começou-se a falar de sítios de populações pré-cerâmicas, voltadas para a exploração dos recursos marinhos; de sítios de populações ceramistas, igualmente voltadas para os bens da água; e de horticultores buscando os solos do litoral, mas não os alimentos do oceano. Os primeiros estariam presentes desde o 3º milênio a.C., os ceramistas desde o fim do 1º milênio de nossa era.

Logo os arqueólogos se deram conta de que tanto o primeiro grupo, como o segundo, apresentavam diversificação interna. Começaram, então, a produzir quadros de distribuição geográfica e cronológica (Anamaria BECK 1971, 1972a, Walter F. PIAZZA 1974, Wesley R. HURT 1974, André PROUS e Walter F. PIAZZA 1977, João Alfredo ROHR, S.J. 1984b) e a discutir o processo de como estes fenômenos se teriam dado.

Esta era basicamente uma classificação cultural, com algumas contribuições da biologia. Foi Walter A. NEVES (1984) que resolveu encarar essas classificações e colocá-las em termos de populações biológicas.

Todos estes e posteriormente ainda outros (Sérgio B. da SILVA e outros 1990; SCHMITZ e outros 1992, BANDEIRA 1992) revisaram, no todo, ou em parte, a bibliografia arqueológica do litoral de Santa Catarina, razão pela qual nos escusamos de repetir o exercício.

Nosso trabalho apresenta o relatório final da escavação de um sítio de população ceramista voltado para os recursos da água e do litoral oceânico adjacente, e o problema que somos obrigados a retomar é como populações que usam uma cerâmica típica do Planalto apresentam uma adaptação perfeita ao Litoral, comportando-se como as populações não-ceramistas que as precederam. (Em 1988 Schmitz apresentou um panorama dos sítios e fases da tradição Itararé do Planalto e do Litoral, para o qual remetemos o leitor não familiarizado com a problemática.)

As hipóteses levantadas falam de deslocamentos em caráter permanente de populações do planalto, deixando um modo de vida e assumindo o do litoral (BANDEIRA 1992), incluída mestiçagem com populações locais (NEVES 1984); de deslocamentos estacionais das populações do planalto em busca de recursos complementares (BECK 1971), de aculturação de populações litorâneas em contato com as do planalto, em geral (Prous, em PROUS & PIAZZA 1977), ou através da chegada de mulheres ceramistas do planalto (BRYAN 1961).

O ponto crítico na discussão é comprovar a diferença qualitativa no modo de vida e na biologia das populações consideradas residentes e das consideradas adventícias, i. é, entre as populações litorâneas pré-cerâmicas e as ceramistas de tradição Itararé, e demonstrar a impossibilidade de se explicar esta diferença (especialmente a cultural) por outros fatores.

O maior obstáculo para uma argumentação segura a favor de uma ou de outra hipótese é a pouca definição dos dados produzidos na escavação ou na coleta dos ítems, quer porque o autor da mesma é um amador benemérito, ou um arqueólogo não ligado ao problema; há poucos sítios com escavação de tamanho significativo (excetuando Rohr), sendo, na maior parte dos casos, amostras pequenas demais para compreender o assentamento; a publicação muitas vezes é sumária ou pouco explícita, permitindo ambiguidades na interpretação.

A discussão avança pouco e tem necessidade de mais trabalhos de campo, de publicação dos inéditos e de retomada dos já divulgados. É o que está sendo feito pela equipe de arqueólogos do Instituto Anchietano de Pesquisas em colaboração com a equipe de arqueólogos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nossa discussão está centrada no Litoral Norte e Central de Santa Catarina, onde um número representativo de sítios da tradição Itararé foi estudado. O mesmo fenômeno existe no litoral do Estado do Paraná, mas os estudos são insignificantes (CHMYZ 1976). No Litoral Meridional de Santa Catarina e no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul também existem sítios das populações ceramistas do planalto (tradição Taquara), mas os estudos são pouco representativos e o problema talvez diferente (ROHR 1962; SCHMITZ 1988).

Os sítios que se prestam diretamente para a discussão de nossa problemática vêm a ser os seguintes: Forte Marechal Luz, escavado por Alan L. Bryan, em 1960; Enseada I, escavado por Anamaria Beck e equipe, em 1969-1971; Rio Pinheiros, escavado por Guilherme Tiburtius e João José Bigarella, em 1953; Cubatãozinho, cuja destruição foi acompanhada por Guilherme Tiburtius; Itacoara, escavado por Guilherme Tiburtius, em 1948 e 1949; Cabeçadas, escavado por João Alfredo Rohr, S.J., em 1971; Laranjeiras II, escavado por João Alfredo Rohr, S.J., em 1977 e 1978; Rio Lessa, escavado por Ana-

maria Beck e equipe, em 1969; Base Aérea, escavado por João Alfredo Rohr, S.J., em 1958; Tapera, escavado por João Alfredo Rohr, S.J., em 1962, 1963, 1964, 1965 e 1966 (figura 1).

Alguns desses sítios (Forte Marechal Luz, Enseada I, Rio Pinheiros e talvez Itacoara), por mostrarem sobreposição de estratos pré-cerâmicos e cerâmicos, foram mais usados na discussão.

A seguir apresentamos os dados essenciais de cada um desses sítios e a maneira como foram interpretados em termos de cultura e população. Como existem boas sínteses, com indicação bibliográfica para os sítios, não repetiremos toda a bibliografia, mas a usaremos muito seletivamente. Nosso apoio principal para as sínteses será o texto de PROUS & PIAZZA (1977), embora nem sempre voltemos a repetir nossa fonte.

Forte Marechal Luz:

Sobre uma ponta granítica, no extremo norte da Ilha de São Francisco, município de São Francisco do Sul.

Sambaqui grande, com ao menos 6,5 m de espessura, predominantemente pré-cerâmico, aparecendo a cerâmica de tradição Itararé só nas camadas do metro superior.

Bryan escavou 70 m² em 1960 e do seu trabalho publicou um resumo em inglês (1961), depois traduzido ao português (1977). MELLO E ALVIM & PEREIRA DE MELLO FILHO (1968) fizeram um primeiro estudo dos esqueletos. BECK (1972b) fez o estudo da cerâmica.

Bryan mostra como, nas sete zonas de ocupação, a tecnologia cresce permanentemente:

A I zona de ocupação, em terra escura, diretamente sobre a rocha, tem uma data de 2.340 ± 130 a.C. Materiais: 5 artefatos em osso, 15 em pedra picoteada.

A II zona de ocupação, que seria o primeiro concheiro, quase toda desmontada para revestir uma estrada, também com pouco material, deu uma data de 1.700 ± 130 a.C e uma de 110 ± 120 a.C. Material: 27 artefatos em osso, 7 em concha, 25 em pedra alisada, 1 em barro.

A III zona de ocupação, que seria de regularização e ampliação da superfície, composta de finas lentes alternadas de conchas e carvões grossos, não tem data, nem muito material: 5 artefatos em osso, 3 em concha, 6 em pedra alisada.

A IV zona de ocupação seria uma área de cozinha com 13 recipientes de barro não cozido; pilhas de ossos de peixe indicariam que os recipientes teriam sido usados para cozinhar peixes, mas a área teria sido usada também para preparar corantes. Carvão associado a uma panela foi datado em 520 ± 110 AD. Na zona dos recipientes há um sepultamento intrusivo. A camada

como tal foi perturbada por 36 sepultamentos, os mais antigos datados de 860 ± 100 AD, a camada de 1.110 ± 100 AD. Material: 82 artefatos em osso, 10 em dentes, 67 em conchas, 93 em pedra, 13 em barro.

Na VI zona de ocupação, a primeira cerâmica, ainda continuam os sepultamentos e uma data associada a um sepultamento, das primeiras cerâmicas do sítio, é de 1.070 ± 100 AD. Material: 74 artefatos em ossos, 23 em dentes, 3 em concha, 27 em pedra.

Na zona VII a cerâmica foi mais abundante; nos estratos mais superficiais foram conseguidas duas datas: 1.320 ± 100 AD e 1.360 ± 100 AD. Material: 173 artefatos em osso, 14 em concha, 45 em pedra, 3 em barro, aproximadamente 10.000 fragmentos de cerâmica.

Bryan destaca o crescimento, zona por zona, da tecnologia e explica que o aumento nas últimas zonas não deve ser atribuído exclusivamente ao aumento da área escavada, mas também à aceleração do ritmo de inovação tecnológica. Duas inovações mereceriam destaque: a produção de cerâmica e o aparecimento de lâminas com gume transversal com estrias e polimento semelhantes aos das escavadeiras encabadas (enxadas).

A ausência de uma camada de húmus estéril separando as camadas com e sem cerâmica, mostraria que não houve período de abandono, e que nenhum grupo ceramista novo se instalou no sítio. Como todos os tipos de artefatos teriam atravessado a fronteira invisível entre as camadas sem e com cerâmica, tanto a estratigrafia natural, como os artefatos, mostrariam que a cerâmica simplesmente se teria juntado ao patrimônio cultural da população local. *Pode ser que a repentina aquisição da cerâmica pelo sítio tenha acontecido pela introdução de mulheres vindas do interior, já que os pequenos potes escuros e sem decoração pertencem, evidentemente, à mesma tradição encontrada no planalto* (1977:13), que é denominada Itararé, no Paraná.

Baseado na publicação de Mello e Alvim sobre o material osteológico humano, que mostraria um conjunto muito coerente de características morfológicas, diferentes das conhecidas nas outras populações dos sambaquis, e como não teria encontrado indício arqueológico de imigração populacional, Bryan concluiu, para o momento, que esta população se teria mantido, durante muito tempo, geneticamente distinta dos seus vizinhos do litoral sulbrasileiro. Todavia, esta população teria tido, com certeza, contatos intermitentes com outros grupos, fato que poderia explicar as sucessivas aquisições de tradições tecnológicas significativas, entre elas a cerâmica, tra-zida por mulheres que, provavelmente, teriam vindo do planalto.

Segundo Prous (em PROUS & PIAZZA 1977:89) *a indústria óssea era abundante e parece ter sido encontrada quase exclusivamente nos níveis superiores; são anzóis, pontas duplas em osso de mamífero e esporão de raia, dentes de tubarão perfurados (adornos) e outros, de mamíferos, usados como buris; uma plaqueta perfurada em osso de baleia.*

Os esqueletos estudados como um todo, sem referência à estratigrafia, e, portanto, sem atender à problemática que separa ceramistas de não-ceramistas, não podem ser usados para a tese de Bryan. São 79 indivíduos (26 crianças, 1 adolescente, 52 adultos).

Bryan procura uma solução para a introdução da cerâmica apelando para a vinda de mulheres de fora, provavelmente do planalto. Não é fácil justificar a vinda de mulheres de outro grupo, distante, para um grupo considerado isolado, tendo entre um e outro uma densa população diferente, como são todos os sambaquis da região de São Francisco. Também não é fácil de entender que estas mulheres e suas descendentes produzissem a maior quantidade de cerâmica conhecida de qualquer sítio da tradição Itararé, sem interferir no resto da cultura, e da população, p. ex. gerando filhos mestiços.

Finalmente devemos notar que a explicação de Bryan nos apresenta uma população ceramista permanente, presente no litoral o ano todo, não de forma estacional.

Enseada I:

Sobre uma ponta granítica, um pouco ao sul de Forte Marechal Luz, na mesma ilha e no mesmo município de São Francisco do Sul.

Sambaqui grande, com ao menos 3 m de espessura, metade pré-cerâmico, metade cerâmico.

Beck escavou duas áreas, a primeira de 36 m², a segunda de 16 m², nos anos de 1969, 1970 e 1971, publicando seus resultados primeiro nos Anais do Museu de Antropologia da UFSC (BECK e outros 1971a b), depois na sua tese de doutorado (BECK 1972a), finalmente na de livre-docência (1974); NEVES (1984) estudou os esqueletos; FOSSARI (1985) trabalhou o material ósseo; e BANDEIRA (1992) os restos de alimentos.

Beck acentua que o sítio tem duas ocupações, tendo a primeira (pré-cerâmica) 150 cm de espessura e a segunda (ceramista de tradição Itararé) igual espessura; entre uma e outra ocupações haveria uma camada de húmus, estéril do ponto de vista arqueológico.

A primeira ocupação deixou seus restos sob a forma de um concheiro de material solto, ao passo que a segunda aparece como um sambaqui sujo, com muita terra e muito menos quantidade de conchas e ossos. A indústria lítica seria pobre em ambas as ocupações. A segunda ocupação se caracterizaria por uma forma diferente de enterrar os mortos, abundante cerâmica, grande número de artefatos em osso e abastecimento alimentar diversificado.

Os mortos da primeira ocupação teriam um padrão variado e pouco definido de deposição, sendo ora fletidos, ora estendidos, ao passo que os da segunda estariam sempre fletidos.

Na segunda ocupação existem 4.500 fragmentos de cerâmica Itararé, nada na primeira (BECK 1972b).

Os artefatos em osso, dente de mamífero ou peixe seriam abundantes na segunda ocupação, quase ausentes na primeira (Ver também FOSSARI 1985): são anzóis, pontas pedunculadas, pontas uni ou biterminadas, placas retangulares ou triangulares, furadores, vértebras perfuradas etc.

O abastecimento alimentar da primeira ocupação seria fortemente apoiado na coleta de moluscos e muito mais variado na segunda, que explora tanto os recursos da água, como os da mata (Ver também BANDEIRA 1992).

Finalmente a biologia das duas populações seria diferente (Ver NEVES 1984), representando a primeira uma população local e a segunda uma invasora do planalto.

Não parece haver dúvida de que as duas ocupações de Enseada I apresentem características diferentes.

Não existem datações para as mesmas.

Assim é conveniente salientar que a importância da introdução da cerâmica no litoral advém não apenas de uma modificação técnica, trazida por grupos que recentemente chegaram à região, mas principalmente por todas as consequências que a introdução de tal elemento técnico teve sobre as populações que se seguiram ao evento. (BECK 1972a:208-209)

Com relação à forma de assentamento, BECK (1972a:207-208), apoiada na afirmação de Darcy RIBEIRO (1970:318-319) de que os xokleng teriam pendulado estacionalmente entre o planalto e o litoral, onde colhiam ostras e mariscos, aceitando a hipótese de que a cerâmica talvez tenha sido introduzida no litoral pelos xokleng, se inclina a uma ocupação estacional para o sítio cerâmico. *Esta atividade, distribuída entre litoral e planalto, permitia uma exploração mais eficiente dos recursos de uma vasta região e, conseqüentemente, uma dieta alimentar mais variada e mais rica.*

Rio Pinheiros:

Sambaqui de 15 m de altura, 65 x 47 m de base, que estava apoiado em parte sobre uma duna de areia, em parte sobre um depósito de mangue, junto ao Rio Pinheiros, Município de Araquari.

Foi destruído na década de 1950, sendo escavada uma parte em 1953 por Guilherme Tiburtius e João José Bigarella (TIBURTIUS 1961, TIBURTIUS, BIGARELLA & BIGARELLA 1954). O resumo, a seguir, é tirado de PROUS & PIAZZA 1977:80-82.

Quatro camadas arqueológicas foram determinadas, numeradas de baixo para cima.

A mais alta (IV), de uns 60 cm de espessura, continha abundante cerâmica simples de tradição Itararé, 2 percutores, 20 artefatos polidos (lâminas de machado e de facas), lascas de quartzo e diabásio; poucos ossos trabalhados (2 pontas de osso e 1 dente trabalhado, sem anzóis), 14 esqueletos em posição fletida, dos quais 2 eram de crianças.

Na camada III, de aproximadamente um metro de espessura, composta de restos de alimentos, não teriam sido encontrados artefatos, nem esqueletos humanos.

A camada II, de 2 m de espessura, continha numerosos artefatos líticos (percutores e suportes, lâminas polidas de machado e de outros instrumentos e um pendente furado), numerosos artefatos ósseos (pontas, dentes trabalhados e/ou usados, adornos em bula timpânica de baleia, em vértebras perfuradas, em dentes de felinos, em conchas perfuradas, e conchas resistentes com grandes perfurações que se insinuam como raspadores), 14 sepultamentos de adultos e 8 de crianças, quase todos também em posição fletida e muitos acompanhados de utensílios ou adornos.

A camada I, com aproximadamente 3 m de espessura, só continha restos de alimentos e 2 sepulturas.

Fora da área escavada foi encontrado um zoólito e conchas de *Lucina* com bordos denteados artificialmente.

Nada se pode dizer sobre a população porque não foi analisada independentemente (NEVES 1984).

Existem duas datas bastante diferentes para dois lugares também diferentes da base: 2.630 ± 120 a.C. e 1.900 ± 140 a.C. (Laboratório de Geocronologia da UFBa).

Cubatãozinho:

Sambaqui de grande tamanho, situado junto ao rio Cubatãozinho, foi totalmente destruído para fornecer material para a construção do aeroporto de Joinville.

Tiburtius acompanhou a parte final da destruição e recolheu algumas peças (TIBURTIUS & I.K.BIGARELLA 1960:22-23). Outras pessoas guardaram material avulso.

Ele teria sido constituído de estratos alternados de mexilhões, de ostras e de berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*); restos de grandes peixes teriam sido especialmente numerosos.

Uma parte do sambaqui estava coberta por uma camada pouco espessa (menos de um metro) de terra escura, na qual os restos de moluscos eram pouco abundantes e onde foram encontrados numerosos fogões empedrados, sepulturas e restos de cerâmica (Prous em PROUS & PIAZZA 1977:85). Devi-

do à proximidade de outros sítios parecidos não é temerário pensar que a cerâmica seria da tradição Itararé.

Não existe datação radiométrica para o sítio.

O resumo é feito a partir de PROUS & PIAZZA 1977:85-86.

Itacoara:

Na margem esquerda do rio Pirai, a 32 km de sua desembocadura e 8 km da cidade de Joinville, sobre saliência cristalina, encontrava-se este concheiro com 15 x 20 x 1,2 m. Sobre o depósito conchífero teria havido um espaço plano, criado pelo homem e que teria sido um fundo de cabana, mas aparentemente sem artefatos. A alguns metros de distância teriam existido 4 fogueiras de 2 m de diâmetro, cheias de cacos de cerâmica, as quais foram interpretadas pelo escavador como fornos para queimar cerâmica.

O sítio foi sondado por Tiburtius em 1947, e completamente escavado em 1948 e 1949. TIBURTIUS, BIGARELLA & BIGARELLA (1951) apresentam a estratigrafia e o material; TIBURTIUS & I.K. BIGARELLA (1953) apresentam certos instrumentos, como os anzóis; TIBURTIUS (1960), os objetos em osso; TIBURTIUS & LEPREVOST os corantes (1952) e as lâminas de machado (1953); TIBURTIUS (1961), os dentes de porco-do-mato; IMBELLONI (1955), os esqueletos. BECK (1968), a cerâmica.

A camada arqueológica superior era formada por uma matriz de terra orgânica, contendo numerosos esqueletos, seixos, artefatos líticos abundantes, artefatos ósseos e cerâmica.

A camada arqueológica inferior, de 80 cm de espessura, compunha-se, essencialmente, de conchas de um molusco fluvial (sem excluir alguns moluscos marinhos). Continua, também, sepulturas e material lítico e ósseo, mas nenhuma cerâmica (Prous, em PROUS & PIAZZA 1977:103).

Tiburtius insiste que a cerâmica e os buris em dente de porco-do-mato só existem na camada superior. Pelo contrário, afirma, por diversas vezes, que os anzóis de osso e os outros tipos de instrumentos foram recolhidos em todos os níveis.

Os artefatos líticos seriam: lâminas de machado, facas, polidores, artefatos fusiformes, um tembetá em quartzo, um virote; muitas lascas de quartzo e ágata e uma de sílex, algumas retocadas; *pesos-de-rede*, seixo com gargalo, ou entalhe, *quebra-cocos*, percutores, fragmentos de corante vermelho.

Os artefatos ósseos seriam: agulhas, furadores, anzóis, pequeno harpão, pontas-de-projétil, ossos com entalhes nas extremidades longitudinais etc. e numerosos dentes.

A cerâmica é atribuída por Beck à fase Enseada e, com isso, à tradição Itararé, mesmo que haja alguns fragmentos corrugados; CHMYZ (1976) a classifica como Tupiguarani. A cerâmica que aparece praticamente em todos

os níveis, no corte realizado por W.F. Piazza (está guardada no Museu de Antropologia da UFSC), é claramente da tradição Itararé.

53 esqueletos teriam sido encontrados na camada superior, dos quais 26 imaturos. Não se indica em que posição estariam enterrados. Dos adultos 11 teriam sido do sexo masculino, 9 do feminino. Numa sepultura dupla, de um adulto e uma criança, um e outro esqueleto teriam uma ponta de flecha cravada no osso.

Para NEVES (1984) o grupo, ou os grupos, que teriam ocupado Itacoara, mostrariam grande afinidade biológica com os construtores de sambaquis da mesma região; mas como o material não foi separado por níveis, nem o sítio examinado isoladamente, esta constatação nada diz para nosso problema.

Balneário de Cabeçadas:

Localizado numa praia do município de Itajaí, este sítio se compõe de uma camada de terra escura com restos de conchas, ossos e cerâmica Itararé, com aproximadamente 1 m de espessura e grande superfície, da qual foi escavada pequena parte, a título de salvamento, por João Alfredo Rohr, em 1971 (ROHR 1973a b).

Tanto a indústria óssea, como a lítica estariam bem desenvolvidas.

Restos de 56 indivíduos foram exumados, a maioria depositados em posição fletida.

Não existem datações radiométricas, nem publicações detalhadas. O material está sendo estudado pela equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas para uma publicação posterior.

De acordo com NEVES (1984) esta população, como a da Tapera e da Base Aérea, seria geneticamente afim dos construtores pré-históricos de sambaquis do Paraná e Norte de Santa Catarina, mas não dos locais.

Laranjeiras II:

Numa praia arenosa, na pequena baía das Laranjeiras, cercado por morros graníticos cobertos pela Floresta Atlântica, no município de Camboriú, encontra-se este típico sítio Itararé litorâneo.

As camadas arqueológicas, com uma espessura de um pouco menos de um metro, são compostas por estratos terrosos, com moluscos, ossos de peixes, de mamíferos e de aves, dispersos. A superfície original do sítio deveria ter uns 1.000 m², dos quais Rohr escavou uns 500 m², em 1977 e 1978.

Além de artigos de divulgação (1977, 1978 a b, 1982) Rohr, uns dias antes de sua morte, acabou um texto, que deveria dar conta do trabalho e do material (1984). Na realidade, foi melhor retomarmos todos os documentos e materiais, donde resultou o presente trabalho.

A escavação realizada corresponde aproximadamente à metade do sítio, tendo a outra parte sido destruída pelo proprietário do terreno; o que sobrou ainda é suficiente para se reconhecer grande parte da antiga aldeia: o espaço construído, no lado esquerdo; o setor das fogueiras, no lado direito, e o lixo mais ofensivo, na parte da frente, junto à praia atual. O sítio começa no limite das marés mais altas e, pela esquerda, encosta num córrego permanente. É uma aldeia compacta, onde construções, áreas de fogo e de lixo estão muito próximos.

O material lítico, polido e/ou lascado, é abundante e se constitui de talhadores, lâminas de machado, percutores, suportes, esmagadores, facas, raspadores, *pesos-de-rede*, artefatos fusiformes, num total analisado de 2.308 peças, nas quais não está incluído todo o material que foi descartado no campo, por ocasião da escavação.

O material ósseo se compõe de pontas uni e biterminadas, pontas pedunculadas, ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas, além de dentes furados ou transformados de outra maneira, vértebras perfuradas e umas poucas conchas trabalhadas, geralmente agrupadas sob a forma de colares.

A cerâmica, de tradição Itararé, era abundante, somando 5.551 fragmentos bastante bem conservados.

Os restos de alimentos provêm de animais da água, da praia e da mata: são peixes, moluscos, equinodermas e uns poucos crustáceos, além de mamíferos marinhos e terrestres e aves, mostrando um aprovisionamento variado.

Os 114 sepultamentos são muito característicos: representam indivíduos das diversas faixas etárias, encontram-se fletidos, enterrados dentro das choupanas contra as paredes, orientados genericamente praia-interior e vêm com pouco acompanhamento funerário. Poucos indivíduos estão sepultados fora das choupanas, estando entre os inteiros 4 indivíduos maduros, também fletidos, mas orientados oeste-leste, isto é, ao longo da praia, na proximidade do lixo, ou entre fogões, numa forma de deposição claramente contrária ao geral dos mortais.

A calcular pelo número dos mortos dentro das choupanas (até 30), as moradias deveriam ser plurifamiliares, ou de famílias extensas e duradouras, levando-nos a pleitear uma aldeia com longa duração ininterrupta. As choupanas teriam uns 8 metros de diâmetro.

A faixa etária por ocasião da morte, nos esqueletos em que é possível estabelecê-la, é a seguinte: 32,5% dos indivíduos morria sem atingir o estado adulto; aparentemente morriam mais meninas que meninos porque os homens representam 57,8% dos que chegaram ao estado adulto (20 anos), contra 42,5% de mulheres. Dos adultos, 64,4% não atingiram os 30 anos; só um atingiu os 50. Os homens ofereciam uma longevidade marcadamente maior que as mulheres.

NEVES (1984) coloca a população como muito parecida com a adventícia, que teria feito a ocupação ceramista do litoral.

Culturalmente a aldeia comparte com outros sítios, que também apresentam cerâmica Itararé, uma grande parte de seus elementos materiais. De forma parcial compartilha alguns outros: p. ex. sepultamentos fletidos e anzóis com os do Litoral Norte; sepultamentos dentro das moradias, com a primeira ocupação da Tapera.

Na mesma praia existe um sítio pré-cerâmico antigo, com o qual partilha pouco, biológica e culturalmente.

Não existe uma data confiável para o sítio, mas por suas características podemos colocá-lo no período abrangido por outros sítios da tradição Itararé do Litoral, i. é, entre 800 e 1.300 de nossa era. Apesar de Rohr falar que o sítio tem uma parte pré-cerâmica, isto não foi confirmado com o reestudo por nós realizado. Também não apresenta claro contato com o Tupiguarani, apenas alguns cacos corrugados superficiais, que podem ser de populações neobrasileiras, como o resto da cerâmica não-Itararé.

Rio Lessa:

Sobre uma ponta granítica, na Baía Norte, junto ao rio Lessa, na cidade de Florianópolis, na ilha de Santa Catarina.

Sítio pequeno e raso, com 130 cm de espessura, com estratos terrosos, onde os moluscos não formam estruturas significativas, ocorrendo em lentes pouco compactas e de mistura com outros elementos, como ossos de peixes e de mamíferos e outros restos.

Em 1969 Beck e sua equipe escavaram 52 m² (BECK 1972a b, BECK e outros 1969).

A indústria lítica consistia de lâminas de machado polidas ou semipolidas, artefatos fusiformes em diabásio, polidores, alisadores, *pesos-de-rede* e percutores em granito.

A indústria óssea estava representada por pontas em osso de aves, de mamíferos e esporões de raia; dentes de seláquios e mamíferos modificados e pequenas contas de colar, feitas de conchas. Sem anzóis.

A cerâmica utilitária (419 fragmentos) foi atribuída à tradição Itararé.

O abastecimento alimentar parecia apoiar-se na exploração dos recursos da água e da terra firme.

Havia numerosos ossos humanos, desconjuntados por atividades posteriores na superfície do sítio. Segundo Prous (em PROUS & PIAZZA 1977:110) pode-se calcular em 16 o número dos sepultamentos na área escavada.

Não existem datas de C¹⁴ para o sítio.

O conteúdo cultural do Sambaqui do Rio Lessa (...) e dos sítios arqueológicos escavados por Rohr (1959, 1966) e Rohr e Andreatta (1969) indicam uma mudança, perfeitamente definida, do litoral por parte de grupos de caçadores-coletores. A indicação mais importante, é sem dúvida alguma, a introdução da cerâmica, que além de permitir a observação de uma mudança tecnológica, indica, também, mudanças em outras esferas da sociedade - que a recebe ou inventa. Se os construtores do Sambaqui do Rio Lessa (...) e dos Sítios Paleoetnográficos da Base Aérea, Tapera e Armação do Sul receberam a cerâmica antes de sua dispersão para o litoral não podemos dizê-lo. Entretanto, esta cerâmica chegou ao litoral trazida por este grupo, o que certamente marcou a sua passagem por outras partes do caminho que percorreram. Certamente, a introdução da cerâmica no litoral vai permitir que, afinal se possam estabelecer as rotas de migração que tomariam os grupos habitantes do planalto para o litoral, em determinados períodos do ano. (BECK 1972a:196).

Base Aérea:

Localizado numa praia arenosa, em pequena enseada na Baía Sul, na Ilha de Santa Catarina, olhando para o continente. O sítio teria uns 400 x 50 m, dos quais Rohr escavou aproximadamente 200 m², em 1958. Esta foi a primeira escavação mais ou menos sistemática de Rohr (ROHR 1959, SCHMITZ 1959).

Os estratos tinham um pouco mais de 1 m de espessura. A camada arqueológica era composta de restos ósseos e conchíferos em matriz de sedimentos orgânicos escuros, formados em cima de areia amarelada de antiga praia; nesta camada subjacente estava escavada a maior parte das sepulturas e sobre ela estavam implantados numerosos fogões.

É escassa a cerâmica recolhida (180 fragmentos), que é atribuída à tradição Itararé.

Os artefatos líticos constituem-se de lâminas polidas e/ou lascadas de basalto, *quebra-cocos*, percutores, artefatos fusiformes, polidores, suportes de diabásio e um pequeno triângulo de quartzito.

Os artefatos ósseos recolhidos eram menos abundantes: pontas, um furador, ossos trabalhados de porco-do-mato, numerosos adornos sobre dentes e conchas. Sem anzóis.

Havia 54 esqueletos em deposição primária, estendidos.

NEVES (1984) diz que os ocupantes do sítio têm uma relação genética com os pré-cerâmicos, só que aqueles do Paraná e Norte de Santa Catarina e não os do próprio Litoral Central.

Prous (em PROUS & PIAZZA 1977) discute se a cerâmica atingiria só a camada superior ou todo o estrato. Não existe, hoje, a possibilidade de resolver esta questão, por falta de dados. Mas a data de 1.150 ± 70 AD (SI-243),

conseguida para o sítio, indica que neste tempo, na Tapera, a poucos quilômetros de distância já existia, desde muito, uma grande aldeia de tradição Itararé, o que torna a discussão acima bastante deslocada.

Tapera:

Localizado numa praia arenosa, em pequena enseada na Baía Sul, na Ilha de Santa Catarina, olhando para o continente.

Rohr escavou mais de 2.000 m², nos anos de 1962, 1963, 1964, 1965 e 1966 (ROHR 1966, 1967, 1968, 1975; SILVA e outros 1990).

Os estratos tinham ao redor de 1 m de espessura. A camada arqueológica era composta de restos ósseos e conchíferos numa matriz de sedimentos orgânicos escuros, formados em cima de uma camada amarelada de antiga praia. A maior parte dos sepultamentos e dos fogões e covas de lixo encontravam-se na parte inferior da camada arqueológica.

Os artefatos, incluída a cerâmica, eram encontrados em toda a espessura da camada, mas principalmente na parte média, onde também estavam concentradas as conchas.

4.271 peças líticas foram recolhidas, compreendendo percutores, suportes, polidores e alisadores, lascas, lâminas de machado polidas ou semi-polidas, *pesos-de-rede*, artefatos fusiformes, a maior parte em basalto.

Foram recolhidas 3.502 peças produzidas a partir de ossos, compreendendo pontas de projétil, agulhas, artefatos fusiformes, ossos e dentes de mamíferos ou peixes furados ou modificados de outra forma, e conchas perfuradas. Sem anzóis.

O abastecimento alimentar era variado, utilizando recursos do mar e da floresta.

Havia 4.631 fragmentos de cerâmica Itararé, espalhados por todos os estratos e 19.491 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, encontrada predominantemente na superfície, mas misturada igualmente nos outros estratos por causa da imensa perturbação criada pelas atividades na aldeia.

Foi possível mostrar a estrutura da aldeia com os mortos, os fogões, os artefatos principais, a cerâmica Itararé e o lixo mais denso, tudo isso ocupando o centro, ao passo que a cerâmica Tupiguarani estava mais fortemente distribuída na periferia.

Dos 172 sepultamentos, absolutamente a maior parte estão estendidos; dos poucos fletidos a maior parte são crianças, cujos corpos foram enterrados em posições mais livres. Quanto à faixa de idade: 74 (43,0%) são de menores de 20 anos; 79 (45,9%) são adultos entre 20 e 29 anos; 19 (11,0%) são maduros, com 30 anos ou mais.

Dois adultos tinham pontas de projétil em osso cravadas nas vértebras.

No começo os mortos eram enterrados estendidos contra a parede interna das choupanas, que teriam uns 6 m de diâmetro; numa segunda fase, que abrange a maior parte dos sepultamentos, eles eram depositados em pequenos cemitérios domiciliares. Certamente todos estes mortos pertencem à aldeia dos ceramistas da tradição Itararé. Por quê? Em toda a região o Tupiguarani costuma enterrar os seus mortos em urnas; apesar de terem sido recuperados fragmentos de vasos grandes pintados ou corrugados, o cemitério da ocupação Tupiguarani não apareceu na área escavada.

Segundo NEVES (1984) os habitantes da Tapera teriam afinidade genética com os construtores dos sambaquis do período pré-cerâmico do Norte de Santa Catarina e do Paraná e não com os do Litoral Central. Isto mais uma vez excluiria a possibilidade de os mortos terem sido da população Tupiguarani.

As datas para o sítio são as mais antigas conhecidas para a tradição Itararé no Litoral: 810 ± 180 AD (SI-245), 920 ± 180 AD (SI-246) e $1.165 \pm ?$ AD (SI-?). As outras duas datas, de 1.400 ± 70 AD (SI-244) e $1.525 \pm ?$ AD (SI-?) certamente se referem à ocupação Tupiguarani, quando a população Itararé já não deveria ocupar este espaço. (As datas com sinais de interrogação foram tiradas de PROUS & PIAZZA 1977).

Vistos individualmente os sítios diretamente ligados ao problema, tentamos sintetizar as informações, sob os seguintes itens: os elementos culturais comuns aos sítios Itararé, os elementos que os distinguem dos sítios pré-cerâmicos e os que os aproximam dos mesmos.

a. Elementos culturais e biológicos comuns aos sítios Itararé.

- Estratos terrosos, com restos faunísticos dispersos, espessura pequena, não ultrapassando os 150 cm.
- Aproveitamento alimentar variado, incluindo peixes, moluscos, equinodermas, aves, mamíferos marinhos e terrestres.
- Instrumental ósseo abundante, compreendendo pontas de projétil uni e biterminadas e triangulares pedunculadas, além de dentes de animais transformados para uso como instrumentos ou adornos. No Litoral Norte também anzóis.
- Uma indústria lítica de artefatos polidos e/ou lascados, além de peças usadas com pouca ou nenhuma modificação intencional.
- Uma indústria cerâmica de vasilhames utilitários pequenos e simples, em tudo semelhante à que existe no planalto do Paraná, com o nome de tradição Itararé.
- Abundantes sepultamentos de indivíduos de ambos os sexos, pertencentes a diversas faixas etárias.
- Semelhança biológica das populações por grupos de sítios.

b. Elementos que os distinguem dos sítios pré-cerâmicos.

- A distinção física dos sítios. Quando sobrepostos a concheiros, estão separados destes por camadas estéreis (Enseada I, Rio Pinheiros; exceção parece Forte Marechal Luz) e têm uma composição diferente. Geralmente se encontram em espaços separados, diretamente sobre a praia do mar (Rio Pinheiros está perto, Cubatãozinho está sobre o canal, Itacoara dista bastante). No Litoral Norte de Santa Catarina estão na periferia da área ocupada pelos grandes e numerosos sítios pré-cerâmicos, ou porque esta área ainda está ocupada ou porque os grupos ceramistas preferem um ambiente menos pantanoso. - A cerâmica é mais abundante nos sítios do Litoral Norte do que nos do Central.

A abundância de certos artefatos ósseos, como sejam pontas ósseas (ou certos tipos destas), dentes de tubarão duplamente perfurados, típicos anzóis de osso, que indicam, ao menos, a intensificação de certas atividades. Em sítios pré-cerâmicos relativamente recentes uma indústria óssea de artefatos semelhantes já aparece em Armação do Sul, em Praia Grande e Forte Marechal Luz.

- No aprovisionamento alimentar, mais utilização de pesca, caça terrestre, marinha e volátil, contrapondo-se ao maior acento na coleta do período anterior; esta coleta de moluscos produz concheiros típicos bastante diferentes dos estratos terrosos dos sítios cerâmicos; isto não quer dizer que não existam *sambaquis sujos*, terrosos, pré-cerâmicos.

- Sepultamentos dentro de choupanas, ou em cemitérios domiciliares espacialmente delimitados, indicando relativa estabilidade das habitações e das aldeias.

- Há elementos biológicos que indicam grupos diferentes daqueles tradicionais do litoral (Enseada I, Laranjeiras II), mesmo que em outros sítios se note grande afinidade com os pré-cerâmicos (Base Aérea, Tapera e Cabeçadas).

c. Elementos relativamente semelhantes com os pré-cerâmicos.

- A instalação no mesmo ambiente geral e a utilização dos mesmos recursos deste ambiente.

- A continuidade da maior parte da tecnologia lítica e óssea, até mesmo a continuidade de certos artefatos aparentemente não-utilitários, como os fusiformes, nos quais persistem inclusive a matéria-prima especial e as formas padronizadas.

- Formas de sepultamento, como a disposição em que os corpos são depositados, estendidos ou fletidos.

- A estruturação geral do espaço do assentamento.

- Até a semelhança biológica, em muitos casos.

Observando as semelhanças e diferenças culturais e biológicas apontadas, há razões para se pensar na presença junto ao litoral de novos grupos, que seriam os portadores da cerâmica de tradição Itararé, que se instalaram aí de forma permanente como demonstram os numerosos sepultamentos dentro das mesmas choupanas ou nos cemitérios domiciliares, formas de sepultamento não registradas em sítios pré-cerâmicos próximos, mesmo quando escavados em grandes extensões, como são o de Laranjeiras I, perto de Laranjeiras II, ou Armação do Sul, perto da Tapera.

Se nem sempre parece haver apoio suficiente para pleitear estabelecimentos novos, podemos pensar, para alguns sítios, contatos importantes, estacionais, periódicos ou regulares com populações do planalto ou com aquelas anteriormente chegadas ao litoral; quem sabe isto poderia explicar a presença de matérias-primas talvez estranhas à região, no sítio de Itacoara; e poderia ajudar a compreender sítios, onde a população parece ser do tronco pré-cerâmico, mas não seu modo de vida.

Uma pendulação estacional entre o planalto e o litoral é possível, mas não conta, neste momento, com suficiente apoio arqueológico.

O trabalho de NEVES (1984), a síntese produzida por PROUS & PIAZZA (1977) e a publicação integral das escavações do Pe. João Alfredo Rohr, S.J., pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, sugerem que a situação é complexa, exigindo não só uma revisão cuidadosa do material e informação existentes, mas a complementação da pesquisa.

A primeira observação a fazer, após ter revisado parte da bibliografia e do material, é que vem ocorrendo erros e ambiguidades na interpretação dos dados: Itacoara, apesar de outras opiniões, parece ser ao menos predominantemente Itararé; Tapera é Itararé, mas com uma sobreposição ulterior de um assentamento Tupiguarani; Laranjeiras II é Itararé; para a Base Aérea não existem dados para uma divisão em período cerâmico e outro pré-cerâmico.

Para outros sítios a escavação e/ou dados existentes ou publicados são insuficientes. Datações existem para poucos sítios. Os materiais também podem ser insuficientes: Neves (1984) precisou juntar esqueletos do período cerâmico e do pré-cerâmico de alguns sítios, ou esqueletos de vários jazidas pré-cerâmicas para conseguir amostras representativas para o seu trabalho. Os materiais podem ser insuficientemente identificados, o que levou MELLO E ALVIM & PEREIRA DE MELLO FILHO (1968) a juntar numa só amostra os esqueletos das várias zonas de ocupação de Forte Marechal Luz.

Para Forte Marechal Luz ainda não temos uma publicação detalhada da escavação, com a discriminação dos materiais das sete zonas de ocupação. Como não temos ainda para Cabeçudas. Para Laranjeiras I pode se ver o primeiro trabalho de RÜTTSCILLING & SCHMITZ (1990).

De escavações ou salvamentos antigos podem faltar informações sobre as camadas ou a ocorrência, nelas, dos materiais; pensamos especialmente nos trabalhos pioneiros de Guilherme Tiburtius.

Com exceção dos últimos trabalhos do Pe. Rohr, as escavações realizadas por arqueólogos em Santa Catarina costumam ser reduzidas demais para se ter uma visão das estruturas do assentamento.

Considerado tudo isso, damo-nos conta, facilmente, que não podemos resolver o problema que propusemos. De nossa parte estamos contribuindo de duas maneiras: primeiro, publicando integralmente os materiais e relatórios das escavações do Pe. Rohr e, segundo, continuando a realizar escavações representativas, em novos sítios, escolhidos em função do problema geral do povoamento do litoral.

Qual é nossa hipótese atual, com as informações existentes?

Há forte sugestão de que, efetivamente, populações semelhantes aos ceramistas do planalto do Paraná estejam também instaladas ao longo do Litoral Norte e Central de Santa Catarina.

É possível que, em alguns sítios, tenhamos essas populações relativamente não mescladas, como poderiam ser Enseada I e Laranjeiras II, quem sabe a primeira ocupação de Tapera.

É bem provável que entre estas populações e as tradicionais moradoras do litoral, além de conflitos, tenha havido associação, mestiçagem e aculturação, que poderia fazer sobreviver umas e outras populações, talvez até com maior segurança que antes.

Qual a relação dos ceramistas Itararé, tanto os supostamente mesclados, quanto os supostamente não mesclados do litoral, com os ceramistas Itararé do Planalto, é uma questão aberta, por faltarem dados. Aparentemente, com exceção da cerâmica, muitos elementos da cultura material e o aprovisionamento, se apresentam diferentes. Talvez o aprovisionamento alimentar, e a tecnologia que o acompanha, continue sendo oportunístico. Se no planalto este aprovisionamento, e a tecnologia que o tornava possível, era oportunístico relativamente aos recursos disponíveis (coleta, caça e alguns cultivos estacionais), o mesmo pode estar continuando a ser feito neste outro ambiente, mas com alguns recursos diferentes; o oportuno poderia ser a intensificação da pesca, a coleta marinha e a caça de novos animais, diferentes dos caçados anteriormente; talvez também não precisassem dos cultivos estacionais. Os antigos moradores do litoral lhes emprestariam, para isso, alguns conhecimentos e tecnologia.

Adaptações teriam de ser feitas nas habitações, construindo choças de palha nos terrenos friáveis e quentes do litoral e esquecendo as casas subterâneas dos terrenos consistentes e frios do planalto.

Novos circuitos matrimoniais poderiam surgir.

E o mundo do ritual? Sobre ele conhecemos pouco no litoral e praticamente nada no planalto.

Como também ainda nada sabemos de como essas populações Itararé do litoral se relacionariam econômica, social e politicamente com as que usavam a mesma cerâmica no Planalto, que poderiam ser seus parentes ou mesmo ancestrais.

Com a publicação de Laranjeiras II buscamos oferecer aos colegas informações tão precisas quanto é possível sobre este assentamento Itararé do litoral de Santa Catarina.

2. O SÍTIO DA PRAIA DAS LARANJEIRAS II E SUA ESCAVAÇÃO

O sítio em estudo está localizado no município de Balneário Camboriú. Este município se constitui de estreita faixa litorânea, com 50 km² de superfície, que se encontra entre 26°58' e 27°04' de latitude sul e 48°54' e 48°16' de longitude oeste.

Localiza-se 6 quilômetros ao sul da foz do rio Itajaí e 80 quilômetros ao norte de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. É regado pelo rio Camboriú, que, dentro do município, possui apenas dois quilômetros e meio de extensão, mas 40 m de largura.

A praia do balneário Camboriú, com 7 quilômetros de comprimento, mar calmo e águas limpas, tornou-se internacionalmente famosa pela afluência de veranistas.

No município existem outras praias, em pequenas baías, cercadas por morros do sistema da Serra do Mar, de formação cristalina e separadas umas das outras pelo avanço destes morros mar adentro, constituindo pontões e ilhas.

Ao lado de Taquaras, Taquarinhas, Pescador, Estaleiro e Mato do Camboriú, está a pequena baía das Laranjeiras, que comporta uma praia com pequena retaguarda aplanada, confinada entre morros; ela é fechada ao norte pelo morro-pontão das Laranjeiras e no sul pela ponta das Taquaras. Sua extensão não passa de 1.100 m (figura 1 e 38a).

Ela é abastecida de água potável por três córregos, que drenam os morros, sendo que dois se encontram nas duas extremidades e um no meio.

Na extremidade leste, junto ao córrego mais potente, mas que não é mais que uma pequena vertente entre blocos rochosos, encontra-se o sítio cerâmico em estudo. Ele deve ter praticamente encostado no curso d'água e se estendido uns 50 m ao longo da praia e uns 30 m para o fundo, tendo uma camada arqueológica de menos de 100 cm de potência, composta de húmus e restos variados de alimentos e resíduos artesanais.

Junto ao córrego do outro extremo da praia encontra-se um sítio pré-cerâmico de 60 m de comprimento ao longo da praia, por 50 m de fundos e 150 cm de espessura, a composição de cujas camadas é de ostras, restos humanos e culturais.

A ocupação pré-histórica é atestada, além dos dois sítios, por numerosos amoladores circulares ou lineares, nos blocos rochosos que fecham a praia em ambas as extremidades.

O sítio cerâmico, de que nos ocupamos, encontra-se em terreno levemente ascendente sobre antiga praia e começa na linha de maré máxima. A escavação atingiu um máximo de largura de 30 m, com um aclave de 200 cm, mas o sítio continuava ainda por baixo da residência de três alas de Gerson Maisonave, construção que o cerca pelo sul. Pode-se calcular a sua superfície em 1.000 m², dos quais foram escavados ao redor de 500 m².

Pe. João Alfredo Rohr, S.J., então representante honorário do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) no estado de Santa Catarina, vinha supervisionando os sítios arqueológicos do litoral, protegendo-os ou escavando de acordo com a necessidade.

Em 1974 teve notícias do aparecimento de esqueletos na praia das Laranjeiras, através do Sr. Acolon Cordeiro.

Em 5 de maio de 1975 fez a primeira inspeção no local, constatando a presença dos sítios e que, sobre os mesmos estavam sendo construídos barcos, que ameaçavam sua integridade.

Em 22 de maio fez outra visita com o pessoal da prefeitura de Balneário Camboriú para delimitar os sítios. Pediu também, nesta oportunidade, que a Prefeitura se encarregasse de estaquear a parte do sítio cerâmico, que se encontrava mais próxima do córrego. O estaqueamento foi realizado, mas o trabalho não podia ser começado porque antes havia necessidade de assentimento dos dois proprietários dos terrenos, um dos quais morava no Paraná e o outro no Rio de Janeiro.

Como o contato demorasse, Rohr foi escavar o sítio do Pântano do Sul, no extremo-sul da ilha de Santa Catarina, no que gastou um ano e meio. Quando voltou à praia das Laranjeiras, constatou que o proprietário da área estaqueada, que era a mais rica do sítio, havia passado o trator, demolindo completamente a camada arqueológica numa larga faixa e decapando mais uma superfície junto à praia, mas sem impedir a utilização das camadas mais profundas; deixava intacto um espaço no qual havia uma pequena casa de madeira de um morador antigo. O espaço inutilizado deve medir perto de 500 m². Este terreno pertencia a Adúcio Correa (Ver figura 3).

Para impedir maiores prejuízos, Rohr começou a escavar a parte do sítio, que sobrava no terreno de Adúcio Correa. É a chamada primeira etapa, que se estende de 5 de julho a 30 de setembro de 1977.

O terreno foi estaqueado em quadrículas de 2 m de lado, orientadas pelos pontos cardiais, recebendo as estacas das coordenadas norte-sul números, de 1 a 6, e as estacas das coordenadas leste-oeste letras do alfabeto. A escavação avançou, por um lado, até a proximidade do córrego, pelo outro, até o ponto atingido pela maré alta máxima e, no terceiro, até o limite

com o terreno de Gerson Maisonave. O ponto zero para nivelamento da escavação foi colocado perto da casa de Maisonave, no ponto mais alto e mais afastado da área que a escavação tinha condições de atingir e se localizava a 3,94 m sobre o nível da maré média.

Esta escavação, segundo Rohr, teria abrangido 172 m² (De acordo com as quadrículas que têm material registrado daria um pouco mais).

A remoção foi feita em níveis artificiais de 20 cm de espessura, sendo os materiais e estruturas registrados no diário, em fichas, desenhos e fotografias. Os restos de alimentos foram recolhidos parcialmente, como amostra não controlada e, mesmo assim, são muito numerosos. Os materiais líticos foram igualmente selecionados em campo, anotando-se no diário os números totais recuperados, os descartados e os levados ao laboratório. Os artefatos ósseos e conchíferos foram todos guardados. Os sepultamentos tiveram tratamento diferenciado: os mais inteiros e conservados foram expostos até se tornarem bastante visíveis, depois cimentados e assim levados ao Museu Municipal de Balneário Camboriú, criado expressamente para conter os restos dessas escavações. A maior parte dos esqueletos, depois de convenientemente documentados, foram recolhidos ao Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis.

As demais estruturas foram documentadas e depois destruídas.

Nesta etapa trabalhou João Alfredo Rohr auxiliado por três a cinco operários braçais e Alceri Luiz Schiavini, então aluno do curso de Arqueologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá, do Rio de Janeiro.

Além de numeroso material cerâmico, lítico e ósseo, foram recuperados, nesta primeira etapa, 31 sepultamentos.

O trabalho foi retomado em 28 de janeiro de 1978, estendendo-se até 28 de março. Neste tempo foi continuada a escavação no terreno vizinho, de Gerson Maisonave, usando-se, basicamente, os mesmos procedimentos. O quadriculamento começou no limite entre os dois terrenos, estendendo-se da proximidade da praia até quase encostar na residência de Maisonave. O espaço não escavado na proximidade da praia corresponde ao abrigo de um barco de pesca e a uma grande árvore nativa. Uma outra quadrícula não escavada corresponde a um forno de pão. Ficaram sem escavar também os locais dos postes de energia elétrica. No alto, à direita, o terreno estava perturbado em profundidade. A escavação se deteve a 6 m da residência de G. Maisonave.

As estacas do quadriculamento receberam letras do alfabeto nas coordenadas norte-sul e números nas coordenadas leste-oeste. Com isso um grande número de quadrículas marcadas com números e as letras, teve uma identificação final em tudo igual à da etapa anterior, o que causou confusão no material levado ao laboratório que, na maior parte das vezes, foi, apenas, identificado com os dados da quadrícula e não da etapa; esta duplicação de

números tornou impossível a distribuição do material no espaço escavado; para evitar este inconveniente, sempre que possível, usamos as anotações do diário, onde as quadrículas estão cronologicamente separadas. (Ver identificação das quadrículas, figura 27).

A superfície escavada é muito maior que a da primeira etapa e o material recuperado mais abundante. Foram encontrados mais 83 sepultamentos e a maior parte dos fogões, fornos subterrâneos e buracos de lixo.

Nesta etapa João Alfredo Rohr contou novamente com um pequeno número de operários braçais, Alceri Luiz Schiavini, Hermes Brasil de Souza e Jayme Spinelto Júnior, alunos do Curso de Arqueologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá. Durante poucos dias participaram ainda a Dra. Dorath Pinto Uchôa, da USP, São Paulo, o Dr. Carlos Goferjé, de Blumenau, e Vilmar Girardi, aluno da Escola Agrícola de Camboriú.

A participação de alunos destreinados nesta etapa criou alguns problemas ao arqueólogo, que, em vários momentos, anotou que eles tinham errado na exposição dos sepultamentos, destruindo partes dos mesmos.

As camadas arqueológicas e naturais expostas foram assim caracterizadas (figura 2):

Superficialmente, até uns 15 cm de profundidade, eram encontrados cacos de vidro e de porcelana, velhos parafusos e pregos enferrujados, pedaços de cobre e de alumínio, fios de nylon, deixados pelo homem branco, que há quase dois séculos ocupa a praia das Laranjeiras. Em alguns lugares esta camada era mais profunda, chegando até a areia estéril subjacente ao sítio.

Na mesma camada superficial foi encontrada, também, uma cerâmica muito espessa, grosseiramente decorada, que provavelmente é das primeiras ocupações brancas.

A camada arqueológica propriamente dita é formada por húmus escuro de mistura com areia, conchas esparsas, ossos de peixes, aves, mamíferos terrestres e marinhos, cascos de tartaruga, cascos e espinhos de ouriços do mar, pinças de crustáceos, cerâmica de tradição Itararé, artefatos líticos, ósseos e conchíferos, esqueletos humanos e estruturas sob a forma de fogões armados com pedras, fornos subterrâneos com paredes de argila queimada, e aprofundamentos cheios de lixo.

A descrição geral de Rohr pode induzir a pensar a camada arqueológica homogênea e compacta, mas o relatório apresentado por Dorath Pinto Uchôa ao Diretor do Instituto de Pré-História da USP, indica que, na parte que ela ajudou a escavar, havia estratos bem definidos por lentes de carvão.

Também os restos faunísticos e artesanais não se achavam distribuídos uniformemente no espaço. Nos setores vizinhos à praia, as conchas, especialmente as ostras, formavam brechas compactas, de até 20 cm de espessura, de mistura com cascas e espinhos de ouriço do mar, além de pinças de

crustáceos e ossos de baleia e, no setor direito, se acrescentava ainda grande quantidade de restos de lascamento. No resto do espaço escavado também existem áreas relativamente vazias e outras com muitos restos (figuras 3-4).

A camada arqueológica, em profundidade, ia passando, gradativamente, para uma coloração mais clara, até tomar a tonalidade amarelada da areia estéril, que fica por baixo. A base do sítio é uma piçarra grossa ou a rocha do embasamento cristalino (figura 2).

Uma data de C¹⁴, conseguida no lado oeste do sítio, na proximidade da praia, onde havia muitos ossos de baleia parcialmente carbonizados e umas espátulas de osso de baleia, deu 4.990 anos A.P. ± 210 (I-10.894). Não é claro o que, especificamente, representa esta data: se ossos de baleia depositados antes da ocupação do sítio, ou se uma primeira ocupação antiga, mais velha que a ocupação cerâmica e mais velha, inclusive, que o sambaqui da outra extremidade da praia, que é datado em 3.815 anos A.P. +145 120 (I-10.893). A segunda suposição não tem muita base.

A outra data, que, segundo Rohr, deveria situar o fim da ocupação e que foi retirada a 20 cm de profundidade no lado oeste, certamente é inadequada. Ela dá 195 anos A.P. ± 80, ou 1675-1835 d.C. (I-10.895), período em que o litoral é frequentado por paulistas e se fixam os primeiros núcleos povoados. Uma data provável para o sítio está entre 1.070 d.C. (os sítios Itararé de Forte Marechal Luz e Base Aérea) e 800 d.C. (Tapera). Neste espaço de tempo o litoral de Santa Catarina está sendo povoado por populações da tradição ceramista Itararé (figura 1).

Enquanto realizava a escavação, Rohr ia divulgando nos jornais do estado os achados mais importantes. Também saíram duas reportagens ilustradas na *Revista para os nossos Amigos* (1977:28-32, 1978:62-66), um trabalho na *I Jornada Brasileira de Arqueologia* (mimeo, 1978) e uma notícia no *Jahrbuch der Familie* (1982:164-170).

Uns dias antes de falecer, Rohr concluiu um relatório mais amplo sobre o sítio e a escavação, que foi publicado nos *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* (nº 17, 1984:5-76).

Como essas publicações não deram conta de todo o material, informações e conhecimento acumulado, a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas retomou o material, diários, relatórios, fotos e publicações para a produção do presente texto.

O material encontra-se, em sua maior parte, no Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis, uma parte bem representativa acha-se exposta no Museu Municipal do Balneário Camboriú, ao passo que toda a documentação está no Instituto Anchieta de Pesquisas, em São Leopoldo, RS.

O novo texto foi feito por várias mãos: Rodrigo Lavina, que era o curador do Museu do Homem do Sambaqui, ordenou o material, o colocou à disposição dos pesquisadores e ajudou na análise. Ivone Verardi, secretária do

Instituto Anchieta de Pesquisas, reuniu, ordenou, passou a limpo e analisou os documentos. Beatriz Valadão Thiessen, então aluna do Mestrado de Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, começou a elaborar um texto, do qual sobrou parte da tabulação do material pelo diário, uma primeira distribuição no espaço escavado e parte do capítulo sobre o ambiente. O material lítico foi analisado por Marco Aurélio Nadal De Masi, que escreveu e ilustrou o capítulo correspondente. A reconstituição das formas da cerâmica e seus respectivos desenhos e quadros é de Jairo Henrique Rogge. Dos restos de alimentos a maior parte foi estudada pelo biólogo André Luis Jacobus; os peixes pela bióloga Marta Gazzaneo. Os artefatos ósseos e conchíferos foram analisados pela bióloga Mônica Lacroix Wacker. O texto e a ilustração finais, quando a autoria não foi especialmente destacada, são de Pedro Ignácio Schmitz, que também coordenou e orientou todo o trabalho.

Os restos esqueléticos humanos já haviam sido analisados anteriormente para dois trabalhos: Walter Alves Neves (1984 e 1988) usou o material no seu estudo sobre o povoamento antigo do litoral do Paraná e de Santa Catarina; Nancy de Oliveira Aguiar fez a sua dissertação de mestrado na UERJ, Rio de Janeiro, sobre a antropologia da morte, usando os sepultamentos da Praia das Laranjeiras. As fichas de análise biológica desses dois pesquisadores, que se acham no acervo de Rohr, foram usadas para identificação de sexo e faixa etária dos esqueletos recuperados.

Em nosso trabalho foi usado todo o material e documentação disponíveis. Como Pe. João Alfredo Rohr, S.J. tinha dado por encerrado o trabalho, nem todos os documentos continuavam disponíveis, como p. ex. os negativos em preto-e-branco e os perfis e plantas em papel vegetal, que desapareceram.

Mesmo com essas falhas e a impossibilidade de recolocar todos os materiais nas quadriculas de origem, pensamos oferecer uma boa visão do sítio e do trabalho nele executado.

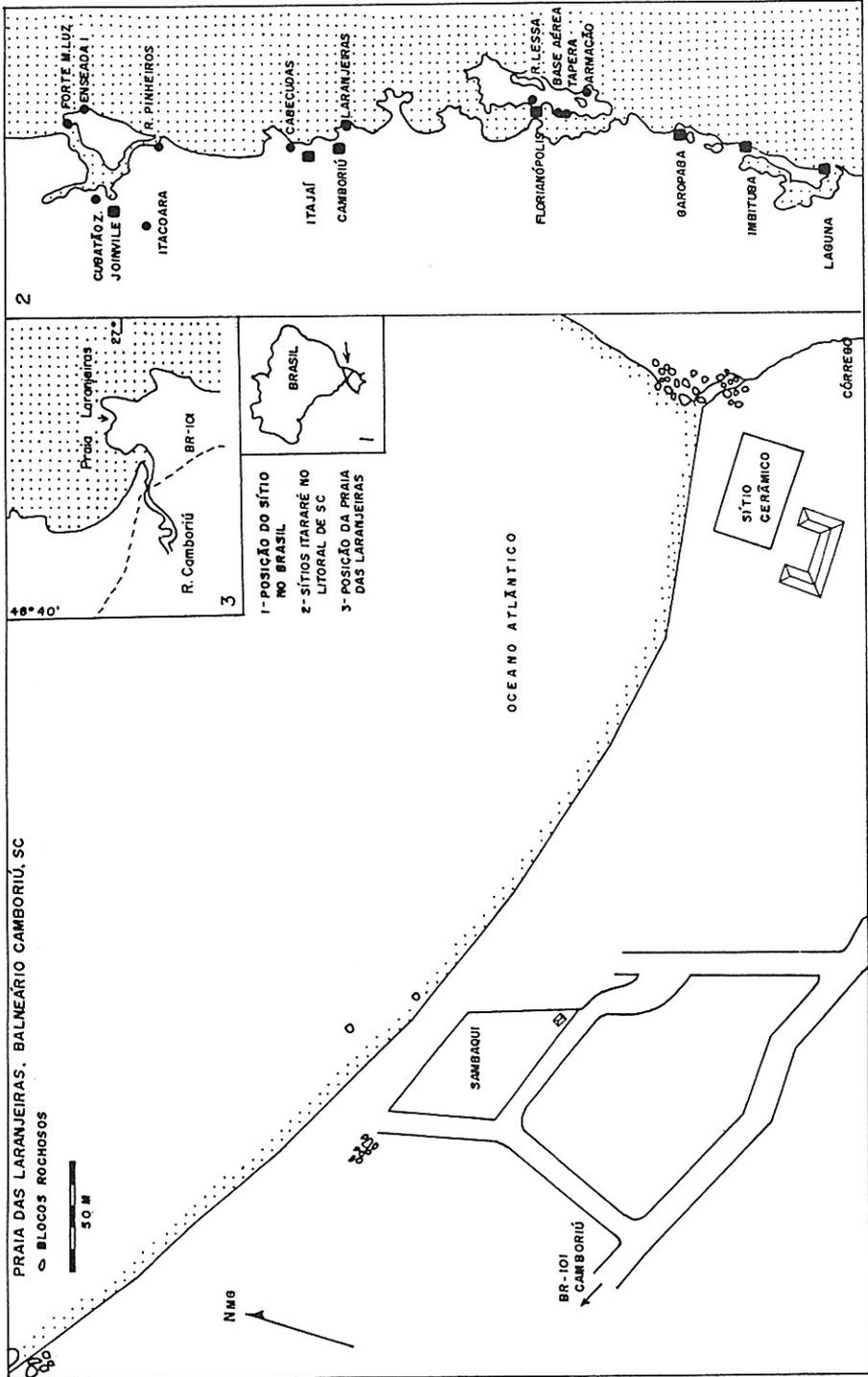


Figura 1 - Planta da Praia das Laranjeiras. Localização dos sítios de tradição Itararé no litoral de Santa Catarina.

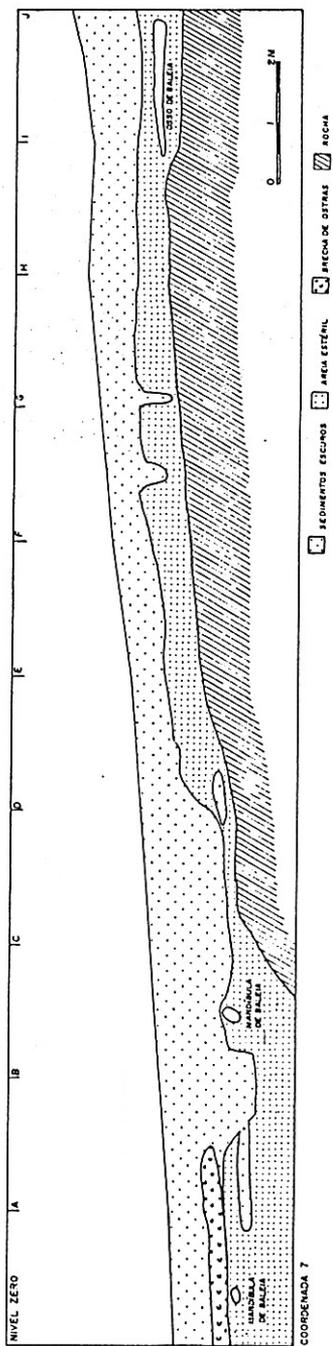


Figura 2 - Perfil do sítio na coordenada 7, 2ª etapa de escavação.

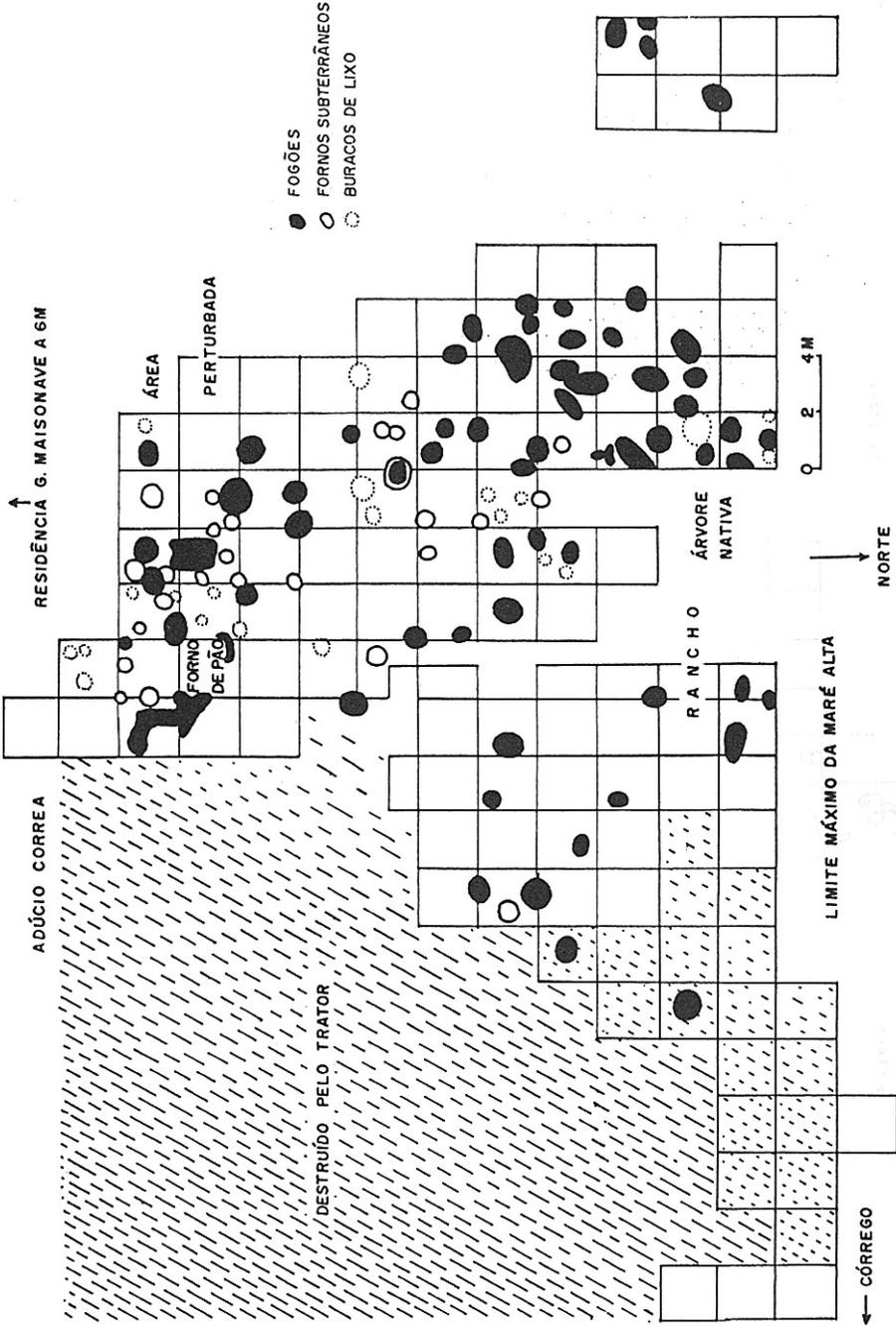


Figura 3 - Planta do sítio com a localização da área destruída pelo trator e da posição dos fogões, fornos e buracos de lixo.

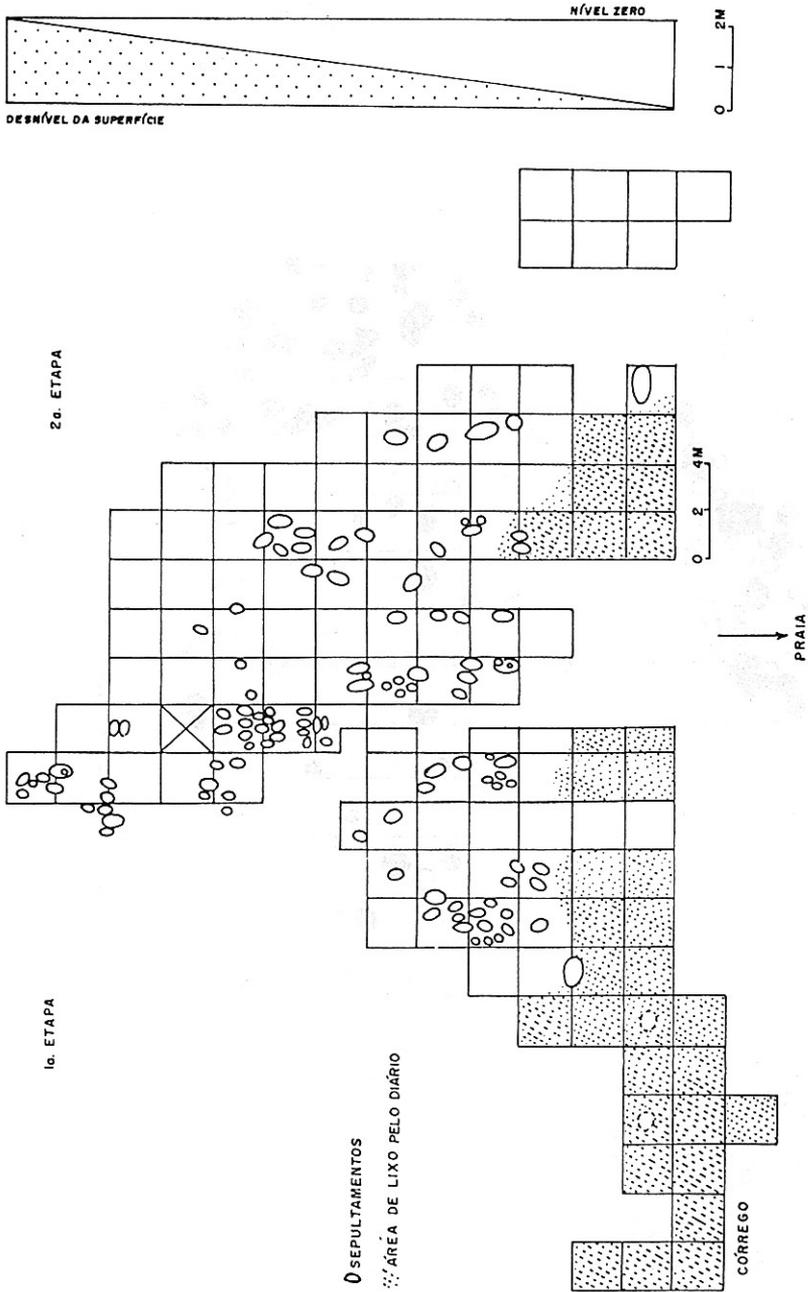


Figura 4 - Planta do sítio com a disposição dos sepultamentos e do lugar do lixo ofensivo.

3. AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS

Neste capítulo buscaremos caracterizar o ambiente, no qual se implanta o sítio das Laranjeiras, tendo em vista compreendê-lo em termos da disponibilidade de recursos naturais que poderiam ser explorados pelo indígena. Assim, descrever o ambiente, em nosso caso, visa dar respostas aos problemas relativos ao abastecimento do grupo: de onde provêm as diversas matérias-primas por ele utilizadas, que tipo de recursos alimentares o ambiente oferece, em que locais e épocas esses recursos estão disponíveis, etc. Para isto nos interessa basicamente a descrição do ambiente em termos de geomorfologia e solos, clima, vegetação e fauna.

Como se trata de um sítio recente, podemos supor que este ambiente, em seus elementos estruturais, não tenha mudado muito do tempo da existência da aldeia aos nossos tempos, o que nos autoriza a utilizar a descrição do ambiente atual para entender a relação dos habitantes com o seu entorno.

A Geomorfologia

A área onde se situa a praia das Laranjeiras segue o mesmo padrão geral da totalidade do litoral catarinense. Aí a Serra do Mar desempenha um papel fundamental: ela *forma o bordo oriental do embasamento cristalino soergido e dos maciços que tem continuidade para o interior, sendo modelada em rochas do embasamento tais como gnaisses e granitos do Complexo Brasileiro* (MOREIRA & LIMA 1977:11). São terrenos acidentados que abrangem *cadeias de morros mais elevados, terrenos ondulados, morros isolados e encostas* (Bigarella apud BECK 1974:54).

Ela, que no Paraná se ergue em altos paredões, perde essa característica em território catarinense: eles são *desmantelados pela drenagem que consegue se interiorizar (como) no caso do Rio Itajaí* (MOREIRA & LIMA 1977:12). A Serra do Mar influi diretamente na forma do litoral catarinense. Devido à sua proximidade ao litoral, este mostra-se bastante recortado, apresentando grande número de enseadas, ilhas e *esporões de rocha do complexo cristalino que se intrometem pelo mar adentro* (MOREIRA & LIMA 1977:26).

Os terrenos baixos e arenosos que formam os cordões litorâneos são originários da deposição de sedimentos, já no período Holocênico, sobre o

embasamento cristalino. Na planície sedimentar arenosa afloram blocos deste embasamento.

Esse litoral apresenta ainda restingas, lagunas e mangues. Os terrenos alagadiços que podem ser vistos na área relacionam-se ao rápido processo de sedimentação de lagoas e lagunas que passaram por um progressivo processo de entulhamento. Esses terrenos são *muitas vezes cortados por rios ou riachos que fazem a drenagem da planície litorânea* (Bigarella apud BECK 1974:55).

A área que se estende desde o rio Itajaí, ao norte de Laranjeiras, até a Praia de Itapema, ao sul, apresenta-se bastante acidentada: a presença da Serra do Mar se faz sentir com intensidade. Um litoral recortado e, para o interior, morros que chegam a atingir pouco mais de 300 m de altura na região entre Itajaí e Camboriú e mais de 500 m na área que se estende para o sul de Camboriú, até Itapema.

Zonas baixas e alagadiças são encontradas entre esses morros, a maior parte utilizada, atualmente, para o plantio de arroz.

Laranjeiras é uma dessas pequenas enseadas características do ambiente acima descrito. Limitada pelos morros da Serra do Mar, cujas encostas chegam, em alguns pontos, até a praia, Laranjeiras apresenta um pequeno cordão arenoso de origem sedimentar, de um pouco mais de 1.000 m de comprimento, que se localiza na área centro-sul da enseada. Ao norte, onde fica limitada pela ponta das Laranjeiras, um morro de 120 m de altura, desce até a praia. Aí afloram blocos de embasamento (granitos e diabásios). O mesmo ocorre ao sul da enseada, cujo limite situa-se na ponta das Taquaras. Aí, um morro de 88 m de altura também desce até o mar e podem-se observar grandes blocos de rochas do embasamento, onde batem as ondas oceânicas.

Para o interior, a uma distância máxima de cerca de 500 m, ergue-se outro morro, este com 218 m de altura.

Três córregos abastecem a praia com água potável. Eles se encontram nos limites norte e sul e no centro da faixa arenosa de praia. Um deles, o do norte, faz um pequeno alagadiço no fundo do cordão arenoso.

Cerca de 2 km para o norte da enseada, encontramos o rio Camboriú, com sua planície aluvial e seu estuário e, cerca de 6 km da praia, em direção ao interior, depois dos morros que limitam Laranjeiras, encontramos um terreno plano, onde se observa a existência de um mangue.

Assim, Laranjeiras é um local privilegiado pela geomorfologia. A cadeia de morros, que delimita a praia, faz com que ela se torne um local protegido dos ventos. Devemos pensar ainda que o fato de esses morros tornarem difícil o acesso à praia, faz do local, do ponto de vista estratégico, um ponto protegido contra o avanço de outros grupos indígenas ou, em período mais recente, do português bandeirante.

Os afloramentos de rocha do embasamento cristalino, com diques de diabásio, oferecem farta matéria-prima para a confecção do instrumental lítico do indígena aí instalado. Esta matéria-prima aparece como plaquetas e numerosos seixos arredondados pela ação da água do mar e dos córregos.

A água potável também é farta, sendo proveniente dos três riachos acima mencionados.

A faixa arenosa, levemente inclinada para o mar, possibilita a instalação de uma aldeia, sem perigo de alagamento pelas chuvas torrenciais do local.

Os solos leves do litoral e os mais consistentes dos morros, os alagados na planície aluvial do rio, dão origem a uma vegetação variada. Alguns desses solos seriam aptos para um cultivo incipiente.

A pequena enseada, com sua praia arenosa, seus costões rochosos e o estuário do rio Camboriú, oferece um ambiente privilegiado ao desenvolvimento de várias espécies de peixes, assim como de moluscos e crustáceos.

O mangue, relativamente próximo à praia, oferece a possibilidade de exploração de recursos alimentares e artesanais mais diversificados.

O Clima

Como em toda a Região Sul do Brasil, o clima do litoral catarinense é Mesotérmico do tipo Temperado. Aí, as quatro estações do ano têm um ritmo bem marcado, não há estação de seca e as chuvas se distribuem, ao longo do ano, de forma bastante equilibrada.

Isto significa que a Região Sul do Brasil, além de ser privilegiada no que diz respeito aos totais anuais de chuva e ao regime de distribuição ao longo do ano, é, também, uma das mais favorecidas quanto à variabilidade ou regularidade dos seus totais anuais e estacionais, uma vez que seus desvios figuram dentre os menores do Brasil (NIMER 1977).

O máximo de precipitação trimestral varia, na Região Sul, entre 25 e 35° ao ano. Não havendo estação seca, cada trimestre acusa um total de precipitação ligeiramente inferior àquele do trimestre mais chuvoso (NIMER 1977).

Os três meses menos chuvosos para a região de Camboriú são junho, julho e agosto, enquanto que a maior precipitação ocorre nos meses de janeiro, fevereiro e março. A altura média de precipitação anual é de 1.939 mm em Camboriú.

A temperatura média anual situa-se entre os 18°C e 28°C em dezembro, os 30° e 32°C em janeiro e 30° e 32° em fevereiro. No inverno a média das mínimas diárias é de 14°C a 16° em junho, 10° em julho e 14° em agosto.

Em termos de temperaturas absolutas temos uma máxima absoluta no ano de 38° e uma mínima de 0°.

A Vegetação

Os tipos de vegetação que nos interessa caracterizar aqui são aqueles que se encontram nas adjacências da praia das Laranjeiras, ou seja, interessa-nos principalmente a vegetação que poderia ser explorada pelos habitantes da aldeia.

O litoral de Santa Catarina, assim como toda a região sul do Brasil, apresenta uma cobertura vegetal de características predominantemente subtropicais.

A formação vegetal mais importante no nosso caso, por ser a que predomina na região onde está o sítio, é a Floresta Perenifólia Higrófila costeira. Não podemos esquecer, no entanto, vegetações litorâneas como as dos mangues e restingas.

A Floresta Perenifólia Higrófila costeira recobre não apenas a planície costeira, mas também as encostas orientais da Serra do Mar e da Serra Geral, atingindo altitudes de até 700 m (ALONSO 1977:82). Trata-se de uma vegetação abundante e viçosa, composta por grande variedade de espécies, que apresentam uma também grande diversidade de porte.

Reitz e Klein, ao estudarem a vegetação da zona marítima de Santa Catarina, enfatizam o fato de que a Floresta Perenifólia Higrófila costeira se caracteriza pela já mencionada variedade de espécies vegetais:

(...) ao lado do considerável número de espécies altas, arvoretas e arbustos, apresenta-se rica em epífitas, lianas, pteridófitas e musgos, todos contribuindo para o seu cunho característico para formar o harmonioso conjunto de matas tropicais úmidas e perenifoliadas da encosta atlântica, que tanto impressionam pela sua exuberância e heterogeneidade (Reitz & Klein apud ALONSO 1977:83).

Esta formação apresenta três estratos que podem ser nitidamente definidos: *dois arbóreos e um arbustivo, podendo existir um rasteiro, sem, entretanto, tanta expressão quanto os anteriores (ALONSO 1977:83).*

A constituição da flora desta floresta foi levantada, para o estado de Santa Catarina, por Veloso e Klein em estudos realizados no município de Brusque (ALONSO 1977:83)

Temos como componentes fundamentais do estrato superior, cuja média de altura varia em torno de 25 m: canela preta (*Ocotea catharinensis*), figueira de folhas miúdas (*Ficus triplinervia*), guaraparim (*Vantanea contracta*), tanheiro (*Alchornea triplinervia*), peroba (*Aspidosperma pyriocollum*), bicuíba (*Virola oleifera*), leiteiro (*Brosimopsis lactescens*), guapiruvu (*Schizolobium parahybum*), guaramirim araçá (*Myrcia pubipetata*), cinzeiro (*Hirtella hebeclada*), pessegueiro do mato (*Byrsonima ligustrifolia*), carvoeiro (*Amaiona guianensis*).

Para o segundo estrato, de altura em torno dos 9 m, temos como vegetais predominantes: palmito (*Euterpe edulis*), bacopari (*Rheedea gardneriana*), carapíca de folha miúda (*Sorocea ilicifolia*).

O terceiro estrato, arbustivo, tem altura média em torno dos 3 m e, além das plantas jovens dos estratos superiores é constituído por outras espécies entre as quais se destacam: grandíuva d'anta (*Psychotria suterella*), pimenteira de folha longa (*Rudgea jasminoides*), guaraparim miúdo (*Duratea parviflora*), xaxim (*Hemitelia setosa*), palheira estreita (*Geonoma schottiana*), palheira de palha larga (*Geonoma gamiova*).

A Floresta Perenifólia Higrófila costeira não mantém uma homogeneidade em termos das espécies vegetais em todas as altitudes. Assim é necessário ressaltar que, em altitudes até cerca de 300 m, que é o caso da área onde se situa a Praia das Laranjeiras, Veloso e Klein constataram que as espécies mais importantes encontradas na área de Brusque eram:

- no primeiro estrato: cupiúva (*Tapirira guianensis*), canela amarela (*Ocotea aciphylla*), canela sassafrás (*Ocotea pretiosa*), pindaíba (*Xylopia brasiliensis*), baga de pomba (*Byrsonima ligustrifolia*);

- no segundo estrato: pau de facho (*Aparisthium cordatum*), cortiça (*Guatteria australis*), capororoca (*Gonomorpha peruviana*), cutia (*Esenbeckia grandiflora*);

- no terceiro estrato: pixirica (*Miconia cubatenensis*), palmeiras onde se destaca a guaricana (*Geonoma schottiana*).

Rohr destaca a presença, na proximidade da Praia das Laranjeiras, especialmente na faixa arenosa, de grande número de frutas silvestres: *Mirtáceas*, *Palmáceas*, *Bromeliáceas* e outras (ROHR, 1984:9).

A vegetação de mangue é, em geral, composta por arbustos e árvores. Este tipo de vegetação talvez não importe tanto enquanto itens que possam integrar a dieta de grupos humanos, mas sim enquanto elementos que poderiam fornecer matérias-primas para a confecção de instrumentos. A corticeira (*Anona glabra*), por exemplo, planta que encontramos nos manguezais de Santa Catarina e cujas raízes são extremamente leves, é utilizada atualmente pelos pescadores em substituição à cortiça (ALONSO 1977:105).

O aproveitamento de espécies vegetais específicas, seja em termos de fatores de alimentação ou de obtenção de matérias-primas para construção, produção artesanal e combustível, pelo indígena pré-histórico, não pode ser comprovada em nosso caso. A escavação da aldeia das Laranjeiras não revelou nenhum remanescente de origem vegetal, com exceção do carvão das fogueiras. No entanto, a utilização de alguns desses recursos certamente foi realizada enquanto fonte de alimentos na dieta do grupo e, ao mesmo tempo, enquanto fonte de matérias-primas para a construção de casas e produção artesanal.

Os animais

A junção dos elementos acima cria um rico hábitat para numerosos animais úteis para a subsistência humana. Reconstituir a fauna da área seria uma tarefa imensa e pouco útil para o nosso estudo. Usando como referência os restos recuperados na escavação pode se ter uma idéia da riqueza deles nos diversos ambientes.

As matas altas da Floresta Atlântica são o hábitat de animais como o porco-do-mato-queixada, a anta, a onça, o puma, o gato-do-mato, a cutia, a paca, o bugio, o mico, a irara e o tamanduá; alguns animais querem um nicho úmido, como a capivara, que deseja uma mata densa perto de água doce profunda; o cervo-do-pantanal e a lontra estão mais à vontade em terrenos com corpos de água e vegetação mais aberta; ainda outros se encontram em terrenos secos com vegetação arbustiva e arbórea aberta, como seria a vegetação de restinga; entre eles podemos mencionar o gambá e o tamanduá.

As águas rasas em frente à praia, com seus fundos arenosos, as águas lodosas, ricas em plancton do estuário do rio, o mangue, os blocos rochosos e costões à beira-mar eram habitat de numerosas espécies de moluscos, crustáceos, equinodermas.

A baía fechada e tranquila oferecia ambiente para uma variedade de peixes, que gostam de águas rasas; quelônios e baleias também entravam, ocasionalmente, neste ambiente.

Com a corrente fria da Antártica ainda chegavam, no inverno, os pinguins-de-Magalhães e os lobos do Mar.

Alguns desses recursos estavam presentes o ano todo, como a caça, e moluscos e muitos peixes; outros eram claramente estacionais, como a maior parte das frutas e animais migradores.

No decorrer do trabalho buscaremos mostrar como o homem, ao redor do ano mil de nossa era, instalou neste espaço uma aldeia relativamente grande e duradoura, usando os recursos do mar, da praia e dos morros.

4. A INDÚSTRIA LÍTICA

O presente capítulo foi originalmente escrito por Marco Aurélio Nadal De Masi, depois revisado e complementado por Pedro Ignácio Schmitz.

O material analisado corresponde ao que foi levado ao laboratório pelo arqueólogo Pe. Rohr. Quanto, exatamente, ele representa do material recolhido não é fácil dizer. No caso dos seixos e das lascas ele corresponde a muito menos que 1% do material encontrado, como se pode calcular pelo diário, onde está discriminado quantas peças foram recuperadas e quantas foram rejeitadas por nível e quadrícula. O chão da aldeia estava literalmente juncado de seixos e lascas de basaltóides. Por quadrícula os seixos passam, muitas vezes de 500; as lascas são um pouco menos; em algumas quadrículas da área do lixo existem, segundo Rohr, milhares de pequenas lascas, refugo de produção de artefatos. Os materiais com marcas visíveis de transformação e formatação provavelmente foram todos, ou quase todos, levados ao laboratório. Esta forma de proceder do arqueólogo nos impede de quantificar o material com uma certa precisão. Nossos números, aqui, se referem sempre ao que foi encontrado no Museu. Nas figuras 28-29 plotamos os seixos e as lascas encontradas, segundo o diário do escavador. As demais peças líticas, quando plotadas, o foram a partir da presente análise.

Durante os anos de 1986, 1990 e 1992 foram analisadas 2.308 peças, que é o total recolhido ao Museu do Homem do Sambaqui, mais algumas peças do Museu Municipal de Balneário Camboriú.

Numa primeira etapa foi realizada a caracterização da indústria lítica, usando como referência a tecnologia de produção. A segunda etapa constou da análise funcional dos artefatos.

Primeiro foram caracterizados os diferentes tipos de matéria-prima utilizada, na forma e ocorrência. As diversas peças líticas foram definidas, a partir de elementos indicadores, como presença de bulbo, plataforma de percussão, cicatrizes de lascamento, tipo de trabalho secundário e utilização; para estas se observou o desgaste e a presença de estrias e de corantes.

Após a definição das peças, as mesmas foram separadas em função da presença ou não de córtex natural e pela presença ou não de trabalho secundário (preparação ou polimento).

Este conjunto de variáveis nos possibilitou a construção do fluxograma da tecnologia de produção. Através deste foram caracterizados os estágios de produção das peças, desde a matéria-prima bruta até seu beneficiamento como artefato.

O capítulo se desenvolve da seguinte maneira: primeiro listamos os agrupamentos das peças de acordo com suas características; depois mostramos o fluxograma de produção; a seguir buscamos o que o material representa numericamente; finalmente nos ocupamos com a funcionalidade das peças.

O agrupamento das peças (figuras 5-11)

- Grupo 1. Seixos naturais. Tamanho: 21 x 3 a 7 x 2 cm.
- Grupo 2. Seixos naturais com depressão circular e profunda.
- Grupo 3. Fragmentos oxidados com marcas de raspagem ou com facetas. Tamanho: 8 x 3 a 4 x 2 cm.
- Grupo 4. Seixos naturais quebrados. Tamanho: 16 x 5 a 6 x 3 cm.
- Grupo 5. Seixos naturais com evidências de polimento e encabamento. Tamanho: 11 x 6 a 9,5 x 3 cm.
- Grupo 6. Seixos naturais com marcas de percussão em toda a superfície, dando em consequência a forma esférica, devido à utilização como percutor. Diâmetro entre 5 e 6 cm.
- Grupo 7. Seixos naturais com marcas de percussão em apenas uma das extremidades, ou nas extremidades opostas entre si. Têm formas alongadas, assimétricas, podendo apresentar, ou não, evidências de encabamento. Tamanho: 13 x 7 a 8 x 4,5 cm.
- Grupo 8. Seixos naturais de forma discoidal, os quais apresentam marcas de percussão em toda a área periférica. Podem apresentar evidências de utilização como bigorna. Tamanho: 10,5 x 8 a 9 x 4,5 cm.
- Grupo 9. Seixos naturais com marcas de percussão, quebrados. Tamanho: 8 x 4 a 5 x 3 cm.
- Grupo 10. Seixos naturais de formas diversas, que apresentam marcas de percussão e marcas irregulares em sua superfície aplanada. Podem apresentar-se quebrados. Tamanho: 11 x 6 a 8 x 6 cm.
- Grupo 11. Fragmentos naturais com entalhes laterais, para utilização como peso de rede.
- Grupo 12. Lascas sem córtex natural, que apresentam plano de percussão perpendicular ao maior comprimento. Podem apresentar evidências de utilização. Tamanho: 14,5 x 4,5 a 8 x 2,5 cm.
- Grupo 13. Lascas com ou sem córtex natural, que apresentam superfície externa reta. Tamanho: 11 x 4 a 4,5 x 3 cm.
- Grupo 14. Fragmentos. Tamanho: 10 x 4,5 a 6,5 x 2,6 cm.

- Grupo 15. Lascas com córtex natural na maior parte de sua superfície externa, podendo apresentar algumas cicatrizes de lascamento anterior. Apresentam plataforma de percussão perpendicular ou paralela ao maior comprimento. Algumas apresentam plataforma de percussão perpendicular ou paralela ao maior comprimento. Tamanho: 15,5 x 4,6 a 9,5 x 1,8 cm.
- Grupo 16. Lascas com restos de córtex natural, que apresentam plano de percussão perpendicular ao maior comprimento. Tamanho: 19,5 x 5,2 a 5,5 x 3,3 cm.
- Grupo 17. Seixos naturais lascados. Tamanho: 8,5 x 3 a 7 x 3 cm.
- Grupo 18. Blocos e fragmentos de rocha com depressões abauladas e polidas, formadas por alisamento. Polidores. Tamanho: 15,5 x 4,5 a 12 x 2 cm.
- Grupo 19. Lascas com córtex natural, com trabalho secundário (para encabamento) e evidências de desgaste. Apresentam forma elipsoidal. Tamanho: 17,5 x 10 a 11,5 x 9 cm.
- Grupo 20. Artefatos que apresentam uma das extremidades longitudinais de forma triangular e a outra extremidade de forma trapezoidal, com terminação polida. Não apresentam arestas, mas estas podem ser detectadas, apresentando-se polidas. De maneira geral são todas arredondadas. Alguns artefatos apresentam córtex natural.
- Grupo 21. Artefatos polidos e semipolidos que apresentam forma bipiramidada achatada. Podem apresentar córtex natural. Os tamanhos das extremidades (pirâmides) são proporcionais entre si.
- Grupo 22. Artefatos polidos que apresentam forma bipiramidada arredondada, sendo que uma das extremidades longitudinais é mais alongada que a outra.
- Grupo 23. Artefato em quartzo alisado em forma cilíndrica.
- Grupo 24. Fragmentos de prismas naturais com ou sem córtex, com lascamento bifacial. Podem apresentar uma das extremidades longitudinais quebrada, a outra extremidade com gume lascado em bisel ou com gume grosso com marcas de esmagamento. Tamanho: 27 x 5 a 11 x 3 cm.
- Grupo 25. Lascas com restos de córtex natural, com trabalho secundário (para encabamento) e desgaste. Tamanho: 15 x 5 a 10 x 3,5 cm.
- Grupo 26. Lascas sem córtex natural, com trabalho secundário (para encabamento) e evidências de desgaste. Tamanho: 18,5 x 7 a 8 x 3,5 cm.
- Grupo 27. Lascas com restos de córtex natural, cujas bordas apresentam trabalho secundário (anterior), perpendicular ao maior comprimento e à plataforma de percussão. Algumas das lascas, em vez de apresentar este bordo com trabalho secundário (anterior), apresentam um bordo espesso, com córtex natural. Tamanho: 12,5 x 4,3 a 9,5 x 2,5 cm.
- Grupo 28. Lascas com restos de córtex natural, cujo bordo apresenta trabalho secundário anterior, perpendicular ao maior comprimento e paralelo ao plano de percussão. Tamanho: 11 x 3,5 a 6,5 x 3 cm.

- Grupo 29. Lascas com restos de córtex natural, que apresentam ponta e percussão coincidente com o ponto de percussão do lascamento anterior. Tamanho: 10,2 x 3 a 7,1 x 2,5 cm.
- Grupo 30. Lascas sem córtex, cujo bordo apresenta trabalho secundário (anterior), perpendicular ao maior comprimento e paralelo ao plano de percussão. Tamanho: 15,5 x 5,5 a 7,5 x 2,5 cm.
- Grupo 31. Lascas sem córtex natural, cujo bordo apresenta trabalho secundário (anterior), perpendicular ao maior comprimento e paralelo ao plano de percussão. Tamanho: 8 x 3 a 7,5 x 3 cm.
- Grupo 32. Lascas sem córtex natural, que apresentam cicatrizes de lascamento anterior, paralelos e perpendiculares ao plano de percussão e ao maior comprimento. Tamanho: 8 x 5 a 7 x 4 cm.
- Grupo 33. Fragmentos de prisma natural, com gume polido em bisel, em uma das extremidades longitudinais. A outra extremidade longitudinal apresenta-se polida ou lascada.
- Grupo 34. Lascas com restos de córtex natural, cujas bordas apresentam trabalho secundário (anterior), com gume polido, paralelo ou perpendicular ao maior comprimento.
- Grupo 35. Fragmentos de prisma natural com córtex, polidos ou semipolidos, com as duas extremidades longitudinais quebradas.
- Grupo 36. Fragmentos de prisma natural polidos ou semipolidos com uma das extremidades longitudinais quebradas. A outra extremidade longitudinal apresenta-se lascada ou com marcas de esmagamento.
- Grupo 37. Fragmentos de prisma com gume polido/lascado (reativação), em uma das extremidades longitudinais. A outra extremidade longitudinal apresenta-se lascada ou com marcas de esmagamento.
- Grupo 38. Fragmentos de prisma com gume polido/lascado (reativação) em uma das extremidades longitudinais. A outra extremidade longitudinal apresenta-se quebrada.
- Grupo 39. Lascas polidas ou semipolidas, com plano de percussão perpendicular ou paralelo ao maior comprimento. Tamanho: 13 x 5,5 a 6,5 x 4 cm.
- Grupo 40. Lascas com ou sem córtex, que não apresentam bulbo ou ponto de percussão, cuja face interna apresenta superfície irregular (lascas naturais). Tamanho: 8,5 x 3 a 7 x 3 cm.

O fluxograma de produção (Ver figura)

Através do fluxograma de produção tentamos uma aproximação ao processo de fabricação dos artefatos líticos, caracterizando o mesmo em etapas de fabricação.

A etapa inicial caracteriza-se pela obtenção da matéria-prima, a qual ocorre sob a forma de seixos, blocos e plaquetas provenientes da disjunção

colunar dos diques de diabásio, e cristais de quartzo. Todo o material mais representativo está presente localmente; alguns dos menos representativos podem ter sido aportados de fora.

Os resultados da utilização direta de seixos naturais (grupo 1) são: percutores (grupos 6, 7, 8, 9, 10); pesos de rede (grupo 11); seixos oxidados (grupo 3); seixos polidos e encabados (grupo 5); seixos quebrados (grupo 4).

Através da técnica de lascamento unipolar sobre os seixos naturais, os resultados são: lascas sem córtex natural (grupos 12, 13, 14); lascas com córtex natural (grupos 15, 16); e seixos lascados (grupo 17).

Na produção de artefatos a partir de blocos por uso direto, há os polidores (grupo 18). Através de percussão direta, os blocos fornecem lascas sem córtex natural (grupos 12, 13, 14); lascas com córtex natural (grupos 15, 16), lascas com córtex natural encabadas (grupo 19).

A partir de fragmentos de prismas naturais são produzidos, por utilização direta, os polidores (grupo 18). Através de polimento e corte são produzidos os artefatos fusiformes (grupos 20, 21, 22, 23). Com o lascamento unipolar são produzidas lascas sem córtex natural (grupos 12, 13, 14); fragmentos de prisma natural com lascamento bifacial com ou sem córtex (grupo 24); lascas com ou sem córtex natural com trabalho secundário (encabamento) (grupos 25, 26); lascas com ou sem córtex (grupos 27, 28, 29, 30, 31, 32). Continuando o processo de produção, a técnica de polimento pode ser utilizada nos artefatos produzidos por percussão direta, resultando: fragmentos de prisma natural com gume polido em bisel em uma extremidade; a outra extremidade apresenta-se polida ou lascada ou quebrada (grupo 33); lascas com ou sem córtex com gume polido paralelo ou perpendicular ao maior comprimento (grupo 34); fragmentos de prismas naturais polidos ou semipolidos com as duas extremidades longitudinais quebradas (grupo 35); fragmento de prisma polido ou semipolido com uma extremidade longitudinal quebrada e a outra lascada ou com esmagamentos (grupo 36). Estes artefatos com gume polido podem apresentar reativação de gume resultando: fragmentos de prisma, com córtex, com gume polido/lascado, quebrados (grupo 37); fragmentos de prisma com gume polido/lascado com uma das extremidades quebradas (grupo 38); lascas polidas (grupo 39).

Através de alisamento, a produção de um cilindro (grupo 23), possivelmente um adorno, foi realizada a partir de um cristal de quartzo.

O material em números

Todo o material analisado foi quantificado no quadro 1.

Para tornar estes números mais compreensíveis somamos os grupos de artefatos semelhantes, como eles aparecem no fluxograma e no quadro, para indicar a representatividade desses grandes conjuntos.

Dessa manipulação resultaram três tipos de valores: o primeiro é o valor numérico de cada um dos grandes conjuntos, dentro da totalidade das 2.308

peças estudadas; o segundo é a porcentagem desses grupos na totalidade das peças que sofreram modificações pelo homem e que somam 2.097 unidades, porque do total anterior retiramos os seixos naturais e as lascas naturais; o terceiro é a porcentagem desses grupos, excluídas ainda as lascas primárias e secundárias, com e sem evidências de uso, com o que ficamos reduzidos a 898 unidades.

A nossa exclusão dos seixos e lascas naturais é devida ao fato de que elas não são nem mesmo proporcionais às recuperadas na escavação; o mesmo ainda vale das lascas primárias e secundárias; algumas delas têm marcas de uso, mas como isto não foi quantificado, é impossível falar de sua representatividade.

Os grandes grupos formados são os seguintes:

Seixos naturais (grupos 1 e 4): 192 unidades.

Lascas naturais (grupo 40): 19 unidades.

Lascas primárias e secundárias, com ou sem marcas de uso (grupos 12-17, 27-32) e fragmentos (grupo 39): 1.199 unidades. 57,2% —.

Seixos oxidados (grupo 3): 14 unidades 0,6% 1,5%.

Percutores (grupos 6, 7, 8, 9, 10): 84 unidades 4,0% 9,3%.

Polidores (grupo 18): 9 unidades 0,4% 1,0%.

Seixo com depressão circular profunda (grupo 2): 1 unidade 0,04% 1,0%.

Pesos de rede (grupo 11): 21 unidades 1,0% 2,3%.

Lascas encabadas (grupos 19, 25, 26): 150 unidades 7,1% 16,7%.

Prismas lascados ou polidos (grupos 24, 33-38): 595 unidades 28,3% 66,2%.

Seixos polidos encabados (grupo 5): 13 unidades 0,6% 1,4%.

Artefatos fusiformes (grupos 20-22): 10 unidades 0,5% 1,1%.

Cilindro polido (grupo 23): 1 unidade 0,04% 0,1%.

Com a última das porcentagens fica bastante evidente que os artefatos absolutamente predominantes são os prismas lascados ou polidos encabados, junto com as lascas encabadas; em seguida vêm os percutores com porcentagens muito menores; depois, pesos de rede, seixos polidos encabados (esmagadores encabados), artefatos fusiformes, polidores e outros com baixa representação.

A matéria-prima utilizada nesta produção aparece na seguinte proporção: 2.136 peças (92,54%) são basaltóides; 125 peças (5,4%) são quartzo leitoso; 34 peças (1,5%) são gnaisses; 5 peças (0,2%) são xistos; 4 peças (0,17%) são granitóides; 3 peças (0,13%) são arenitos; 1 peça (0,04%) é quartzo hialino.

Olhando o quadro do ponto de vista da matéria-prima usada na produção dos conjuntos de artefatos, podemos dizer que a quase totalidade das

peças é feita sobre basaltóides; inclusive nas lascas rejeitadas em campo, Rohr costuma acrescentar que se trata de basaltóides. Em granito, além de numerosos seixos naturais, existem apenas 1 seixo polido encabado, 4 percutores e 1 lasca. Em quartzo hialino, 1 cilindro polido. Em ganisses, além de um certo número de seixos naturais, existem 1 percutor, 2 polidores, 1 prisma lascado. Em xistos, 3 percutores e 2 artefatos fusiformes. Em arenito total, 1 percutor e 1 polidor.

Com exceção dos xistos e do arenito, cuja origem não sabemos se é local, as demais matérias-primas se encontram ali mesmo, a poucos passos da aldeia. O xisto, em outros sítios, costuma ser usado para a fabricação de artefatos fusiformes e para isso poderia ser buscado, mesmo fora do lugar, por causa de sua maior leveza e maciez. O arenito costuma dar bons resultados como amolador e para isso poderia ser buscado expressamente.

Funcionalidade (figuras 12-14)

A análise funcional foi realizada buscando as evidências de estrias, desgastes, polimento, presença de corantes, observadas em lupa binocular de aumento de 25 x. Desse modo podem ser inferidas as possíveis funções dos artefatos analisados. Estes, funcionalmente, são: percutores, bigornas, polidores, facas, raspadores, machados e pesos-de-rede.

Percutores (figura 12)

Morfologicamente os percutores são alongados, esféricos e circulares. As superfícies ativas estão relacionadas predominantemente com uma textura irregular, possivelmente correspondente a atividade de lascamento. Superfícies lisas ocorrem com menor frequência, e possivelmente estão relacionadas a trituração de alguns materiais.

Percutores alongados podem apresentar superfície ativa somente em uma das extremidades longitudinais, ou nas duas extremidades longitudinais. Alguns percutores alongados apresentam uma terceira superfície ativa de percussão nas porções laterais. Outras vezes em uma das extremidades longitudinais a superfície ativa se estende lateralmente.

Há percutores, possivelmente relacionados a atividades de trituração, cuja matéria-prima é quartzo leitoso; podem estar ligados a trituração e não a retalhamento de pedras, devido à tenacidade do quartzo, que é baixa em comparação com a tenacidade dos percutores de granitóides e basaltóides.

A maioria dos percutores apresenta a função, também, de bigorna, evidência esta que aparece sempre na superfície mais plana dos artefatos.

Acentuando a característica multifuncional destes artefatos, alguns percutores alongados mostram evidências de utilização como polidores. Algumas peças têm evidências de encabamento.

Alguns percutores mostram a ocorrência de corante vermelho espalhado por toda a peça. Outros, a ocorrência de corante negro. Nenhuma dessas ocorrências se localiza somente nas superfícies ativas.

Bigornas (figura 12)

São produzidas em seixos naturais, e, em sua grande maioria, se caracterizam como artefatos multifuncionais, isto é, como percutor/bigorna.

A superfície gerada quando da utilização das bigornas, apresenta formas variadas, indo desde uma superfície com marcas irregulares, passando por superfícies irregulares formando uma depressão pouco profunda. Há casos em que a superfície apresenta forma de uma depressão côncava com marcas irregulares.

Em sua grande maioria, a superfície com marcas irregulares, que caracteriza estes artefatos, apresenta posição central.

As bigornas com cavidade acentuada, na verdade já seriam recipientes, pequenos pilões ou almofarizes, onde a superfície côncava é polida e não tem marcas irregulares. Dentro destas concavidades, dos ditos recipientes, não há evidências de corantes, apenas superfícies polidas.

Polidores e alisadores (figura 13)

Apresentam-se em sua grande maioria quebrados, caracterizando-se pela presença de estrias, as quais podem ser circulares ou retilíneas. Algumas peças apresentam vários conjuntos de estrias, indicando diferentes posições de utilização. Entre os chamados alisadores-de-mão, devido ao seu reduzido tamanho, há um seixo com uma superfície plana polida, bem como toda a área periférica do mesmo. Um pequeno prisma com toda a sua área periférica polida e facetada, caracteriza bem os alisadores-de-mão.

Lascas unipolares (figura 14)

Algumas lascas unipolares com córtex e sem córtex apresentam evidências de utilização. Algumas com retoque e evidências de encabamento (figura 14a b), outras apenas com gume polido, ou com evidências de desgaste (figura 14c e g). Uma destas lascas com gume polido apresenta estrias oblíquas em relação ao gume.

Lascas unipolares resultantes da produção de machados, com marcas de lascamento anterior, podem apresentar gume polido (figura 14d f). Podem apresentar estrias perpendiculares ao gume, caracterizando, dessa forma, movimentos verticais e horizontais de utilização).

Duas lascas polidas com gume em bisel mostram reativação de gume, sendo que uma delas apresenta restos de corante vermelho no gume.

Óxidos

Apresentam cores que variam do amarelo Fe^{+2} , ao vermelho Fe^{+3} . Muitos são fragmentos naturais, e outros são fragmentos de antigos percutores, polidores ou outros artefatos, agora funcionando como fornecedores de corante, acentuando a característica multifuncional dos artefatos.

As evidências características da produção de corantes, são pequenas estrias ou sulcos nas peças, além de superfícies alisadas.

Prismas com gume em bisel polido e/ou lascado

Estes artefatos são bem caracterizados pela ocorrência de estrias no gume, ou pela ocorrência de desgaste no gume. As estrias apresentam-se, em relação ao gume, de forma perpendicular (figura 14i l), ou oblíqua (figura 14h), caracterizando movimentos de utilização vertical e inclinada.

Um artefato de largura estreita, apresenta restos de corante vermelho no gume, além de evidências de reativação (figura 14m).

Há um fragmento de prisma natural, cujo gume polido é paralelo ao maior comprimento, o qual apresenta estrias paralelas ao gume, sugerindo a função de faca (figura 14j).

Pesos de rede

Caracterizam-se como seixos naturais ou prismas naturais com entalhe paralelo ou perpendicular ao maior comprimento. Sua função está relacionada à pesca.

Desse modo a indústria lítica pode ser caracterizada pela produção de artefatos com gume, encabados, como machados, talhadores e facas, utilizados para corte através de golpe ou incisão linear. A derrubada das matas e obtenção de madeira e lenha, bem como a produção de embarcações e artefatos em madeira de um modo geral estão associados aos machados e talhadores. As facas estariam relacionadas a todas as atividades de cortar, raspar ou fender. As estreitas plaquetas, espátulas ou goivas, poderiam ser úteis para abrir moluscos ou destacá-los de substratos duros, bem como na produção de corantes.

É importante salientar o caráter multifuncional de alguns artefatos, como os percutores/bigorna, os percutores/alisadores, os instrumentos descartados, e agora fornecedores de corante, e os gumes de qualquer artefato utilizado para raspar os óxidos na produção de corantes.

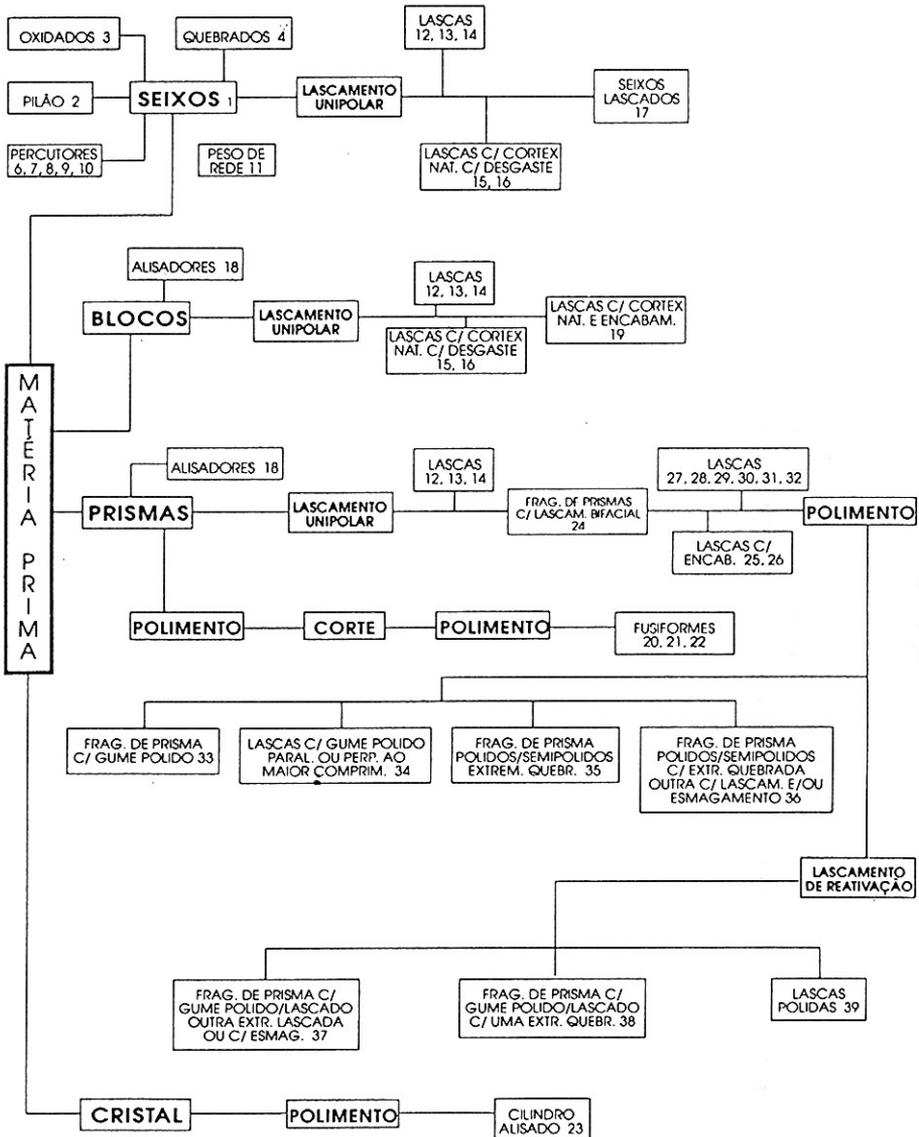
QUADRO 1

MATÉRIA	BASALTOIDES	GRANITO	QUARTZO LEITOSO	QUARTZO HALINO	GNAISSES	XISTOS	ARENITO	TOTAL
PRIMA								
GRUPOS SEM USO COM USO C/ EN CAB. COM USO SEM USO COM USO COM USO SEM USO COM USO CIENCAB. SEM USO COM USO COM USO	35	106	24					165
1								1
2	1							14
3	14							27
4	17							13
5		12	4	6				49
6			1			1		6
7	36		12					6
8	5		1					19
9	6						2	4
10	11	4			1			21
11	4							45
12	21							27
13	2							25
14	43							118
15	26							38
16	1							11
17	25							9
18	110						2	19
19	31							19
20	7		1		2			6
21	10							2
22	5						2	2
23	1							1
24	6							534
25	2							101
26				1				30
27								245
28	533							168
29	101							21
30	30							305
31	245							143
	168							168
	21							21
	305							306
	143							143

QUADRO 1 (Continuação)

MATÉRIA	BASALTOIDES	GRANITO	QUARTZO LEITOSO	QUARTZO HIALINO	GNAISSSES	XISTOS	ARENITO	TOTAL
PRIMA								
GRUPOS SEM USO COM USO C/ ENCAB. COM USO SEM USO COM USO COM USO SEM USO COM USO C/ ENCAB. SEM USO COM USO COM USO								
32	33							33
33		23						23
34		11						11
35		4						4
36		10						10
37		12						12
38		1						1
39	19							19
40	19							19
TOTAL	1259	755	4	112	13	1	1	3
% DE	2136	4	125	1	34	5	3	2308
MATÉRIA	92,54	0,17	5,4	0,04	1,5	0,2	0,13	100
PRIMA								

FLUXOGRAMA DE PRODUÇÃO



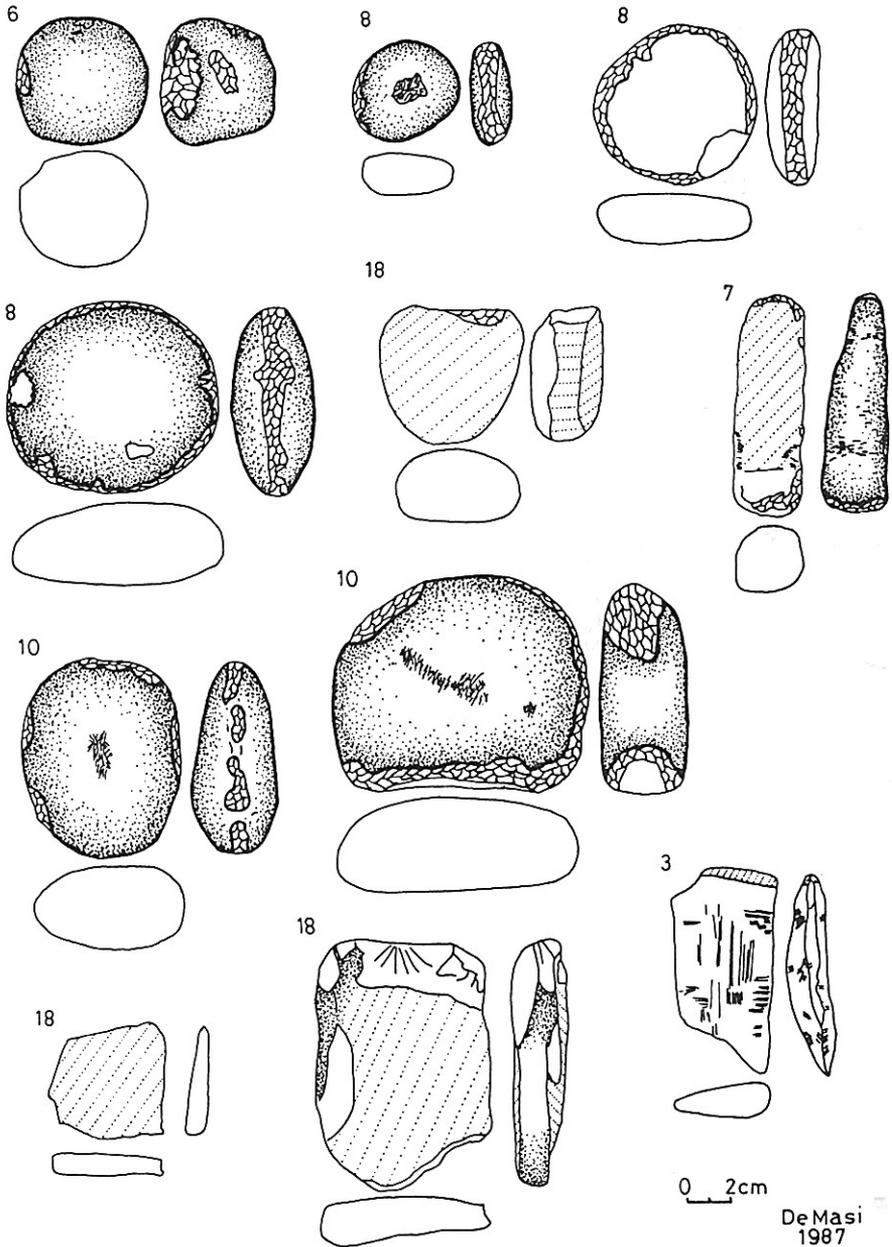


Figura 5 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.

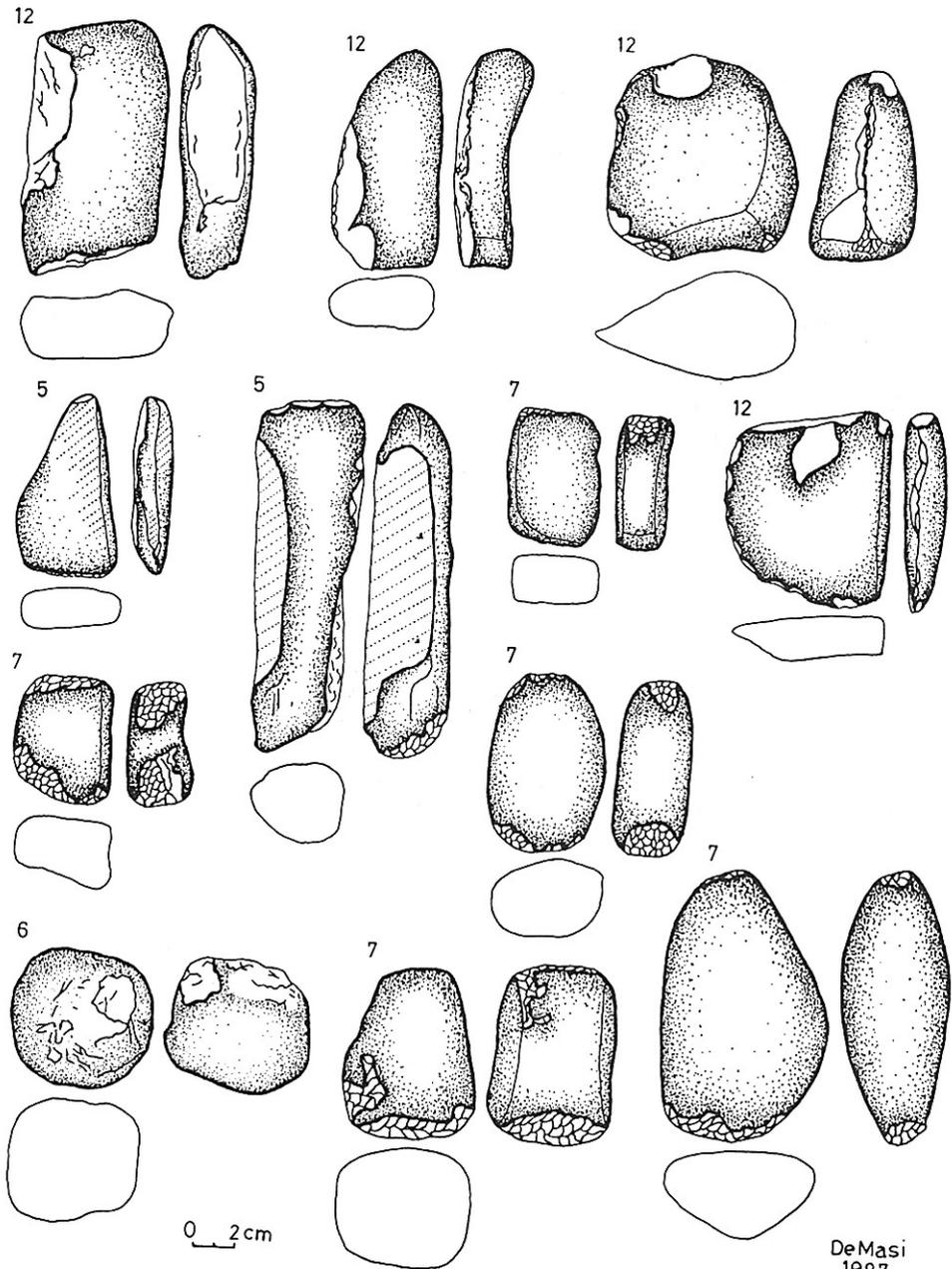
De Masi
1987

Figura 6 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.

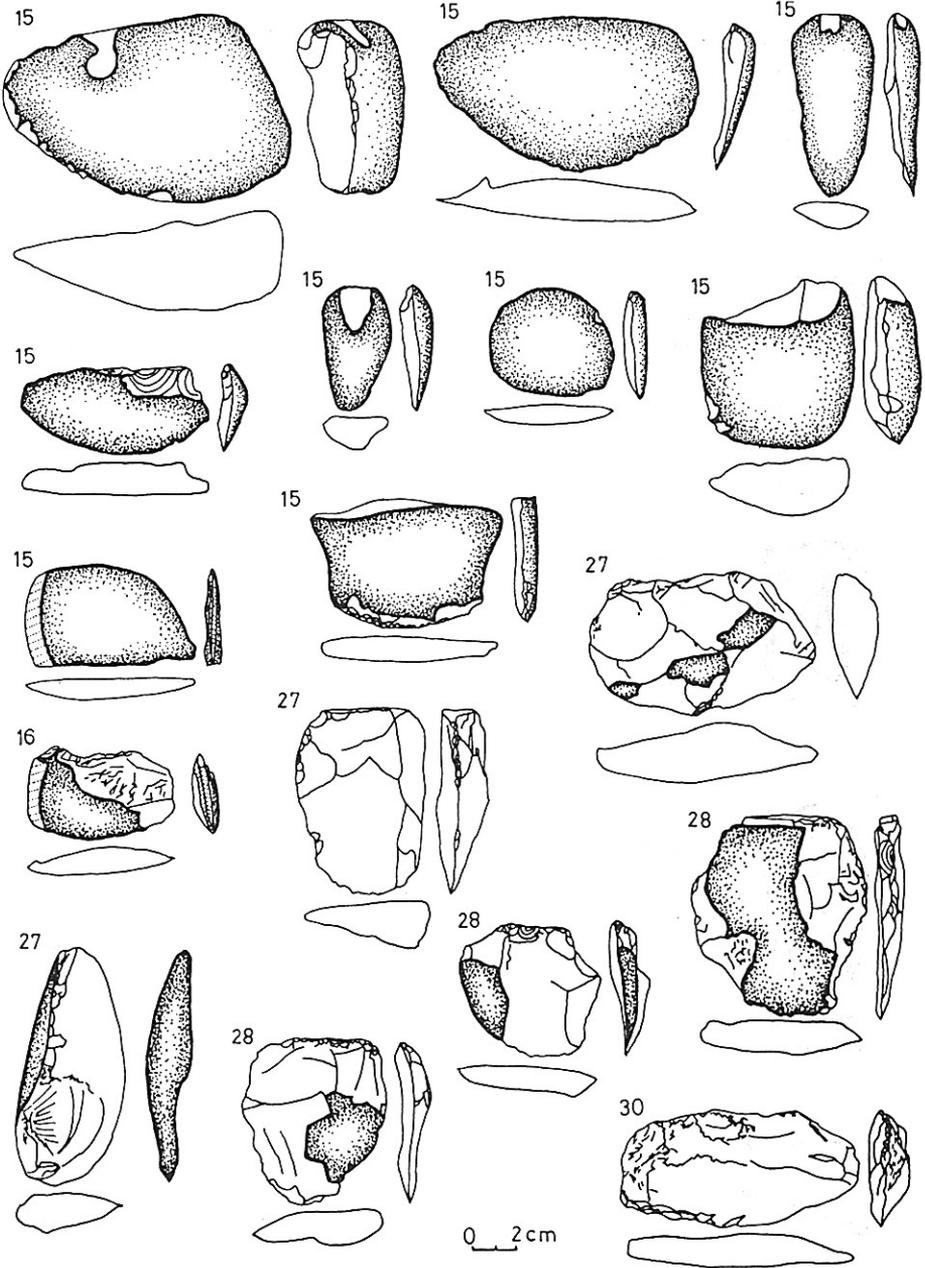
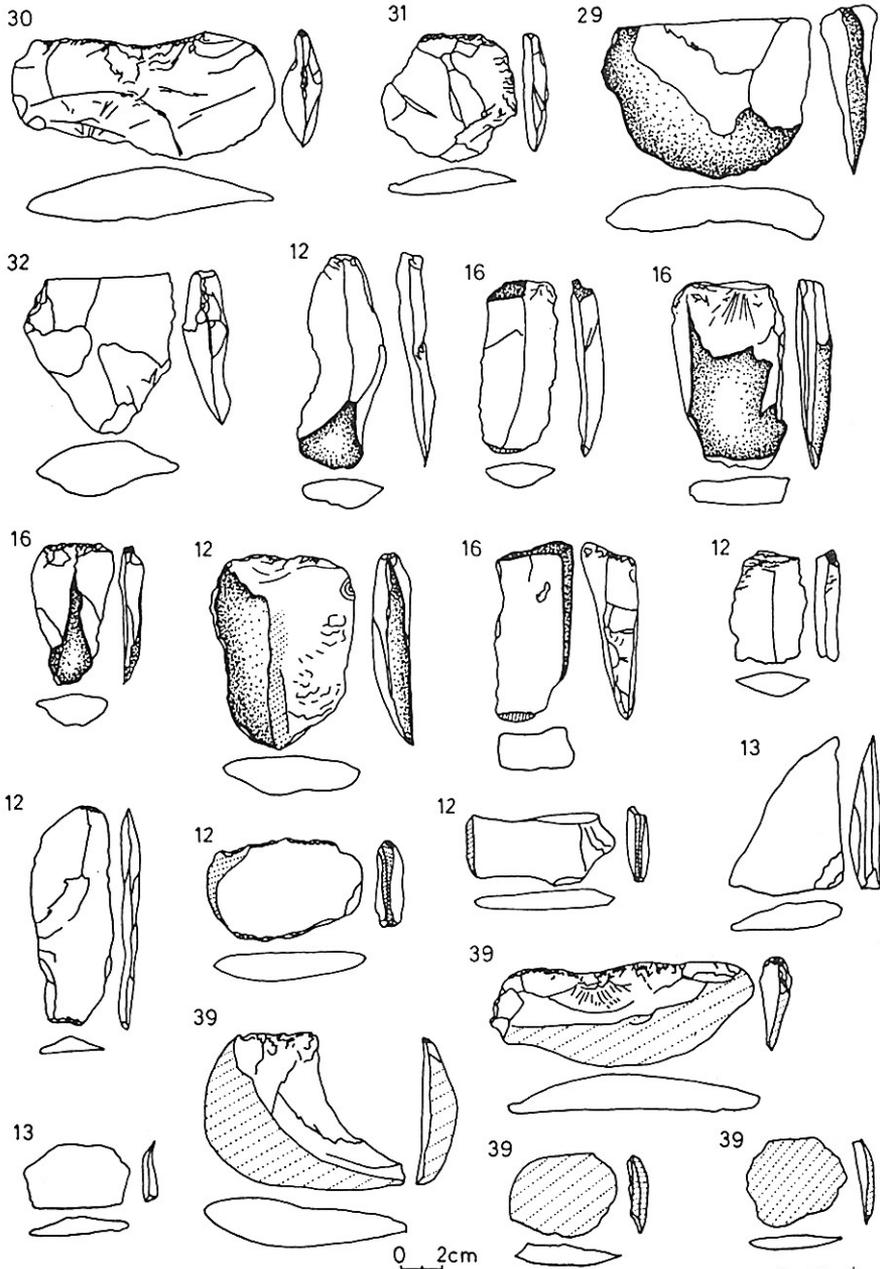


Figura 7 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.



De Masi
1987

Figura 8 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.

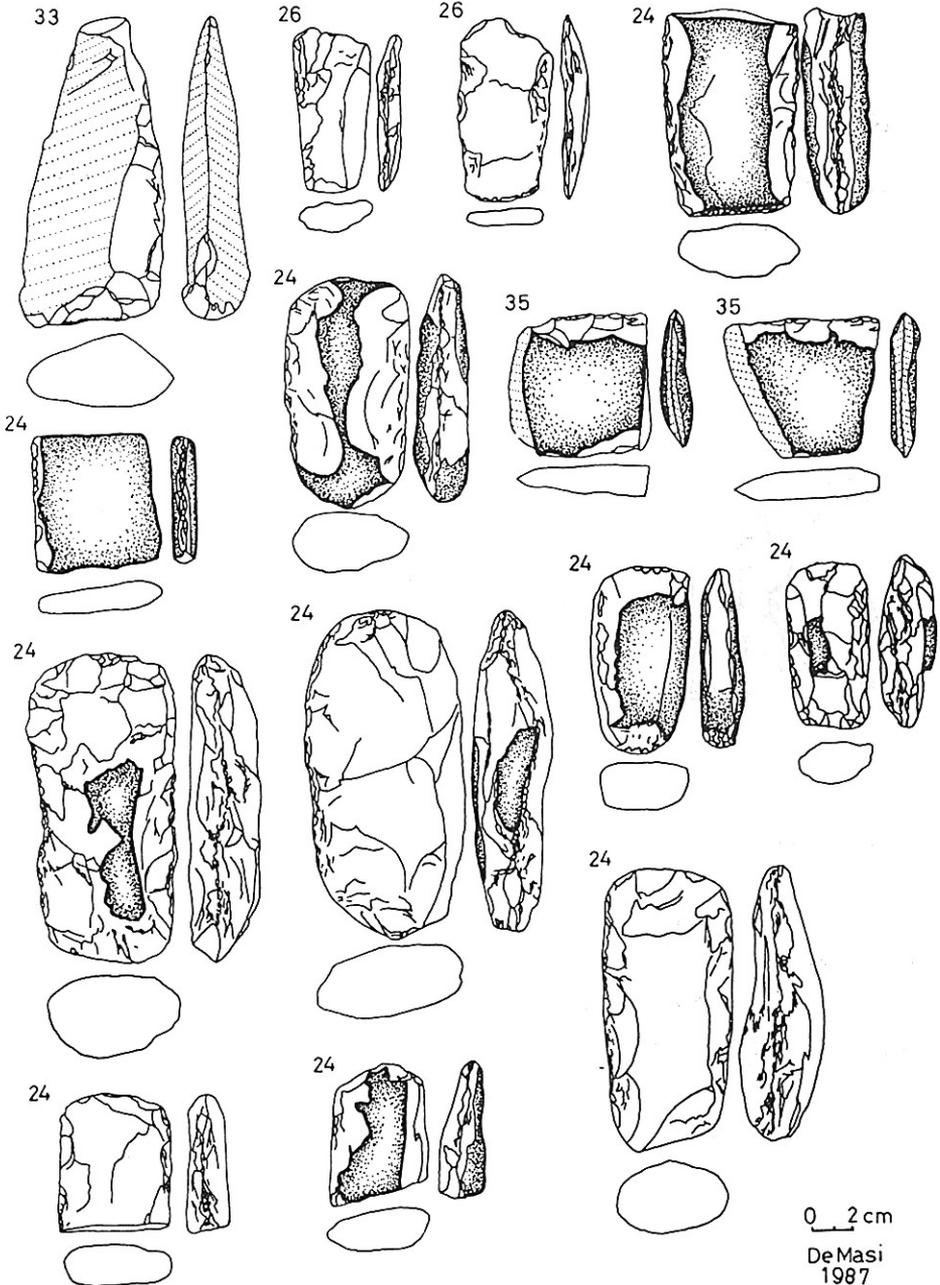
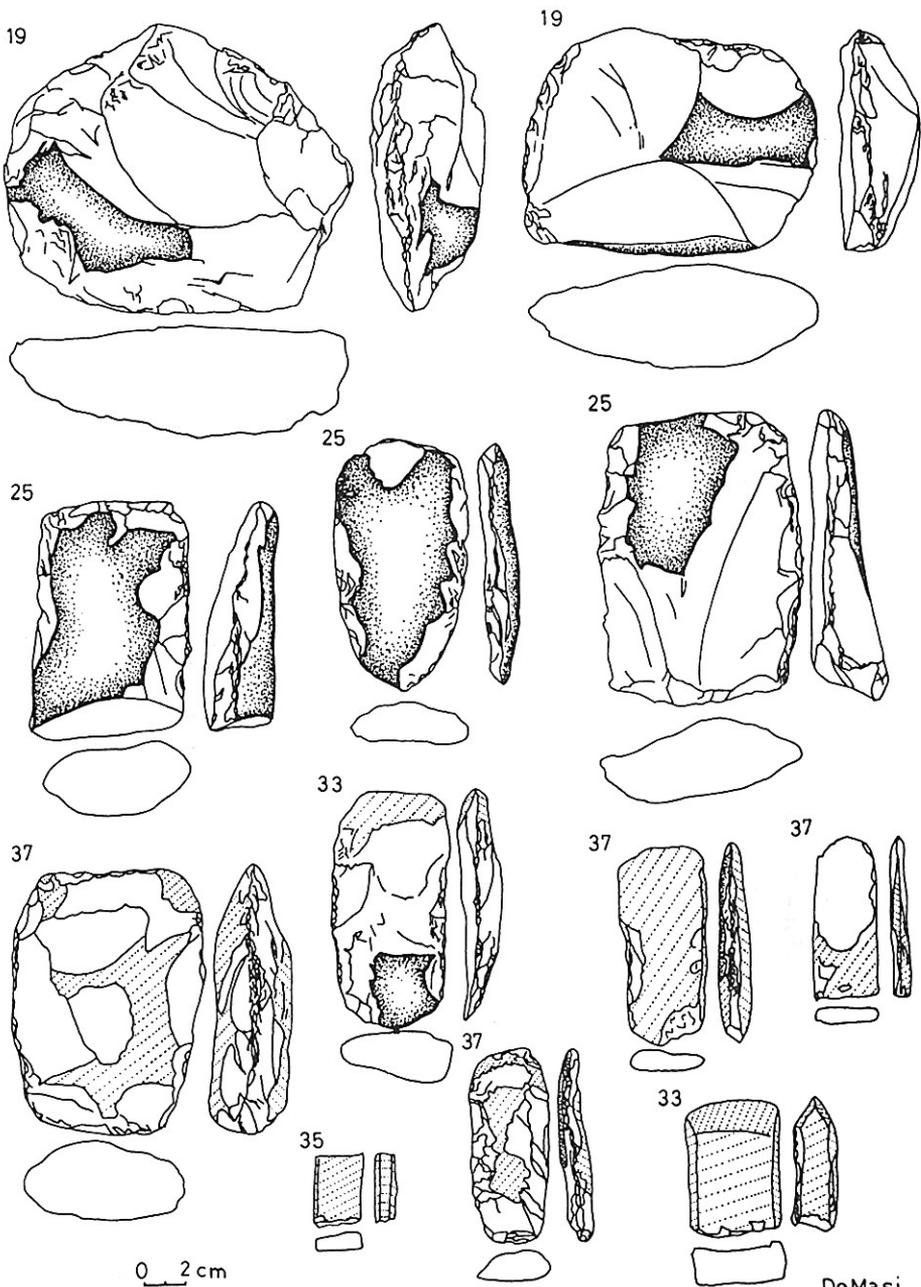


Figura 9 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.



De Masi
1987

Figura 10 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.

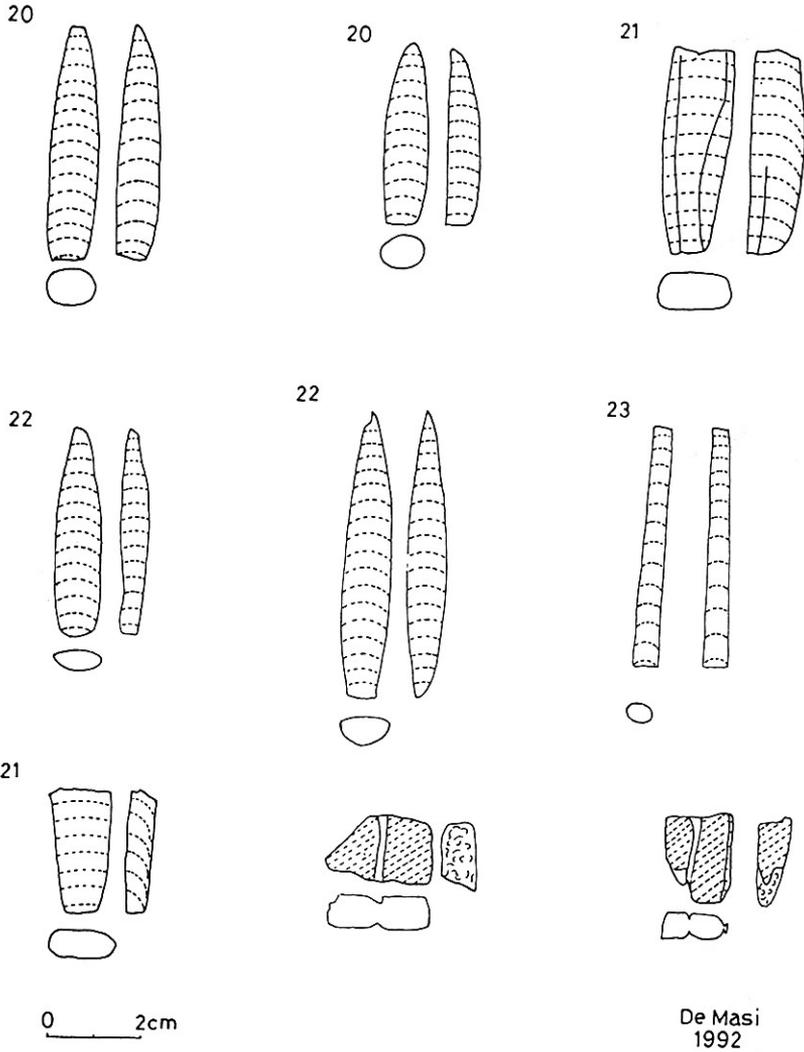


Figura 11 - Indústria lítica: grupos de artefatos líticos.

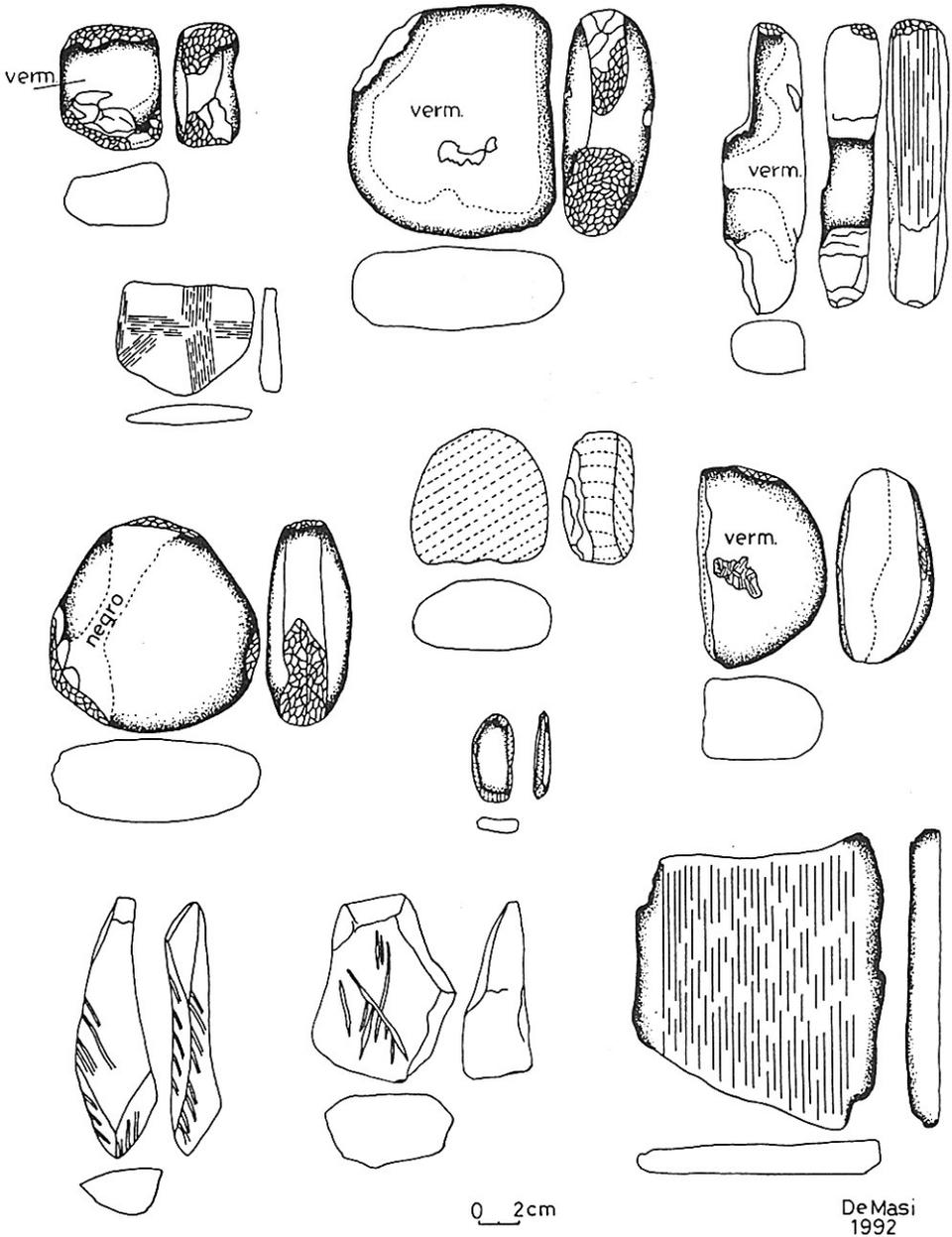


Figura 12 - Indústria lítica: artefatos com indicação de marcas de desgaste.

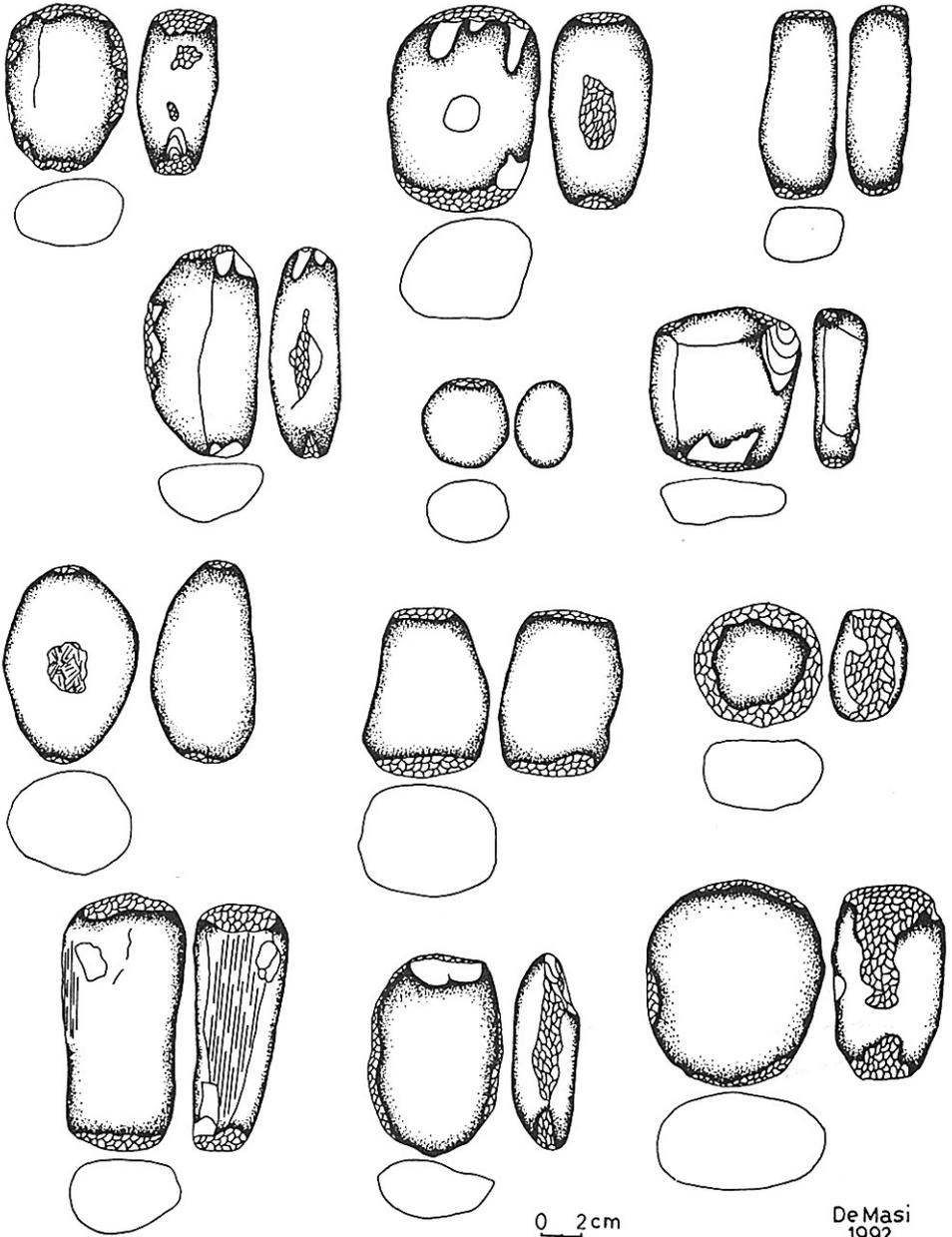


Figura 13 - Indústria lítica: artefatos com indicação de marcas de desgaste.

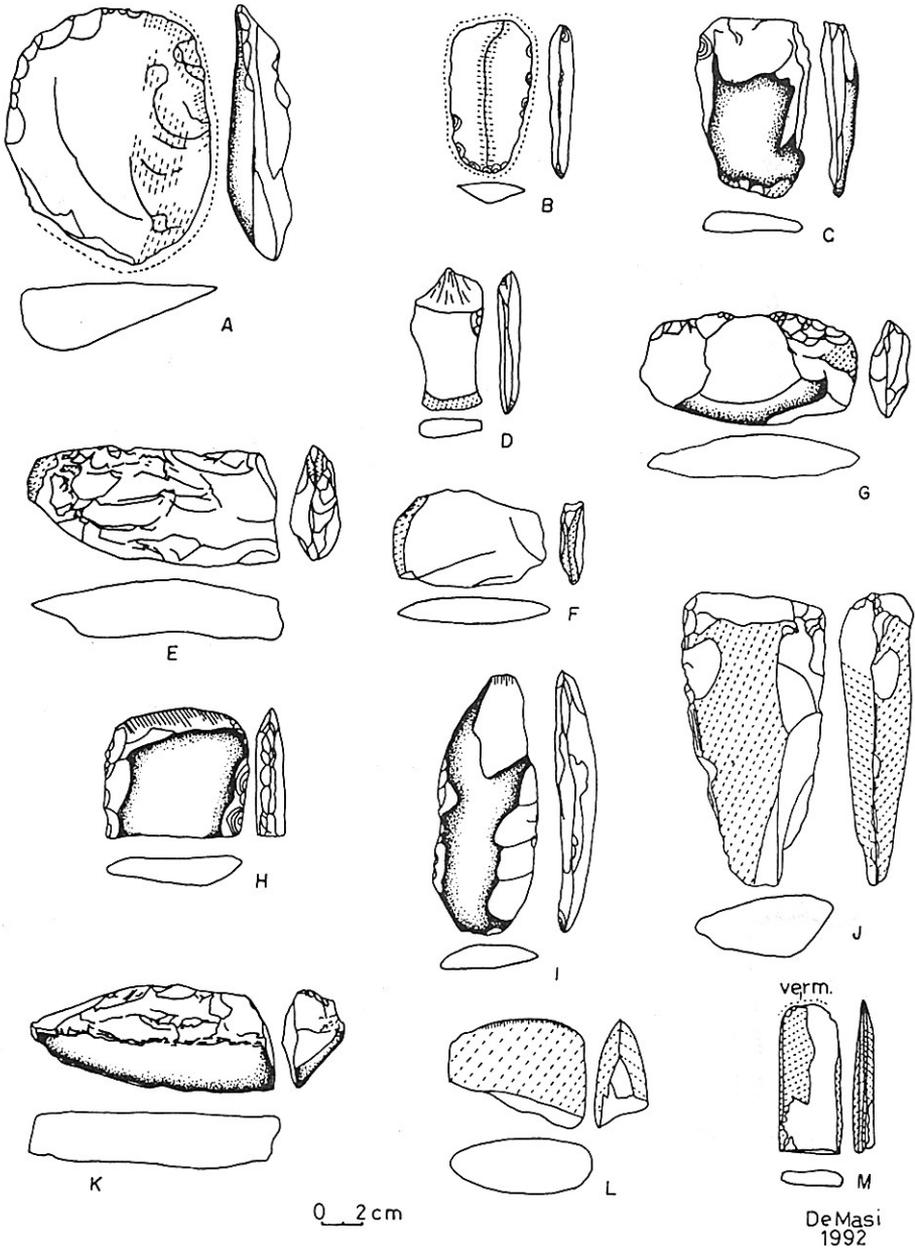


Figura 14 - Indústria lítica: artefatos com indicação de marcas de desgaste.

5. A CERÂMICA

A cerâmica do sítio é toda simples, de pequeno tamanho, utilitária, muitas vezes com crostas de restos de alimentos no interior. Ela é típica da tradição Itararé, como foi descrita para o planalto do Paraná (CHMYZ 1968).

O material que foi recuperado na escavação é muito abundante para sítios dessa tradição (5.551 unidades) e é formado por fragmentos bastante grandes e bem conservados, de modo a permitir uma boa reconstituição do processo de produção e uma boa amostragem das formas (573 bordas). Vasilhames inteiros foram recuperados apenas 4, que se encontram no Museu Municipal do Balneário Camboriú (figura 40).

Como o conjunto dos fragmentos é bastante uniforme e sem decoração, não dando oportunidade para uma classificação natural, usamos basicamente o antiplástico e a cor da superfície como base para nossa descrição.

O universo foi dividido em três conjuntos pelo antiplástico, que pode ser de areia fina, de areia grossa ou de mica. A mica é a menos representada, com 115 unidades (2,07%); em seguida vem a areia grossa, com 1.073 unidades (19,32%), sendo a maior parte areia fina, com 4.363 unidades (78,59%).

Cada um desses conjuntos foi novamente dividido, usando como critério a cor da superfície, com o que se criaram 4 variedades: a vermelha, a preta, a que tem partes vermelhas e partes pretas, e a parda. A menos representada é a vermelha, com 362 unidades (6,52%); a vermelha-preta tem 1.289 unidades (23,22%); a preta, 2.686 unidades (48,38%); a parda 1.214 unidades (21,86%).

Com isso fica bem claro que, no processo de queima dessa cerâmica, predomina a queima redutora, que deixa os vasilhames escuros, na superfície e no interior. A queima oxidante perfeita é rara e provavelmente se deve à imperfeição na exclusão do oxigênio. Como o padrão parece ter sido a cor escura, vasilhames avermelhados podem ser enegrecidos usando o brunido, isto é sobrepondo uma fina película escura por cima da superfície externa e interna; o brunido era usado principalmente com os vasilhames já de si escuros, aparecendo tanto na face externa, como na interna. O brunido, geralmente com polimento, deixando as superfícies brilhantes, refletindo a luz, é uma das características da cerâmica de tradição Itararé. Como a cerâmica, no sítio, está bem conservada, esta característica fica muito destacada.

Além disso classificamos as bordas e fizemos a reconstituição gráfica dos vasilhames (quadros 2 e 3; figuras 15-22 e 40). Estes se dividem claramente em recipientes rasos e largos, de bordas predominantemente não infletidas, e recipientes fundos e estreitos, com bordas predominantemente infletidas. Mas o limite entre uma e outra classe não é nítido. A abertura da boca é pequena, sendo parecida em ambas as classes, começando com 8 cm, predominando em 10 e reduzindo a representatividade daí em diante até chegar a algumas peças que ultrapassam os 30 cm (Ver tabela). As paredes são finas, predominando entre 3 e 9 mm; nos vasilhames com antiplástico areia fina elas são um pouco mais finas que nos de antiplástico grosso. As bordas são frequentemente reforçadas em sua parte superior, junto ao lábio. As bases são aplanadas ou côncavas, raramente convexas. (Ver quadro de formas, bordas e bases). Um dado curioso: dos quatro vasilhames recuperados inteiros, os três altos e estreitos são assimétricos, lateralmente inclinados; só a pequena tigela é aproximadamente simétrica. Com os fragmentos recuperados não temos condições de generalizar esta característica.

Os critérios acima indicados são independentes e cada um deles atinge todos os elementos recuperados.

Estes elementos são inicialmente descritivos, não tendo a intenção de formar tipos taxonômicos, mas caracterizar a cerâmica em seu conjunto; servem para comparação com outros sítios, tanto do litoral, como do planalto. Isto não quer dizer que não tenhamos observado a associação entre elementos separados pelos critérios de classificação, que pode ser vista na tabela, onde as formas reconstituídas estão comparadas com o tipo de antiplástico e a cor da superfície.

A construção dos vasilhames certamente se fez por enrolamento espiralado. Nos vasilhames com paredes muito finas, especialmente na variedade preta, os roletes aparecem raramente. Nas vasilhas com paredes mais grossas (da variedade parda, vermelha e vermelho-preta) os roletes são mais visíveis. Nas paredes mais finas, mas também em outras, a massa do rolete pode ser repuxada por cima de outro rolete (inferior), de modo que se formam paredes duplas.

Cerâmica com antiplástico areia fina (4.363 unidades)

A massa de construção se constitui de uma matriz de areia fina e média, densa, com alguns grânulos de até 1 mm, composta de quartzo e feldspato, originários da decomposição de granito ou gneiss do embasamento. Os elementos antiplásticos estão regularmente distribuídos na pasta, de modo que se formam poucas bolhas de ar.

Na variedade vermelha (222 unidades): A massa se comporta como na descrição acima.

A fratura é irregular, geralmente não acompanhando os roletes.

O núcleo é totalmente vermelho, marrom escuro entre paredes vermelhas, mais ou menos oxidadas; vermelho na parte externa, marrom na interna, raramente todo marrom, às vezes todo pardo. Predominantemente a parte externa é mais vermelha.

A queima é oxidante, predominantemente incompleta.

A dureza varia de 3 a 3,5^o na escala de Mohs.

A cor da parede externa costuma ser vermelha por oxidação; algumas vezes está pintada de vermelho. A parede interna pode ser vermelha por oxidação, marron, parda ou preta; às vezes apresenta uma camada de restos de alimentos.

O acabamento das superfícies se fez por alisamento bom, que pode chegar ao polimento, este de preferência na face externa.

Na variedade vermelho-preta (1.042 unidades): a massa se comporta como na descrição geral, com os agregados à argila um pouco menores e menos densos.

A fratura é igual.

O núcleo costuma ser como o da variedade vermelha, mas com o aparecimento de núcleos pretos ou marron escuros.

A queima é oxidante, mais incompleta; ou redutora incompleta.

A dureza é igual.

A parede externa apresenta nuances de vermelho e cinza no mesmo caco; alguns fragmentos têm externamente restos de brunidura com polimento. A parede interna varia desde o cinza bem escuro, o pardo, o marron, o vermelho.

O acabamento da superfície externa é um alisado bom, ou polido com brunido. O acabamento da superfície interna é o alisado, raramente o polido com brunido.

Na variedade parda (859 unidades): a massa é igual à da variedade anterior.

A fratura é igual à das outras variedades.

O núcleo costuma ser preto, ou com pequena margem parda; pardo com pequena margem um pouco mais clara, mas ainda parda; a parede externa pode ser marron, o resto preto ou marron escuro.

A queima é predominantemente redutora, incompleta, mas boa.

A dureza é igual à das outras variedades.

A parede externa e a interna são pardas em tonalidades mais claras ou mais acinzentadas, às vezes puxando a marron.

O acabamento da superfície geralmente é um alisamento bom, mas também aparece um polido com restos de brunidura. Um fragmento pardo apresenta um escovado irregular, ou alisamento mal acabado.

Na variedade preta (2.240 unidades): a massa é igual à das duas variedades anteriores.

A fratura é muito irregular e áspera, mais que nas outras variedades.

O núcleo na metade dos fragmentos é totalmente preto, numa pequena parcela é marron como nos outros marrons, mas com brunidura preta; os demais são pardos.

A queima é predominantemente redutora, incompleta, mas boa.

A dureza é igual à das outras variedades.

As paredes apresentam-se pretas ou naturalmente, pela queima redutora, ou por brunido.

A maior parte dos fragmentos apresenta-se preta, brunida com polimento, em ambas as faces.

Cerâmica com antiplástico areia grossa (1.073 unidades)

A massa de construção tem a matriz de areia média, com elementos de areia grossa e até muito grossa, distribuídos irregularmente. Os agregados vêm da decomposição de granito ou gneiss do embasamento. Os agregados são densos e apresentam distribuição regular. Com isso as bolhas de ar são raras e pequenas.

A fratura e o núcleo se comportam como na areia fina.

Na variedade vermelha (135 unidades):

A fratura, a cor do núcleo e a queima como na mesma variedade com areia fina.

A coloração das superfícies é como na mesma variedade com areia fina. As vezes a superfície interna está brunida.

Na variedade vermelho-preta (242 unidades):

A fratura e o núcleo como na areia fina.

A queima é oxidante incompleta, eventualmente redutora incompleta.

A coloração das paredes é como na areia fina. Frequentemente brunido preto no lado externo, parcialmente desfeito por uso ou erosão; frequentemente também brunido e polimento na face interna.

O tratamento da superfície é o alisado ou o brunido.

Na variedade parda (291 unidades):

A fratura, a queima, a dureza, a coloração e o tratamento das superfícies como na variedade parda com antiplástico areia fina.

Na variedade preta (405 unidades): com exceção da massa, o resto se comporta como na variedade preta com antiplástico areia fina.

Cerâmica com antiplástico mica (115 unidades)

A massa de construção tem a matriz mica, predominantemente em lamínulas pequenas, menores que 1 mm, mas também maiores, cor ouro, raramente brancas, muito densas; acompanham grãos de quartzo, tamanho areia média e grossa. Os agregados são densos a muito densos.

Na variedade parda (64 unidades):

A fratura é irregular, porém menos que nos antiplásticos areia fina e areia grossa.

O núcleo apresenta-se predominantemente escuro, entre paredes pardo-amarronzadas; ou o lado externo é pardo-amarronzado e o interno mais escuro; o núcleo também pode ser preto.

A dureza é semelhante à das pastas com outros antiplásticos.

As superfícies são geralmente pardas: a interna às vezes preta.

As paredes são bem alisadas ou polidas. As partículas de mica dão um efeito muito bonito tanto na face externa, como na interna.

Existem também as variedades vermelha, com ambas as faces vermelhas, ou a externa vermelha e a interna escura (5 unidades); a vermelho-preta, com ambas as faces semelhantes (5 unidades); e a preta (41 unidades), que se comporta como a de antiplástico areia fina.

Outras cerâmicas

Além da cerâmica Itararé, existem mais 54 cacos, coletados em níveis superficiais, que devem ser coloniais.

Todo este pequeno conjunto é de cerâmica decorada e pode ser dividido em dois grupos: o primeiro, de 27 fragmentos, é de uma cerâmica grossa com acabamento plástico da superfície; o segundo grupo, de 32 fragmentos, mais finos, apresenta decoração pintada e plástica.

ROHR (1984a:43-45) descreve ambos os grupos.

No primeiro a manufatura seria por modelagem, mas não se observa, nos planos de fratura, sinal de roletes, que indicassem acordelamento. A queima é boa. A cor da superfície, tanto da parede externa, como da parede interna, em onze cacos, é marron-tijolo. Nos restantes dezesseis cacos é cinza. A cor do núcleo, nos cacos de cor marron-tijolo, é escura ou marron-tijolo e, nos cacos de cor cinza, é escura ou cinza. A coloração marron-tijolo de uns e a cor cinza dos outros cacos é nítida e declarada, sem haver transição de cores. A dureza oscila de 3 a 6^o na escala de Mohs, sendo mais frequentes os

cacos com dureza de 4 a 5^o. Como antiplástico foram utilizados areia, grânulos de quartzito e de filito de até 15 mm de espessura.

É cerâmica de aspecto grosseiro, de superfície irregular e de bordas muitíssimo reforçadas. A superfície externa acha-se acabada com grosseiras corrugações e as espessas bordas, em cinco cacos, foram decoradas, antes da queima, com a aplicação transversal ou oblíqua, sobre as mesmas, de sabugo de milho. Na superfície interna dos cacos observam-se, nitidamente, as estrias de alisamento. Em alguns cacos, a superfície interna é escovada, apresentando estrias paralelas de um milímetro de profundidade.

O formato é de bacias de grande diâmetro, mas de pouca profundidade. O diâmetro de oito vasilhames medidos oscila entre 68 e 86 cm.

O segundo grupo é representado por 32 fragmentos, pouco espessos, com pinturas e acabamentos plásticos variados.

A manufatura obedeceu à técnica do acordelamento; nos planos de fratura de muitos cacos são visíveis os roletes de argila ou os negativos dos mesmos. Como antiplástico para a argila aparece areia de quartzito, com espessura que oscila de frações de um a cinco mm; a maioria tem antiplástico com menos de um mm de espessura. A queima é de regular a muito boa.

A cor da parede externa, em aproximadamente um terço dos cacos, é escura, em outro terço é cinza e nos restantes é cor marron fraca. Os cacos escuros por fora, via de regra, também são escuros por dentro; outras vezes são marron por dentro. Os cacos de cor cinza por fora, via de regra, também são de cor cinza por dentro; outras vezes são de cor marron na parede interna. A coloração do núcleo, nos cacos escuros, via de regra, também é escura; em alguns é marron fraca. Nos cacos cinza, a coloração do núcleo, via de regra, é escura; algumas vezes é cinza. Nos cacos de cor marron o núcleo é escuro.

A superfície é bem alisada, sendo poucos os cacos em que observamos estrias de alisamento.

A dureza vai de 3 a 5^o na escala de Mohs.

A espessura das paredes oscila entre 4 e 11 mm, mas varia nas diversas partes do mesmo vasilhame. As vasilhas são de pequeno porte, semelhantes a bacias e tijelas, com diâmetro oscilando entre 10 e 26 cm, predominando as aberturas e 18 a 22 cm.

As bordas, via de regra, são levemente inclinadas para fora, outras vezes são retas. Os lábios são arredondos.

O acabamento da superfície compreende 2 cacos de pintura vermelha externa, 1 de pintura vermelha interna e externa, 1 caco com uma faixa vermelha beirando a borda e outra beirando o fundo, internamente, 1 engobado de branco e uma faixa vermelha por dentro e duas por fora, beirando a borda, 1 engobado de branco e com uma faixa vermelha beirando a borda e outra o

fundo, externamente, 5 corrugados simples, 3 corrugados-ungulados, 2 escovados, 3 ungulados-arrastados, 3 com lábios ondulados, 4 com lábios externamente ondulados, com ondulações aplicadas. Rohr pensa que uma parte seja produção indígena (Tupiguarani) e a outra colonial. Mas, tomando em consideração a morfologia e a forma de acabamento, é praticamente certo que ela seja toda colonial, como os cacos grossos do primeiro grupo. Ela corresponde a uma ocupação branca, que pode ser do século XVIII ou XIX. A data que Rohr conseguiu em camadas superficiais, 195 AP, seria uma data aceitável para uma ocupação deste tipo.

QUADRO 3

DEC. GRUPO	ANTIPLÁSTICO FINO				ANTIPLÁSTICO GROSSO				INDET.	TOTAL
	N	P	V	MV	N	P	V	MV		
1a	1	1				2			2	6
1a.1	2	2							1	5
1a.2		1							1	2
1a.3		1		1					3	5
1b	3	2	1	1	1	1		1	3	13
1b.1	2	4	1					1		8
1b.2	3	4		1		5				13
1b.3	1	5	1			2				9
1b.4	1									1
1c	4	1								5
1c.1	4	1			1	1			1	8
1c.3	3	3				2				8
1c.4	1	1								2
1d						3				3
2a	2	2	2	1						7
2b	2	2								4
3a	4									4
3b	6	5	1	6						18
3c	7	1	2						2	12
4a		3		1						4
4b	7	6	2	4		2	1			22
4b.1	2	3				1		1		7
4c	11	2			2	1				16
4c.1	2	1		1			1			5
5a				1						1
5a.2						1				1
5b		3	2	1						6
5b.1		3								3
5b.2		2								2
5c	1								1	2
5c.1		3			1					4
5c.2	3	2				1			1	7
A1	8	6			4	2			1	22
A1.1	4	1		1					1	7
A1.2	6	1								7
A2	2	1						1		4
A3	11	7	1	3	2	2				26
B1	16	3	1	2	3		1	1		27
B2		5			1	3		1		10
B3	15	9		3	3	5	2	1	1	39
C1	15	10	1	3					1	30
C2				1					2	3
C3	14	12	4	10	2	4		1	1	48
D1	4	2		1					1	8
D1.1	3	3	2	1					1	10
D3	2	6	1	1						10
D3.1	3	2	1	2	2					10
E1	4	3		2	5					14
E2	1				1	1				3
E3	3	3	2	3	4		1	1		17
F1	5	1	1	2	2	1		3	2	17
F2	4	1		2		1			1	9
F3	13	3	4	5	3	2	1	1	1	33
G1	4		1			1		1		7
G1.1	3					1				4
TOTAL	212	143	31	61	37	45	7	14	28	578



Figura 16 - Cerâmica Itararé: perfis de bordas.



Figura 17 - Cerâmica Itararé: perfis de bordas.

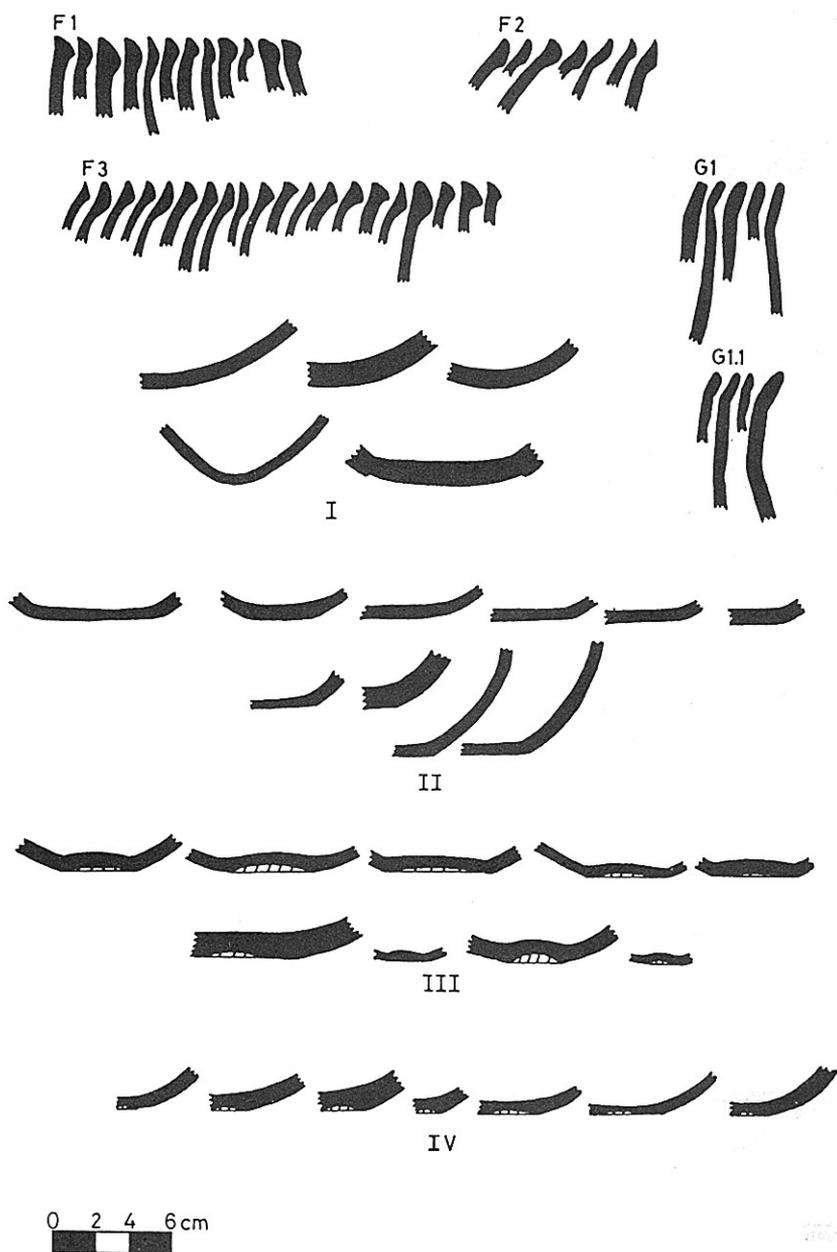


Figura 18 - Cerâmica Itararé: perfis de bordas e bases.

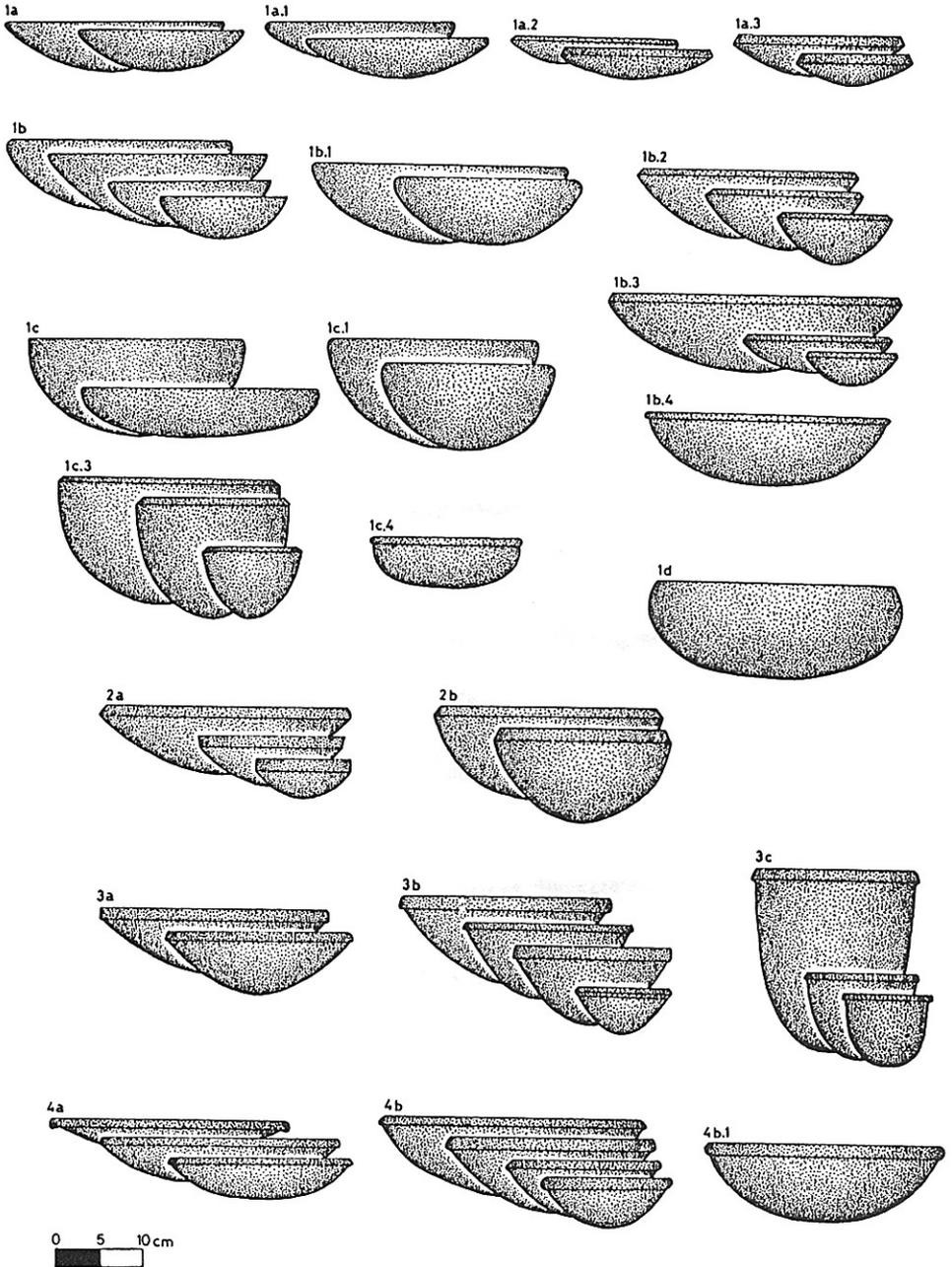


Figura 19 - Cerâmica Itararé: modelos de formas, reconstituídas a partir de bordas e bases.

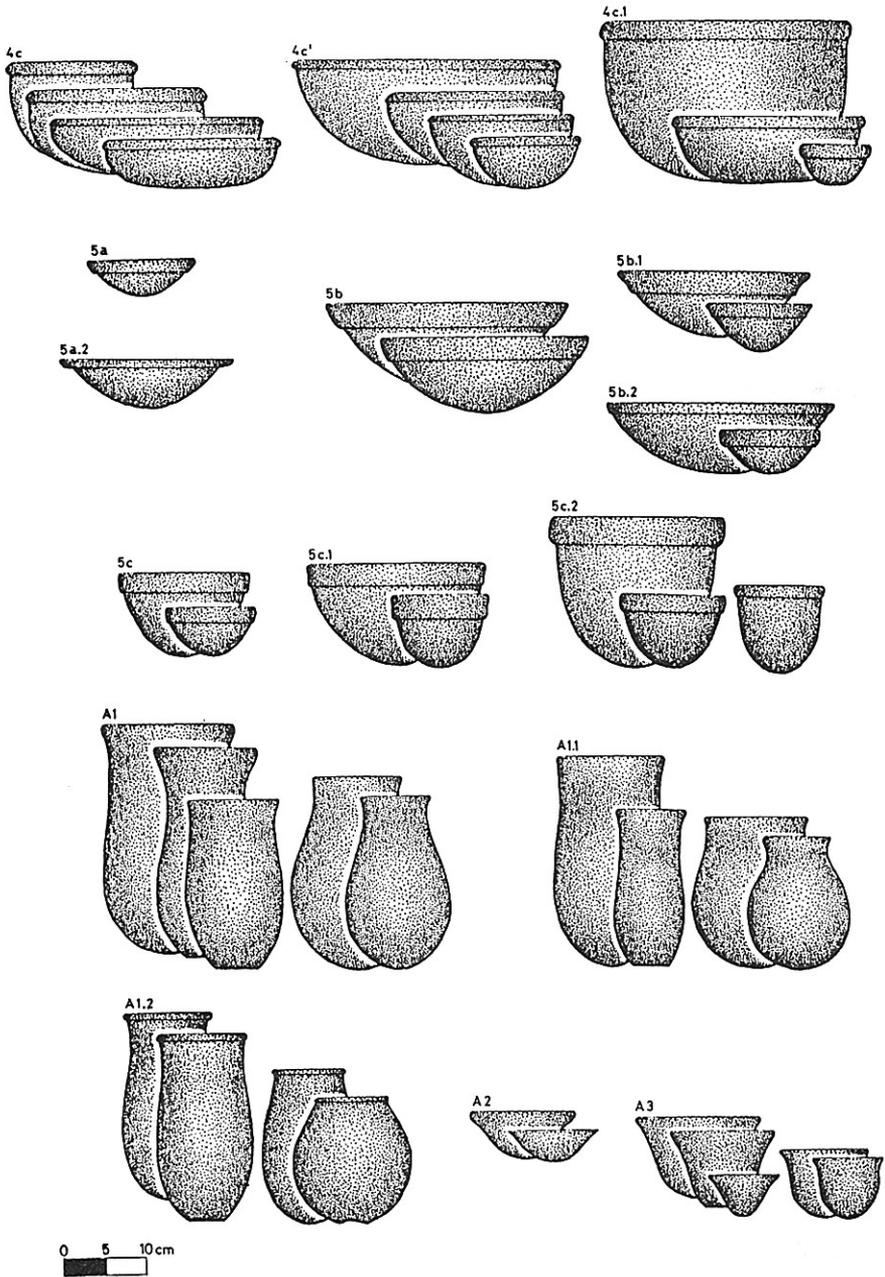


Figura 20 - Cerâmica Itararé: modelos de formas, reconstituídas a partir de bordas e bases.

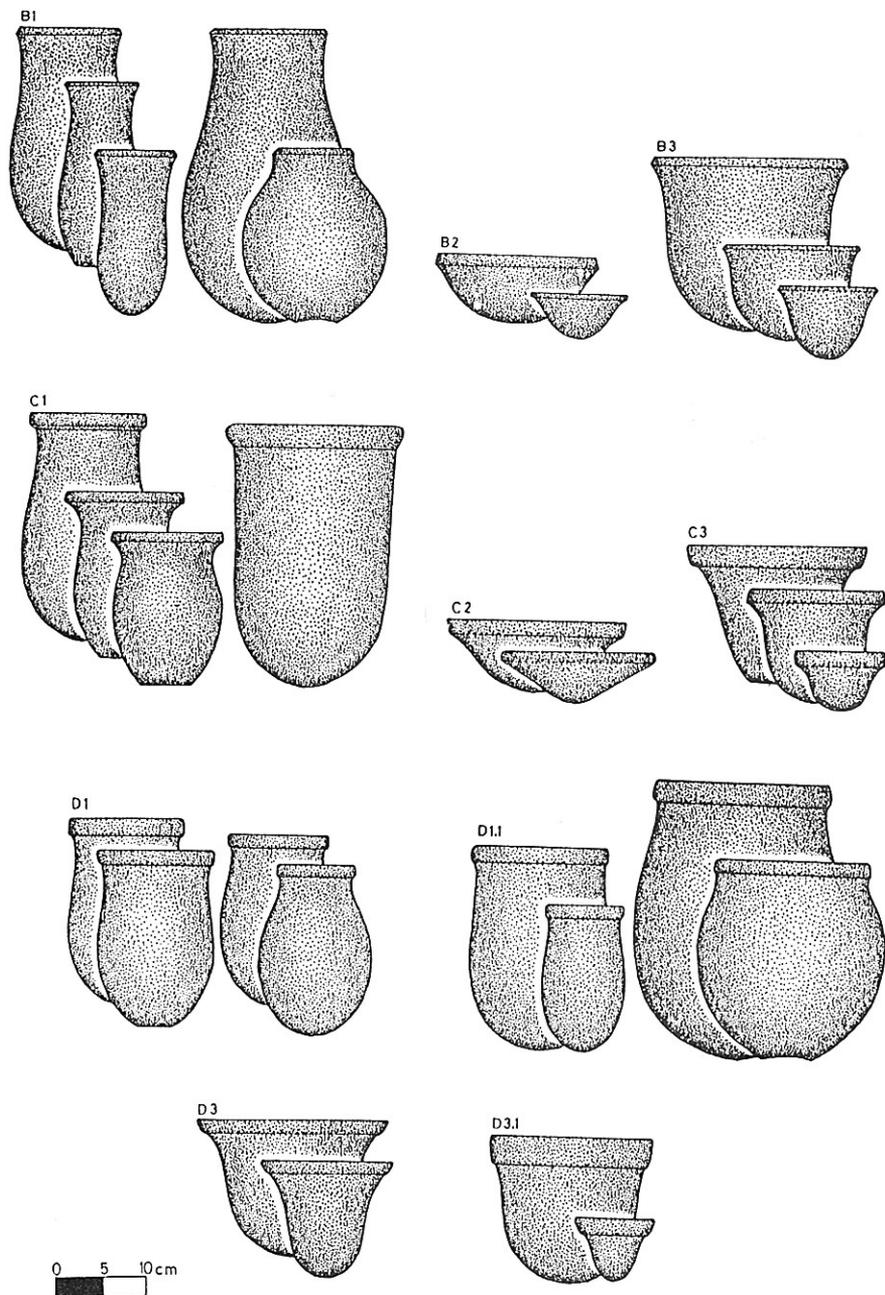


Figura 21 - Cerâmica Itararé: modelos de formas, reconstituídas a partir de bordas e bases.

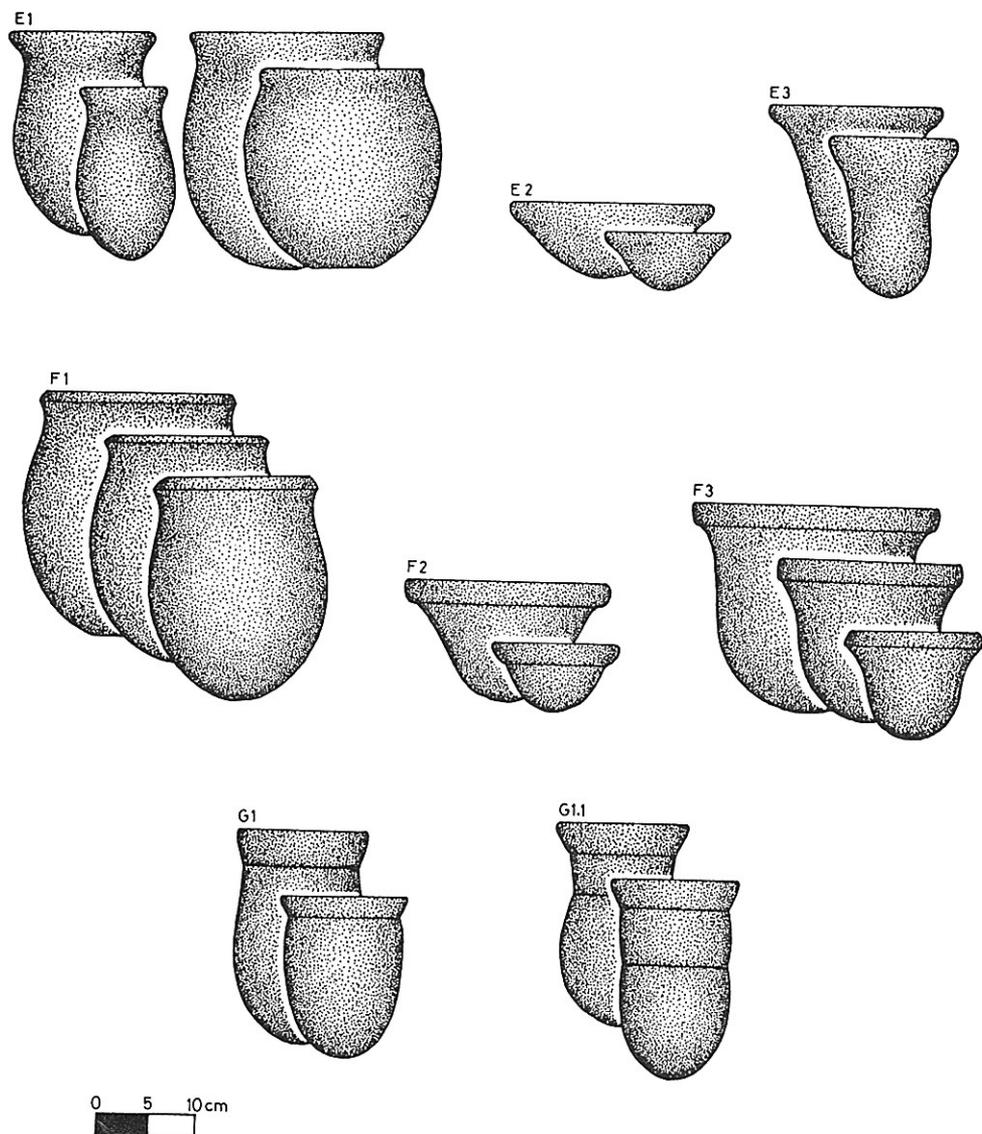


Figura 22 - Cerâmica Itararé: modelos de formas, reconstituídas a partir de bordas e bases.

6. CAÇA, PESCA E COLETA

Os restos faunísticos foram manipulados como nos trabalhos anteriores do Pe. João Alfredo Rohr, S.J., publicados em Pesquisas, Antropologia n^o 45 e 48: primeiro o material foi separado em classes, depois em gêneros e, quando possível, em espécies; depois foi calculado o número total de fragmentos identificados e o número mínimo de indivíduos para cada grupo.

As ressalvas feitas naquela oportunidade, isto é, que não se trata de uma coleta total e que, portanto, não se pode calcular o número real dos animais, vale também para este sítio. A deste sítio é, com certeza, a amostragem mais completa entre os escavados por ele, mas ainda é assistemática.

A classificação do material, em geral, foi feita pelo biólogo André Luis Jacobus, ao passo que os peixes foram classificados pela bióloga Marta Gazzaneo.

Na busca da identificação e hábitos dos mamíferos foram usados CABRERA & YEPES (1960), SILVA (1984), SANTOS (1979, 1981, 1982, 1984), CORREA DA COSTA e outros (1981). Na dos peixes, GODOY (1987) e LIMA & PINHEIRO DA SILVA (1984). Na dos moluscos, RIOS (1975). Em geral, LIMA (1991) e BANDEIRA (1992).

Os animais representados nos restos de alimentos são mamíferos, reptéis, peixes, moluscos, crustáceos e equinodermas.

Entre os mamíferos terrestres os mais presentes são o porco-do-mato-queixada (45 indivíduos), a paca (18 indivíduos), a cutia (10 indivíduos), os cervídeos (5 cervídeos não especificados e 1 cervo-do-pantanal), o gambá (5 indivíduos). As características desses animais explicam, até certo ponto, o porque desta frequência.

O porco-do-mato-queixada (*Tayassu pecari*) pesa de 16 a 30 kg, tem vida gregária, atividade diurna, vive em florestas densas e úmidas como as da Serra do Mar e deixa carreiros bem visíveis que o denunciam; não é perigoso para o homem.

A paca (*Agouti paca*) pesa até 10 kg, tem hábitos solitários, atividade noturna, vive em florestas altas, deixa trilhos bem marcados; foge diante do homem.

A cutia (*Dasyprocta azarae*) pesa entre 2,4 e 5,9 kg, tem hábitos solitários, atividade crepuscular, vive em florestas e capoeiras, repousando em tocas, deixa trilhas; é mansa, fugidia e esquiva.

Os cervídeos do sul do Brasil pesam entre 15 e 25 kg, têm hábito solitário, atividade crepuscular e noturna e vivem em matas; como são grandes, são visíveis, mas não muito; são ariscos.

O cervo-do-pantanal (*Blastocerus bezoarticus*) pesa de 100 a 150 kg, vive aos pares, em pequenos grupos ou solitário, em pântanos de vegetação alta e cerrada, tem atividade diurna; deixa o homem se aproximar bastante.

O gambá (*Didelphis* sp) pesa 0,64 a 2,75 kg, tem hábito solitário, atividade noturna e crepuscular, vive em capoeiras, matas primárias e secundárias e aproxima-se facilmente da moradia humana, onde se pode instalar; é lento e pacífico.

Animais menos representados são o gato-do-mato (3 indivíduos), a capivara (2 indivíduos), a anta (2 indivíduos), os macacos (2 bugios e 1 mico), os tamanduás (2 tamanduás-pequenos e 1 tamanduá-bandeira), o mão-pelada (2 indivíduos), a lontra (2 indivíduos).

O gato-do-mato (*Felis* sp) pesa de 2,7 a 6 kg, tem hábito solitário, vive em matas, atividade noturna, de difícil localização; foge do homem.

A capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) pesa 25 a 30 kg, tem hábitos gregários, vive à beira da água em matas, atividade diurna e noturna, permanece sempre no mesmo local; é lenta e pacífica.

A anta (*Tapirus terrestris*) pesa até 300 kg, tem hábito solitário ou anda em casais, vive em matas fechadas na proximidade da água, atividade noturna e diurna, deixa trilhos claros; é tímida.

O bugio (*Alouatta* sp) pesa 7 a 9 kg, tem hábitos sociais, vive em florestas densas, no alto das árvores, atividade diurna e crepuscular, denuncia-se pelo ronco que se escuta longe; é inofensivo.

O mico (*Cebus* sp) pesa 2 a 4 kg, tem hábito social, vive em matas, no alto das árvores, atividade diurna, emite gritinhos que o denunciam; foge do homem.

O tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) pesa 6 kg, tem hábito solitário, vive em florestas, atividade noturna e crepuscular, denuncia-se pelo fedor de sua urina e fezes; foge do homem.

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) pesa de 18 a 23 kg, tem hábito solitário, vive em florestas e cerrados, atividade noturna e diurna, denuncia-se pelo fedor de sua urina; foge do homem.

O mão-pelada (*Procyon cancrivorus*) pesa 8 kg, tem hábito social, vive em vegetação cerrada e alta próxima à água, atividade noturna foge do homem.

A lontra (*Lutra sp*) pesa entre 5 e 14,75 kg, tem hábito social, vive em rios e lagos, atividade noturna; foge do homem.

Com só um indivíduo aparecem o coati, a irara, o puma e a onça, quatro animais perigosos para o homem porque lutam quando atacados.

O coati (*Nasua nasua*) pesa entre 3 e 7,2 kg, hábitos sociais, nômade, vive em florestas altas, arborícola, atividade principal diurna; foge ou luta.

A irara (*Eira barbara*) pesa entre 2,7 e 7 kg, hábito solitário, vive em matas, atividade diurna; foge ou luta.

O puma (*Felis concolor*) pesa 30 a 60 kg, hábito solitário, vive em ambientes vários, atividade crepuscular; foge do homem, mas tem fama de perigoso.

A onça (*Panthera onca*) pesa de 60 a 130 kg, hábito solitário, vive em florestas úmidas, na proximidade da água, atividade crepuscular; evita o homem, mas é perigosa se acuada.

Ainda existem os mamíferos marinhos: o lobo marinho (3 indivíduos), o delfim (3 indivíduos), o boto (3 indivíduos) e a baleia (muitos ossos).

O lobo marinho (*Arctocephalus australis*) pesa cerca de 80 kg, tem hábito social, vive em ilhas oceânicas rochosas, passando a maior parte do tempo na água. Atividade diurna. Costuma vir na corrente fria da Antártica, estabelecendo colônias no sul do Brasil, onde o clima pode favorecê-lo.

O delfim (*Delphinus delphis*) pesa até 100 kg, hábitos sociais: grupos de centenas de indivíduos podem reunir-se em alto mar. Gostam de seguir os barcos, mas também chegam perto da costa.

O boto (*Tursiops truncatus*) pesa cerca de 200 kg, hábitos sociais, prefere águas próximas à costa; é muito visível e por isso exposto à caça.

A baleia mede 9 a 30 m. Vive exclusivamente em mares e oceanos, anda só, aos pares ou em grandes grupos quando a alimentação é abundante; trae-se pelos jatos de água que expela. Frequentemente encalha na praia.

Com esses dados percebe-se que, apesar de se tratar uma predação oportunística, existe uma certa inclinação para a caça mais de determinados mamíferos que de outros. Ela pode estar ligada ao gosto social da carne, aos hábitos dos animais, à quantidade de indivíduos capturáveis e à facilidade de os encontrar e pegar. Entre os animais caçados estão tanto os de atividade diurna, quanto crepuscular e noturna. Alguns, como o gambá, talvez não sejam nem mesmo caçados em razão de sua carne, mas porque vivem muito perto do homem.

Outros animais, comuns na alimentação indígena, estão bastante pouco representados, como a capivara, a anta, os macacos. Com a mesma representatividade aparecem outros que são menos comuns como alimento: o gato-do-mato, os tamanduás, o mão-pelada. Isto nos faz lembrar que, nem

sempre, a caça atende exclusivamente à alimentação, mas pode estar em busca de peles, dentes ou honras.

Os menos presentes são animais ariscos e perigosos, como o coati, a irara, o puma e a onça.

Alguns desses animais são mais eficientemente caçados com armas cortantes e perfurantes, como sejam projéteis, sob a forma de flechas, ou dardos, cujas pontas estão muito presentes no sítio; são de preferência animais rápidos, dos quais é difícil aproximar-se; ariscos ou perigosos. Alguns também podem ser presos em armadilhas, nas quais caem, se enredam ou para as quais são atraídos por meio de um engodo.

Os mamíferos marinhos também mostram uma certa representação nos animais apropriados e são todos grandes e muito visíveis. As baleias certamente não eram caçadas, mas, como elas encalham na praia, ao se aproximarem excessivamente do continente, podem sua carne, sua gordura e seus ossos ser aproveitados.

Na maior parte dos animais estão presentes ossos do corpo inteiro, sugerindo que os corpos eram levados inteiros para a aldeia.

De alguns só foram identificadas pequenas partes (tamanduá-bandeira, coati, cervo-do-pantanal), todos representados por um só indivíduo; é possível que os outros ossos não tenham sido reconhecidos, como é possível que estes animais não tenham sido trazidos inteiros; ossos deles também podem encontrar-se em quadrículas não escavadas.

Mais discutível é o caso do puma e da onça, dos quais só existem alguns dentes: estes podem ter sido trazidos de outras aldeias, especialmente por se tratar, geralmente, de materiais raros, usados como adorno ou amuleto.

Dos répteis só foram identificados jacarés (1 indivíduo), tartarugas marinhas (5 indivíduos) e cágados (1 indivíduo).

O jacaré poderia ter sido caçado no rio Camboriú ou nas suas áreas alagadiças. As tartarugas vêm para a baía e mesmo para a praia. O cágado é de terra firme. Como os ossos são poucos é impossível dizer se estes animais foram trazidos inteiros para a aldeia; do jacaré só foi reconhecido um dentário.

As aves estão pouco representadas porque sua identificação é difícil e talvez porque tenham sido pouco apanhadas.

Só foi determinado o pinguim-de-Magalhães (*Spheniscus magellanicus*), que atinge 4,5 kg, com 20 indivíduos, não necessariamente caçados e comidos, mas talvez mortos naturalmente, de exaustão e calor, depois de uma longa viagem da Antártica para cá. Ele vem para a praia naturalmente. Vive e viaja em grupos.

Há mais 15 indivíduos de 13 espécies de aves não determinadas, das quais nada podemos dizer. O número de espécies foi estabelecido comparando os fêmures da amostra.

As aves talvez não fossem de grande consumo alimentar, mas seus ossos poderiam ser usados para a fabricação de pontas e suas penas, além de servir para emplumação de flechas, poderiam ser úteis como ornamentos.

Pensando que os pinguins poderiam não ter sido utilizados, mas simplesmente abandonados no terreno ou jogados no lixo, examinamos primeiro a dispersão de seus ossos pelo espaço escavado, constatando que se encontram muito espalhados por cima de muitas quadrículas; examinamos também o estado dos seus ossos, buscando ver se estão inteiros ou quebrados. Constatamos então que há muitos ossos inteiros, mas o tibiotarso e a tíbia apresentam um número maior de quebrados que de inteiros, sugerindo sua utilização. As outras aves também apresentam alta porcentagem de ossos inteiros, ao lado de outros quebrados, mas os quebrados são mais numerosos que nos pinguins. Esses ossos eram muito usados para a produção de pontas de projétil.

Os *peixes* identificados também não são muitos e talvez não representem todas as espécies apanhadas. Mas nos podem dizer algo sobre hábitos de pesca da população das Laranjeiras. Identificadas foram as seguintes espécies:

- Bagre (*Netuma barba*): 38 indivíduos,
- Enxada (*Chaetodipterus faber*): 20 indivíduos,
- Caranha (*Lutjanus griseus* ou *Lutjanus cyanopterus*): 9 indivíduos,
- Garoupa (*Epinephelus* sp): 8 indivíduos,
- Raias: 7 indivíduos,
- Paru (*Pomacanthus arcuatus*): 4 indivíduos,
- Miraguaia (*Pogonias chromis*): 4 indivíduos,
- Robalo (*Centropomus undecimalis*): 3 indivíduos,
- Corcoroca (*Haemolum plumerii*): 2 indivíduos,
- Sargo-de-dente (*Archosaurus rhomboidalis*): 2 indivíduos,
- Baiacu liso (*Lagocephalus laevigatus*): 1 indivíduo,
- Baiacu-de-espinho (*Diodon* sp): 1 indivíduo,
- Enchova (*Pomatomus saltatrix*): 1 indivíduo,
- Agulhão (*Tylosurus* sp): 1 indivíduo,
- Peixe-espada (*Trichiurus lepturus*): 1 indivíduo,
- Cação mangona (*Odontaspis taurus*): 16 dentes
- Tubarão tintureira (*Galeocerdo cuvieri*): dentes.

Os *bagres marinhos* frequentam águas rasas das baías de fundo arenoso ou lodoso, embocaduras de rios e praias, afastando-se para maiores profundidades quando a água esfria.

Procuram, na época da reprodução, as águas salobras, subindo o curso dos rios.

Algumas espécies alcançam 150 cm, mas geralmente medem entre 20 e 100 cm.

O bagre branco *Netuma barba*, que é o peixe identificado, é uma espécie eurihialina, encontrada em numerosos rios da costa do Brasil.

A enxada (*Chaetodipterus faber*) vive tanto em pequenos grupos como em grandes cardumes. Frequenta águas rasas e proximidades de pedras e recifes. Mede cerca de 50 cm e pode alcançar 90.

Das caranhas, a espécie *Lutjanus griseus*, que é registrada em Santa Catarina, vive em águas costeiras, estuários e rios. Mede menos de 100 cm.

A garoupa (*Epinephelus* sp) vive quase exclusivamente em fundos coralinos ou de rocha, entre parcéis, a profundidades de 15 a 50 m. Tem hábito solitário, morando em tocas e cavernas nas rochas e estabelecendo territórios próprios, que defende. São comuns indivíduos de 10 a 15 kg, mas raramente ultrapassam os 30.

Há diversos gêneros e espécies de *raias*, com hábitos também diferentes. A maior parte delas vive no fundo do mar, mas a jamanta e outras grandes raias nadam perto da superfície. A maioria das raias mede entre 30 e 90 cm. O esporão é usado para fazer pontas.

O paru (*Pomacanthus arcuatus*) costuma nadar aos pares, ou em grupos de três a quatro indivíduos, sobre os recifes, no encontro da areia com o coral, ou em meio à água. Mede, geralmente, de 30 a 40 cm, mas pode alcançar 70.

A miraguaia (*Pogonias chromis*) é peixe que forma grandes cardumes, vivendo em águas rasas com fundos de areia e lodo, próximas da costa, em regiões de mangues, enseadas, fundos de baías e praias. Costuma migrar para águas profundas na época fria. Mede 50 a 70 cm, chegando a atingir 150 cm. O peso normal é de 5 a 10 kg, mas pode atingir 65.

O robalo (*Centropomus undecimalis*) é peixe predatório, grande e veloz, frequente em águas rasas perto de baías, praias, enseadas, águas salobras de áreas de mangues, embocaduras e rios, costumando subir os rios e entrar em lagoas para desovar. Atividade noturna. Mede 50 a 100 cm, chegando a 150 cm. Peso normal de 2 a 4 kg, mas podendo chegar a 30.

A corcoroca (*Haemolum plumieri*), a mais comum das corcorocas, vive em qualquer tipo de fundo, de areia, de pedra, de cascalho, de lama, especialmente em praias de areia. Mede 15 a 20 cm. Pesa mais de 1 kg. Forma grandes cardumes.

O sargo-de-dente (*Archosaurus rhomboidalis*) vive em águas rasas e ambientes com fundos de lama ou areia, nas proximidades da desembocadura de rios costeiros. Está presente o ano todo.

Os *baiacus*, excluídos o baiacu mirim, o baiacu e o baiacu-de-espinho, que possuem carne venenosa, têm carne excelente. Vivem em fundos de areia, cascalhos etc, em locais de água quente. Medem até 70 cm. Pesam até 3,5 kg.

O baiacu liso vive em fundos arenosos ou rochosos, de águas costeiras e rasas, também em toca. É mais abundante no verão, quando parece menos tóxico.

A enchova (*Pomatomus saltatrix*) tem costume de nadar próximo à superfície, em águas rasas ou profundas, preferindo os peixes novos a proximidade das praias. Pode também ser encontrada no fundo do mar em locais de lajes de pedra. É peixe que forma grandes cardumes, frequentando sempre os mesmos lugares, onde se torna fácil encontrá-la. Costuma, em determinadas épocas, empreender migrações. É capturada nas pontas de ilhas batidas pelo mar, nos locais de espuma, onde se apresenta em pequenos grupos ou solitária, em exemplares grandes, chamados marisqueiras. Mede 50 a 80 cm. Pesa de 5 a 6 kg, chegando a 12.

O peixe-espada (*Trichiurus lepturus*) vive perto da costa, no fundo ou no corpo de águas calmas e relativamente rasas. Forma pequenos e grandes cardumes. Pesa, em média 1 a 2 kg. Em Santa Catarina, no verão, ocorrem grandes cardumes.

O cação mangona (*Odontaspis taurus*), hábito solitário, atividade noturna, habita águas rasas, sobretudo no verão, quando é capturado perto das costas com redes e espinhéis. Pode atingir 300 cm; com 250 pode pesar cerca de 120 kg.

O tubarão tintureira (*Galeocerdo cuvieri*), hábito solitário, nada nas superfícies de águas oceânicas e costeiras. Ocorre em estuários e baías rasas e próximo à costa, mas empreende excursões a mar aberto, mesmo não sendo efetivamente oceânico. Mede, em média, 4 m, podendo atingir de 450 a 600 kg. Foram recolhidos 7 dentes com 2 furos cada um e 1 dente alisado.

A pesca se apresenta claramente oportunística, não especializada. Os peixes apanhados são os que se encontram na baía, só tendo de alto-mar a tintureira, que também entra na baía. Os tamanhos variam desde 1 kg até 400 kg. Entre eles há espécies que estão na baía no verão e vão para o alto-mar no tempo do frio, como os que permanecem o ano inteiro. Não se vêem diferenças no número de indivíduos capturados em espécies de hábitos solitários e de hábitos gregários. O volume total recuperado na escavação é insignificante tanto se olhado sob o número total de fragmentos, como dos indivíduos calculados sobre os fragmentos.

Dos **crustáceos** foram identificados o caranguejo púrpura (*Xantho flavidus*: 11 indivíduos) e goiá (*Galappa flamea*: 9 indivíduos), que vivem no costão. Seus restos estão concentrados na área de lixo da primeira etapa. Representam um número insignificante e podem ter sido colhidos com as os-

tras, com cujos restos se encontram misturados e isto num espaço pequeno do lixo, como se raramente tivessem sido recolhidos.

De **equinodermas**, aparece o ouriço-do-mar (*Arbacia punctata*), com muitas cascas e espinhos, especialmente na área do lixo.

O ouriço-do-mar vive em rochas ou lodo nas praias e no fundo do mar, alguns até 4.800 m de profundidade. Outros, habitantes de praias, deslocam-se para poças de marés ou escondem-se embaixo de plantas marinhas na maré baixa. Outros vivem permanentemente em depressões escavadas por eles mesmos em argilas duras ou rochas moles abaixo das águas costeiras.

Na costa brasileira duas espécies são mais frequentes, a *Lytechinus variegatus* (ouriço-verde) e *Echinometra lucuntur* (ouriço-roxo). O identificado nas Laranjeiras foi o *Arbacia punctulata*.

Pela quantidade de restos, no lixo perto da praia, o ouriço-do-mar deve ter sido apanhado sistematicamente, fazendo parte da dieta do grupo.

Entre os **moluscos**, estão presentes tanto gastrópodos marinhos e terrestres, quanto pelecípodos marinhos. Os gastrópodos marinhos, em ordem de maior representatividade, são os seguintes:

Olivella sp - 114 indivíduos, que formavam um colar de criança. Vive em fundos arenosos e lodosos. As Olividae vivem desde a zona de maré até profundidades médias, movimentando-se semi-enterradas na areia, ali deixando faixas características, durante as marés baixas.

Astraea latispina - 33 indivíduos. Vive em rochas e corais das zonas inter marés. Tamanho: 56 x 50 mm.

Strombus pugilis - 28 indivíduos. Vive em águas rasas de fundos de areia e lama. Tamanho: 83 x 55 x 47 mm. Forma grupos densos.

Terebra sp - 27 indivíduos. Vive em fundo arenoso.

Thais haemastoma - 24 indivíduos. Vive em substratos rochosos intertidais próximos a bancos de ostras, sobre destroços submergidos e baías. Tamanho médio-grande. Forma grupos densos.

Cypraea zebra - 20 indivíduos. Herbívoro, vive em rochas cobertas por algas da zona intertidal até 10 m de profundidade.

Tegula viridula - 17 indivíduos. Vive em rochas e corais das zonas entre marés. Tamanho: 23 x 19 mm.

Olivancillaria urceus - 13 indivíduos. Vive na areia, geralmente em águas rasas. Tamanho: 50 x 40 mm. Forma grupos semi-densos.

Spondilus americanus (?) - 10 indivíduos. Vive em rochas e corais.

Olivancillaria vesica auricularia - 8 indivíduos. Vive em fundo arenoso em águas rasas.

Cymatium parthenopeum - 6 indivíduos. Vive em regiões de praia, sobre substratos arenosos ou rochosos. Tamanho: 72 x 37 x 32 mm. Forma grupos semi-densos.

Crepidula sp - 5 indivíduos. Vive em rochas ou em outras conchas.

Patella sp - 4 indivíduos.

Neritina virginea - 3 indivíduos. Vive em baixios lodosos de água salgada, sobre raízes de mangues. Tamanho pequeno. Forma grupos densos.

Phalium granulatum - 1 indivíduo. Vive em substratos arenosos. Tamanho: 73 x 49 x 43 mm.

Murex senegalensis - 1 indivíduo. Vive sobre estratos rochosos e arenosos. Tamanho médio. Forma grupos semi-densos.

Zidona dufresnei - 1 indivíduo. Vive em fundos arenosos.

Siratus senegalensis - 1 indivíduo. Vive em fundos arenosos em águas rasas. Tamanho: 69 x 39 x 34 mm.

Dos gastrópodos terrestres estão presentes:

Megalobullimus oblongus - 17 indivíduos. Vive entre ou sob folhas secas e troncos podres em regiões úmidas e escuras.

Strophocheilidae - 4 indivíduos.

Odontostomus sp: 1 indivíduo.

Os pelecípodos estão representados pelas seguintes espécies:

Lucina pectinata - 33 indivíduos. Vive sob substrato lodoso ou arenoso em águas rasas, podendo suportar baixa salinidade (regiões estuarinas, principalmente mangues). Tamanho: 51 x 48 mm. Vive isolado.

Crassostrea rhizophorae - 30 indivíduos. Vive em fundo lodoso, aderida a substrato duro, como rocha ou vegetação de mangue. Tamanho: 57 x 40 mm. Forma grupos semi-densos.

Diplodon sp - 23 indivíduos. Vive em fundos arenosos.

Anomalocardia brasiliiana - 12 indivíduos. Vive em substratos lodosos, areno-lodosos ou arenosos em águas rasas das zonas entre marés de praias bem abrigadas, podendo suportar variações de salinidade. Tamanho: 34 x 28 mm. Forma grupos densos.

Amiantis purpuratus - 11 indivíduos. Vive na areia, em água pouco profunda. Tamanho: 34 x 28 mm.

Trachycardium muricatum - 9 indivíduos. Vive em fundos arenosos ou areno-lodosos. Tamanho: 47 x 46 mm.

Tivela mactroides - 8 indivíduos. Vive em substrato arenoso, em águas muito rasas. Tamanho: 34 x 32 mm. Forma grupos semi-densos.

Tagelus plebeius - 3 indivíduos. Vive em fundos arenosos, próximos às desembocaduras de rios. Tamanho médio-pequeno. Forma grupos densos.

Pecten ziczac - 1 indivíduo. Vive em fundos arenosos.

A apanha de moluscos também se mostra oportunística e não especializada, abrangendo gastrópodos e pelecípodos que ocorrem nos espaços intertidais ou de águas rasas, tanto de fundos arenosos (a praia), lodosos (o estuário do rio e o mangue) e rochosos (os blocos da encosta dos morros, que descem até o mar) da proximidade da aldeia. A espécie mais apanhada é a *Ostrea* sp, maior e com maior quantidade de proteína, a qual forma o maior volume da lixeira, verdadeira brecha de uns 20 cm de espessura na borda da aldeia, no limite da maré alta; todas as outras são pouco representativas e podem vir misturadas na mesma quadrícula, como na 0 M, no limite sul da aldeia, onde aparecem juntas 27 das espécies marinhas, mais duas espécies de moluscos terrestres.

Fazendo um resumo retrospectivo fica manifesto que a apropriação de proteínas se apoia sobre a caça, a pesca e a coleta de moluscos e equinodermas, sem ficar claro o domínio de uma sobre a outra. Os animais apanhados são tanto os de atividade diurna, como crepuscular e noturna. Isto deveria marcar a atividade dos moradores, podendo-se supor que a maior parte dessa atividade fosse diurna e talvez crepuscular. Usando uma analogia geral podemos pensar que a apanha dos moluscos, próximos, seria atividade feminina, enquanto a pesca e a caça seriam atividades masculinas.

Mais algumas hipóteses seriam possíveis: o uso de canoas para a locomoção no mar, o uso de dardos e anzóis para pescar. Redes também? Para este uso não temos, por enquanto, nenhuma base empírica.

Demonstrativo dos restos ósseos identificados:

Mamíferos:

Porco-do-mato-queixada: mandíbula distal, mandíbula E (esquerda) D (direita), maxila inteira, max. E D, canino inferior, canino superior, occipital mais parietal, parietal E D, frontal E D, frontal inteiro, nasal, jugal, côndilo, esquelomosal, bula timpânica, falange I, falange II, sacro proximal, manúbrio (jovem), pelvis E D, atlas, axis, omoplata E D, úmero E D, cúbito E D, rádio E D, metapódio, calcâneo E D, talus E D, fêmur E D, tíbia E D, fíbula E D. NTF 305.

A paca: mandíbula E D, úmero E D, fêmur E D, tíbia E D, cúbito E D, rádio E D, esquelomosal E. NTF 75.

A cutia: mandíbula E D, fêmur E D, úmero D, tíbia E D, rádio E. NTF: 36.

Os cervídeos: mandíbula D, metacarpo E, metatarso D, metapódio, úmero E, calcâneo E, falange I, falange II, rádio D, sacro. NTF: 26.

Cervo-do-pantanal: talus D, falange II, dente.

Gambá: úmero E D, fêmur E D, cúbito D, pelvis D, mandíbula E D. NTF:

Gato-do-mato: tíbia E D, fêmur E, mandíbula E D, rádio D, axis, cúbito D, pelvis D, dentes. NTF: 28.

Capivara: mandíbula D, calcâneo E D, talus D, rádio E, cúbito E, úmero E D, omoplata E, tíbia E, rótula E. NTF: 13

Anta: úmero E D, cúbito E, mandíbula E D, fêmur D, talus E, rótula E, metapódio, falange I, falange II, atlas, dente, calcâneo E, occipital com côndilo. NTF: 23.

Bugio: fêmur D, tíbia D, rádio E D, fíbula D, pelvis D, dentes. NTF: 11.

Mico: mandíbula. NTF: 1.

Tamanduá mirim: fêmur D, úmero D, cúbito D, rádio E, sacro, pelvis. NTF: 7.

Tamanduá-bandeira: tíbia E. NTF: 1

Mão-pelada: tíbia E, úmero D, calcâneo E. NTF: 4.

Lontra: úmero D, mandíbula E, sacro, crânio. NTF:6.

Coati: fêmur D, canino. NTF: 2.

Irara: mandíbula D, úmero E, fêmur D. NTF: 3.

Puma: carniceiro, canino inferior D. NTF: 2.

Onça: canino inferior E. NTF: 1.

Lobo marinho: fêmur E D, úmero E D, pelvis D, cúbito E D, rádio E D, omoplata D, maxilar, mandíbula E, dentes. NTF: 23.

Delfim: maxila, frontais. NTF: 2.

Boto: atlas, cúbito, úmero, bula timpânica, dentes. NTF: 14.

Baleia: ossos variados, espátulas.

Répteis:

Jacaré: dentário. NTF: 1.

Tartaruga: escápula E D, úmero E D. NTF: 13.

Cágado: úmero D. NTF: 1.

Aves:

Pingim: fêmur E D, tibiotarso E D, tarsometatarso D, úmero E D, cúbito E D, rádio E D, metacarpo E, coracoide E D, lombosacro. NTF: 116.

Aves não determinadas: fêmur E D, tibiotarso E D, tarsometatarso E D, úmero E D, cúbito E D, metacarpo E D, coracoide E D, escápula E, esterno, rádio D, falange E D, pelvis. NTF: 157.

Peixes (identificados geralmente pelos seus otólitos e com os seguintes ossos):

Bagrídeos: espinho peitoral E D, dentário D, neurocrânio, coracóide D, espinho dorsal, apoio do aparelho da espadana.

Enxada (paru): supra-ocipital, pterígio da nadadeira anal?

Caranha: pré-maxilar E D, dentário E D, articular E D.

Raias: esporão.

Miraguaia: pterígio da nadadeira anal, placas faríngeas superiores, placas faríngeas inferiores.

Corcoroca: placa faríngea, dentário E.

Sargo-de-dente: pré-maxila E, dentário E D.

Baiacu-liso: dermethmoide.

Baiacu-de-espinho: pré-maxila.

Enchova: pré-maxila E D, dentário E D.

Peixe-espada: pré-maxila E D, dentário E D.

Agulhão: dentário E D.

Crustáceos:

Caranguejo púrpura: dáctilos móveis E D, dáctilos fixos E D.

Goiá: dáctilos móveis E D, dáctilos fixos E D.

7. MATERIAL PRODUZIDO A PARTIR DE OSSO E CONCHA

A indústria sobre osso, dente e concha do sítio da praia das Laranjeiras é relativamente abundante e diversificada.

Em osso, os artefatos são pontas de projétil, ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas, dentes furados e modificados. Há muito poucas conchas perfuradas, nenhuma com outras modificações (figura 41).

Os artefatos mais numerosos são as pontas-de-projétil, feitas em fragmentos de ossos longos de aves ou mamíferos, ou em acúleos e esporões de peixes.

São peças leves, de menos de 10 cm de comprimento, produzidas a partir de diáfises de ossos longos, apontadas numa extremidade; ou de ossos partidos ao comprido, apontados numa ou em ambas as extremidades; ou a partir de acúleos e esporões, correspondentemente adaptados. Podiam ser usadas na caça de animais terrestres e marinhos. Não há nenhuma ponta-de-projétil em pedra.

Para separar as pontas usamos, como nos textos anteriores, o critério básico do modo de preensão da parte óssea na base de madeira (figura 23). Esta preensão pode ser feita paralelamente à linha da haste, quer embutida dentro dela, quer envolvendo-a, quer sendo presa no lado externo, mas sem envolvê-la toda. Assim temos pontas que têm uma extremidade de preensão e uma extremidade ativa, perfurante. - Ou ela pode ser presa à haste obliquamente, de modo que a parte média da ponta óssea seja a parte de preensão e as duas extremidades sejam ativas: uma para penetrar na carne, a outra para reter nela o projétil.

1. Pontas com preensão paralela à linha da base.

Separámos pontas de secção circular, que envolvem inteiramente a ponta da haste, e pontas de secção plana, embutidas na haste ou presas na sua parte externa, mas sem envolvê-la completamente.

1.1. Pontas que envolvem a ponta da haste: São pontas produzidas sobre osso longo segmentado numa extremidade (a proximal - passiva) e com a outra extremidade (a distal - ativa) aguçada obliquamente ao maior compri-

mento da peça. O canal medular, que permanece inteiro, recebe a haste; a borda do osso, saliente, pode funcionar como retentor da flecha na carne da presa.

No sítio só existe um exemplar.

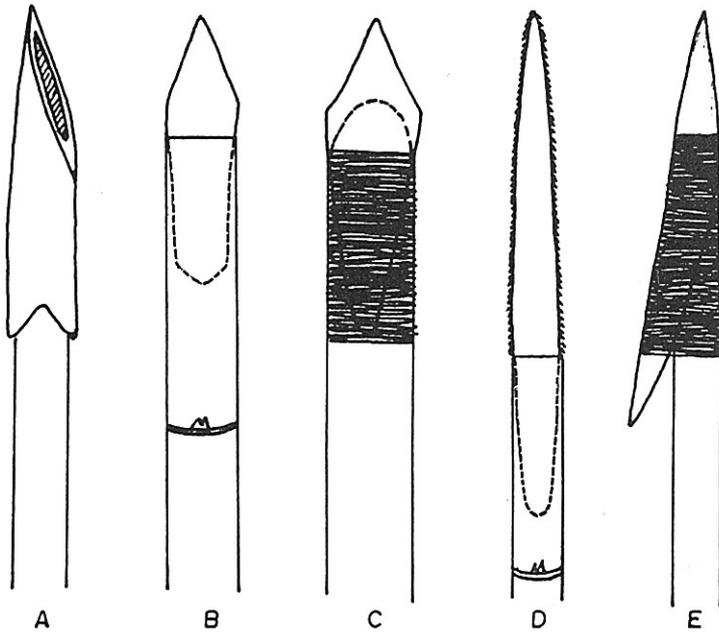


Figura 23 - Formas presumidas de prensão das pontas de projétil. A-D: prensão paralela à haste. A: grupo 1; B, D: grupo 2, variedade 1. C: grupo 2, variedade 2. E: prensão oblíqua à haste.

1.2. Pontas embutidas na haste ou presas externamente, mas sem a envolver completamente.

Nessas peças distinguimos uma extremidade ativa, que é a ponta aguçada, e uma passiva, que é o pedúnculo, menos ou mais destacado.

Subdividimos este grupo em duas variedades: pontas nas quais a parte ativa e a de preensão se distinguem claramente, e pontas nas quais a parte ativa e a de preensão se distinguem pouco.

Variedade 1: Pontas com pedúnculo destacado do limbo por um ombro; os bordos do pedúnculo costumam ser levemente convergentes em direção à extremidade proximal e os bordos do limbo convergentes em direção à extremidade distal. O perfil transversal da ponta é predominantemente simétrico. As peças são produzidas em fragmentos de osso longo de mamífero e modeladas por abrasão. O comprimento varia de 60 a 95 mm. Dos 5 exemplares, 3 estavam associados ao sepultamento nº 5, de mulher adulta.

Variedade 2: Pontas com pedúnculo pouco ou nada destacado do limbo, formando antes uma continuidade com o mesmo, estreitando suavemente em direção à extremidade proximal, ou mantendo paralelos os bordos da extremidade de preensão. Quando largas, são feitas de fragmento de osso longo de mamífero; quando estreitas, são, geralmente, de fragmentos de ossos longos de aves, às vezes ainda de mamíferos; em ambos os casos são modelados por abrasão, podendo ser longas ou curtas e apresentar pequenas variações de formas (121 exemplares). Uma forma com certa representatividade é o esporão de raia, com ou sem maiores modificações, servindo a parte não-serrilhada para o encaixe na haste e a parte denteada como elemento ativo (31 exemplares). Em lugar do esporão de raia pode ser utilizado o acúleo de certos peixes (18 exemplares), especialmente o bagre, usando-o serrilhado ou liso.

Variedade 3: Fragmentos longitudinais de ossos longos de aves, que têm uma das extremidades (a proximal?) pedunculada, com os bordos do pequeno pedúnculo côncavos e a extremidade do mesmo rombuda; a outra extremidade quebrada ou apontada; os bordos longitudinais paralelos. 4 exemplares. Esta variedade é colocada aqui apenas por vagas semelhanças morfológicas.

2. Pontas com preensão oblíqua à linha da haste

As duas extremidades aguçadas são partes ativas; o setor médio é preso à haste, constituindo-se na parte passiva. Tomando em consideração as bordas longitudinais, elas podem ser agrupadas em paralelas (a maior parte) e convergentes (poucas). Costumam ser produzidas em fragmento de osso longo de ave, com exceção das maiores, geralmente produzidas em fragmento de osso de mamífero. No sítio temos 118, das quais ao menos 32 estão

quebradas, ou originalmente tinham uma extremidade obtusa, ou formada por uma fratura.

Ossos apontados

No sítio há 25 exemplares de ossos longos, apontados numa extremidade, em corte oblíquo, expondo o canal medular, permanecendo a outra extremidade com a epífise, ou terminando em ponta romba. Para ilustrar indicamos a origem de alguns desses ossos; 1 fíbula de bugio, 1 de tamanduá, 1 de carniceiro, 3 cúbitos de carnívoro, 1 ulna de mamífero, 1 tibiotarso, 1 metacarpo e 1 tibia de aves. O comprimento varia entre 46 e 115 mm.

Agulhas

12 ossos longos do mesmo tipo, com uma perfuração na extremidade obtusa, eventualmente mais em direção ao meio. O comprimento varia entre 33 e 97 mm.

Anzóis

São peças em osso de mamífero, semelhantes aos anzóis modernos, tendo um braço reto ou levemente encurvado, com ressalto para prensão na extremidade proximal, continuando numa base arredondada ou em ângulo com o braço, e a físga, que fecha em direção ao braço. O tamanho varia entre 22 e 85 mm. Há 6 exemplares, sendo 4 inteiros e 2 quebrados.

Espátulas

São 8 exemplares, feitos em osso de baleia. A maior, que mede 225 x 27 x 7 mm, está feita em costela de baleia, seccionada longitudinal e transversalmente, alisada em toda a superfície e afinada numa das extremidades. A menor tem 76 x 23 x 4 mm.

Outros ossos modificados

Ocorrem ainda ossos serrados: fêmur de gato-do-mato, fêmur de bugio, tibia de queixada; ou com marcas de corte: fêmur de irara, úmero de anta.

E fragmentos de ossos longos rachados, às vezes um pouco alisados; e nadadeiras ou esporões com pequenas modificações.

Rohr fala de um pingente de osso, mas não especifica do que se trata.

Dentes, vértebras e conchas trabalhados

Há um certo número de dentes trabalhados, geralmente associados a sepultamentos:

de lobo marinho: 4 dentes furados e cortados transversalmente, 1 dente furado, 1 dente usado como adorno,
de boto: 8 dentes furados,
de puma: 1 dente furado e serrado,
de bugio: 2 dentes furados,
de coati: 1 dente furado,
de felídeo não identificado: 13 dentes perfurados,
de tubarão tintureira: 7 dentes duplamente furados e 1 alisado,
de caçã: 16 dentes.

Rohr fala de um tembetá sobre dente de elefante marinho ou foca gigante.

Também há, segundo Rohr, 130 vértebras de peixe perfuradas, das quais ao menos 12 são de caçã; algumas teriam, também, as bordas trabalhadas.

As conchas perfuradas são poucas: de *Olivella* sp há 114 exemplares, que formavam o colar de uma criança; de *Olivancillaria* sp há 13 exemplares, 8 concentradas numa quadrícula e 5 em outra, indicando associação; isolada há uma *Conus* sp.

8. ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO E DE LIXO

A escavação ampla permite recompor, com certa probabilidade, a organização do sítio. É importante destacar nele a área construída, as estruturas de combustão e os locais destinados à deposição dos mortos e à eliminação do lixo.

O local de deposição dos mortos e a inferência da área construída básica, na qual se encontram, foi estudada em outro capítulo. Resta, então, estudar as estruturas de combustão e de eliminação do lixo.

Rohr, no tocante a estes dois ítems, descreve três estruturas diferentes: os fogões, os fornos subterrâneos e as depressões cheias de lixo (Para distribuição no espaço escavado ver figura 3).

Fogões: armações de seixos e blocos rochosos, os maiores do tamanho da cabeça de um cão, que formavam um espaço empedrado subcircular ou alongado, com uma média de 30 a 40 cm de diâmetro. Os seixos estavam geralmente rachados de forma típica pela ação térmica e podiam ser muito numerosos: num deles Rohr anota 184 seixos, no outro 700. Nos arredores destes fogões a camada arqueológica muitas vezes era de cor negra, composta quase exclusivamente por carvão. O fato de não haver outro lixo em cima e ao redor dos fogões sugere que eles eram limpos, com certa regularidade, removendo o lixo maior (figura 38).

Estes fogões eram numerosos e estavam agrupados em áreas fora dos espaços construídos e áreas de sepultamentos e deveriam constituir espaços de cocção, de calefação e iluminação. Curiosamente, há pouca cerâmica e poucos restos faunísticos neste espaço, quando comparado com o espaço da deposição do lixo ofensivo na proximidade da praia e dos acúmulos de restos em certos pontos da área construída.

Dentro dos espaços construídos, onde estão os sepultamentos, há poucos fogões, que poderiam ser usados para preparação de alimentos, mas talvez mais ainda para iluminação e calefação.

O fato de eles formarem uma espécie de plataforma de pedras, de se aglomerarem no mesmo local e serem mantidos limpos sugere a sua duração temporal, como estruturas permanentes da aldeia.

Fornos subterrâneos são descritos como núcleos de 20 a 40 cm de diâmetro (profundidade não descrita), compostos de barro vermelho ou amarelo, com cinzas, carvão, conchas trituradas, ossos moídos de peixes e de animais de caça, mas sem refugos artesanais. Rohr fala que são semelhantes aos da Armação do Sul, onde foram mais bem descritos e ilustrados e onde formam depressões revestidas de barro vermelho e também estão cheios de restos de alimentos. Numa fotografia, do sítio das Laranjeiras, eles confirmam o que a comparação insinua. Rohr os denomina de fornos polinésicos, insinuando que eram usados para preparação de alimentos. Seriam, neste caso, estruturas menos duradouras que os fogões com armações de pedra. O processo de cozimento também seria diferente: nos fogões se prepararia o alimento sobre o fogo, a céu aberto, ou em vasilhames cerâmicos, ao passo que nos fornos subterrâneos se prepararia o alimento enterrado e coberto, entre camadas de brasas.

Um processo fechado como este também deveria ser usado para produzir a cerâmica reduzida. Que tipo de estrutura deixariam estes fornos?

Os fornos subterrâneos ocupam espaços bem definidos, junto com os fogões, separados das estruturas habitacionais.

Aprofundamentos cheios de lixo são depressões irregulares dentro da areia clara subjacente, preenchidas com sedimentos muito escuros, contendo carvão vegetal, ossos de peixes, de aves e de mamíferos, bem como cascas e espinhos de ouriços do mar, mais lascas e seixos, i. é, todo tipo de refugio, inclusive o artesanal. Eles acompanham, no espaço, os fogões e os fornos subterrâneos, i. é, encontram-se também nos espaços não construídos. Na primeira etapa Rohr informa, em diversos momentos, que a camada arqueológica se afunda em pequenas depressões na areia subjacente, mas não os identifica, como na segunda etapa, onde eles foram mapeados; pode ser que, pelo fato de que não sejam tão definidas, e serem meras irregularidades na camada arqueológica, não tenham recebido destaque.

O manejo do lixo numa aldeia permanente é muito importante para o bem-estar dos seus moradores: ele pode ser simplesmente abandonado, enterrado, ou levado para fora. No sítio das Laranjeiras o lixo mais agressivo, constituído pelas ostras, os restos dos ouriços do mar, as pinças dos crustáceos, os ossos de baleia e os pequenos refugos da fabricação de artefatos líticos são depositados na proximidade do mar, na borda da aldeia; neste lixo existem também restos artesanais (lítico e cerâmica) e outros restos faunísticos menos ofensivos, como ossos de peixes e mamíferos. Ossos de baleia encontram-se também em outros espaços externos à aldeia, especialmente perto da área dos fogões, à direita no alto da planta: eles são quase inexistentes na área construída e no espaço da combustão. A maior parte dos restos artesanais e os restos faunísticos menos ofensivos (como ossos de

peixes, de mamíferos, aves e moluscos menores) acham-se concentrados em certas partes das áreas construídas, ou dispersas em pequenas quantidades no espaço dos fogões e das áreas construídas, aqui muitas vezes nos buracos de lixo.

De todas as estruturas da antiga aldeia, as mais evidentes são os sepulcros e os conjuntos que eles formam, definindo espaços que atribuímos às habitações (figura 4 e 24-26). Seria importante que, além da distribuição dos esqueletos, tivéssemos registro de vestígios de estacas, para definir melhor as casas e outras estruturas construídas, mesmo na área de combustão e de lixo, mas infelizmente não temos.

Com o plotamento do material cerâmico, lítico e ósseo no âmbito da escavação (figuras 27-37) buscamos marcar ainda outros espaços, que poderíamos chamar funcionais e que completariam a visão da estrutura da aldeia.

9. OS SEPULTAMENTOS

A lista de sepultamentos, que segue, foi tomada das fichas organizadas por Rohr, dos desenhos e fotos e da consulta geral ao diário de campo. A indicação de sexo e idade foi feita por Rohr (quando não tem nada indicado), ou por Walter Alves Neves (W); só sexo por Nanci Vieira de Oliveira (N). Rohr faz indicação de idade muito geral, separando crianças, indivíduos jovens e adultos; Neves e Aguiar não se preocupam com os imaturos. Neves classifica como adultos indivíduos de 20 a 29 anos, maduros de 30 a 49 anos, senis de 50 anos ou mais. Os dados de Neves e Aguiar são retirados das fichas que se encontram no arquivo do Pe. João Alfredo Rohr. (Para distribuição no espaço ver figuras 24-26.)

Sepultamento n^o 1 - Esqueleto incompleto, de indivíduo jovem (12 anos?), sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 I, no húmus escuro com areia, conchas ralas, muitos seixos e ossos de peixe.

Faltam todos os ossos, menos o crânio, que se encontra amassado e isolado.

Sepultamento n^o 2 - Esqueleto completo, de criança (7 a 8 anos), sepultado a 30 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 3 I, no húmus escuro com areia, conchas esparsas, seixos, cerâmica indígena e material arqueológico.

Todos os ossos parecem estar presentes, mal conservados.

Semifletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte (da praia), deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 50 cm.

O esqueleto acha-se associado a outros dois, um de criança, sepultamento n^o 7 e outro de adulto, sepultamento n^o 3.

Sepultamento n^o 3 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (N), sepultado a 30 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 3 I, no húmus escuro com areia, material arqueológico, principalmente muitos seixos.

Os ossos parecem estar todos presentes, mas mal conservados.

Fletido forçado (ou juntado depois de descarnado), em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre o lado direito, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 65 cm.

O esqueleto estava associado aos sepultamentos nº 2 e 7, de crianças.

Sepultamento nº 4 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 4 I, no húmus escuro, em contato com a areia.

Todos os ossos estavam presentes e bem conservados. O crânio achava-se partido e algo amassado.

Fletido, uma mão junto ao rosto, outra junto aos joelhos, pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 80 cm.

O sepultamento foi cimentado e levado ao museu do Balneário Camboriú.

Sepultamento nº 5 - Esqueleto completo, de adulto, feminino (N), sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 I e 4 I, no húmus escuro com areia, conchas esparsas e material arqueológico.

Todos os ossos presentes, mal conservados.

Semifletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 80 cm.

Associadas ao sepultamento foram encontradas três belas pontas de flecha ósseas com pedúnculo.

Sepultamento nº 6 - Esqueleto completo, de criança de alguns meses de idade, sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 H, no húmus escuro com areia, conchas esparsas e ossos de peixe.

Todos os ossos presentes, mal conservados.

O esqueleto achava-se todo num círculo de 20 cm de diâmetro, os ossinhos do tronco e dos membros sob os ossinhos do crânio.

Tamanho dos restos: 20 cm.

Sepultamento n° 7 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 40 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 3 I, no húmus escuro com areia e conchas esparsas.

Encontra-se associado aos sepultamentos 2 e 3 e sob o sepultamento n° 3.

Sepultamento n° 8 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 170-180 cm do nível zero, nos setores 4 I e 5 I, na areia, coberto com terra escura.

Ossos presentes: o crânio, os ossos longos, algumas falanges, algumas costelas, fragmentos da bacia, uma rótula. O crânio estava fraturado.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sudoeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sudoeste-nordeste.

Tamanho dos restos: 73 cm.

O esqueleto foi retirado.

Sepultamento n° 9 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (N), a cabeça sepultada a 80 cm e os pés a 55 cm de profundidade, no setor 3 I, na areia, coberto de húmus escuro.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito ventral, a cabeça para o sul, a face para baixo, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 130 cm.

Existe uma anomalia na cabeça do fêmur esquerdo e osso ilíaco, que estão colados entre si.

Devido à posição anormal do esqueleto, onde os pés estão mais altos que a cabeça, ele não foi cimentado, mas retirado para estudo.

Sepultamento n° 10 - Esqueleto incompleto, de adulto, masculino (N), sepultado a 10 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, no setor 2 G, no húmus escuro com areia, ostras, seixos etc.

Todos os ossos presentes, menos o crânio, talvez retirado pelos moradores porque houve casa em cima.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça ausente, mas em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 80 cm.

Encontra-se logo acima do sepultamento n° 11 (figura 39).

Sepultamento n° 11 - Esqueleto completo, de adulto, sepultada a cabeça a 15 cm de profundidade, os pés a 30 cm, no setor 2 G, no húmus escuro com areia, conchas, seixos etc.

Todos os ossos presentes. O crânio estava parcialmente esmagado pelo sepultamento n° 10, que estava por cima.

As pernas fletidas e braços semifletidos, em decúbito dorsal para lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

O esqueleto foi cimentado para exposição no museu do Balneário Camboriú (figura 39).

Sepultamento n° 12 - Esqueleto incompleto, de adulto, o crânio sepultado a 10 cm de profundidade, os pés a 30 cm e a 130-150 cm do nível zero, no setor 3 G, no húmus escuro com areia, conchas esparsas, seixos etc.

Ossos ausentes: crânio e pernas. O crânio foi destruído em época histórica, devido à pequena profundidade em que se achava e as pernas pelo sepultamento n° 13, que está no lugar das mesmas.

Tamanho dos restos: 80 cm.

Associada ao sepultamento foi encontrada uma lâmina de machado finamente polida, a primeira encontrada neste sítio.

Sepultamento n° 13 - Esqueleto completo, de indivíduo jovem, sepultado a 20 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 2 F, no húmus escuro com conchas esparsas e areia.

Todos os ossos presentes.

Fletido completamente, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido norte, deitado com o rosto para baixo, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: encontra-se embolado num círculo de 35 cm de diâmetro máximo.

Parece haver dois crânios de criança associados ao sepultamento, tudo em pequeno círculo.

O esqueleto foi cimentado para conservação no museu do Balneário Camboriú (figura 39).

Sepultamento n° 14 - Esqueleto incompleto, de adulto, masculino (N), sepultado a 50 cm de profundidade, no setor 2 e 3 G, na areia clara que forma o embasamento do sítio, coberto de terra preta.

Todos os ossos presentes, menos o crânio, que foi esmagado pelo sepultamento n° 11, que está por cima.

As pernas fletidas, os braços não, em decúbito lateral direito, orientação geral do corpo nordeste-sudoeste.

Tamanho dos restos: 100 cm.

Sepultamento n^o 15 - Esqueleto incompleto, de criança de menos de um ano de idade, sepultado a 90 cm de profundidade, no setor 3 G, na areia clara.

Presentes os ossinhos longos, algumas costelas e falanges.

Tamanho dos restos: 20 cm.

Sepultamento n^o 16 - Esqueleto completo de maduro, feminino (W e N), sepultado a 30 cm de profundidade e a 260 cm do nível zero, no setor 0 D, na areia, coberto de terra preta, na borda da área de lixo mais ofensivo.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral direito, cabeça em sentido oeste, deitada sobre a face direita, orientação geral do corpo oeste-leste.

Tamanho dos restos: 94 cm.

Associado ao sepultamento foi encontrado um dente de tubarão (tintureiro).

O esqueleto foi cimentado, em seguida deu enorme temporal, o córrego encheu, transbordou e entrou na trincheira e carregou o esqueleto com cimento, pedras, zinco, caixa e tudo.

Sepultamento n^o 17 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 40 cm de profundidade e a 150-170 cm do nível zero, no setor 3 F, no húmus escuro com carvão, areia e conchas esparsas.

Amontoado de ossos partidos.

Cabeça amassada, partida, face para baixo. Orientação geral do corpo nordeste-sudoeste.

Tamanho dos restos: 70 x 30 cm.

Um fogão estava encostado no sepultamento.

No mesmo setor estão os sepultamentos n^o 18 e 20.

Sepultamento n^o 18 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 170-190 cm do ponto zero, no setor 3 F, no húmus escuro.

Todos os ossos presentes, mas parte das pernas perturbada pelos sepultamentos associados.

Os braços estendidos, as pernas duvidosas devido à confusão de ossos associados, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido nordeste, em pé com a face para a frente, orientação geral do corpo nordeste-sudeste.

Tamanho dos restos: 80 cm.

O sepultamento acha-se associado a três outros sepultamentos (19, 23 e 24), possivelmente perturbados pelo n^o 19.

Sepultamento n^o 19 - Esqueleto incompleto, de jovem para adulto, sepultado a 60 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 F, no húmus escuro com areia.

Sepultamento perturbado. Pertenciam a este sepultamento o crânio e possivelmente um fêmur, um osso ilíaco, uma costela, vértebras e uma mandíbula invertida, localizada a 20 cm. Achava-se associado a três outros crânios (18, 23 e 24), sem conexão anatômica.

Em decúbito dorsal (?), a cabeça em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul.

Foi cimentado com o conjunto.

Sepultamento n^o 20 - Esqueleto completo, de criança de alguns meses, sepultado a 40 cm de profundidade, no setor 3 F, no húmus escuro com areia, conchas esparsas e carvão.

Todos os ossos presentes.

Estendido, em decúbito ventral, posição da cabeça indefinível, em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 38 cm.

Encontrado ao lado de fogão.

O crânio possivelmente foi eliminado por inadvertência do operador.

Sepultamento n^o 21 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 170 cm de profundidade, no setor 3 F, no húmus escuro com areia.

Ossos presentes: crânio e alguns fragmentos de ossos.

A cabeça em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul(?)

O sepultamento achava-se associado ao 17, tudo misturado e fragmentado.

Sepultamento n^o 22 - Esqueleto completo, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 60 cm de profundidade e a 170-210 cm do nível zero, no setor 5 H, no húmus escuro com areia, até a areia da base.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito ventral, com a posição do corpo oblíqua com relação ao nível do solo, a cabeça 40 cm mais funda que o corpo, a face para baixo, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 70 cm.

Sepultamento n° 23 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 60 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 F, no húmus escuro de mistura com areia.

Sepultamento perturbado. Ossos presentes: crânio sem mandíbula, com a arcada dentária para cima; possivelmente dois ossos longos.

Acha-se associado aos sepultamentos 18, 19 e 24.

Sepultamento n° 24 - Esqueleto possivelmente completo, de criança (8-10 anos), sepultado a 70 cm de profundidade e a 200 cm do nível zero, no setor 3 F, no húmus escuro com areia.

A vista só estão o crânio com a mandíbula, estando o resto sob os esqueletos 18, 19 e 23.

Em decúbito dorsal, a cabeça em sentido sul, com a face para a frente, orientação geral do corpo sul-norte.

O conjunto foi cimentado para exposição no Museu do Balneário Camboriú.

Sepultamento n° 25 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 80 cm de profundidade e a 210 cm do nível zero, nos setores 3 e 4 F, no húmus escuro com areia, no contato com a areia pura e estéril da base.

Ossos ausentes: mão e parte do antebraço direito. As pernas a partir dos joelhos acham-se sob os sepultamentos 26 e 27 e possivelmente estejam perturbadas.

Estendido, em decúbito ventral, a cabeça em sentido norte, crânio 12 cm mais baixo que os fêmures, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 107 cm a parte exposta.

O indivíduo quebrou, em vida, o cúbito que sarou e consolidou irregularmente, ficando curvo.

O sepultamento foi cimentado até os joelhos e recolhido para o museu. As pernas, dos joelhos para baixo, acham-se em outro conjunto, com os números 26 e 27.

Sepultamento n^o 26 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 60 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 4 F, no húmus escuro com areia.

Ossos ausentes: joelhos e extremidades das pernas fletidas a partir do joelhos.

Os braços estendidos, as pernas fletidas, em decúbito ventral, a cabeça em sentido oeste, com a face para baixo, orientação geral do corpo oeste-leste.

Tamanho dos restos: 100 cm a parte presente.

Vizinho aos sepultamentos 27 e 28.

Foi cimentado no conjunto.

Sepultamento n^o 27 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 60 cm de profundidade e a 180 cm do ponto zero, no setor 4 F, no húmus escuro com areia.

Sobre, junto e ao redor do crânio (do qual somente está presente a calota) aparece um pé e uma mão, ou dois pés, e outros ossos em profusão, perturbados e sem conexão anatômica.

Posição da cabeça: a face para a frente.

Está associado a outros sepultamentos: as pernas do 25 por baixo e a bacia do 26 ao lado.

Sepultamento n^o 28 - Esqueleto completo, de adulto, masculino, sepultado a 50 cm de profundidade e a 170-190 cm do nível zero, nos setores 4 F e 4 e 5 G, no húmus escuro com areia.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido nordeste, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo nordeste-sudoeste (figura 39).

Sepultamento n^o 29 - Esqueleto completo (?), de adulto, sepultado a 60 cm de profundidade e a 170-190 cm do nível zero, no setor 4 F, no húmus escuro.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido noroeste, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Tamanho dos restos visíveis: 60 cm.

Associado ao sepultamento 28, cabeças lado a lado.

O conjunto foi cimentado (figura 39).

Sepultamento n^o 30 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 70 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 5 G, na areia da base, coberto com areia algo mais escura.

O sepultamento encontra-se em desconexão anatômica em duas camadas sobrepostas; ossos escuros em mau estado de conservação. Ossos presentes: crânio sem mandíbula, ossos longos.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 80 cm.

Sepultamento n^o 31 - Esqueleto completo, de indivíduo jovem, sepultado a 60 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, nos setores 5 e 6 H, no húmus, areia e conchas esparsas.

Todos os ossos presentes, com exceção do frontal do crânio.

Fletido, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido norte, com a face para cima, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 64 cm.

Uma grande pedra (17 x 17 x 7 cm) achava-se sobre a face.

Sepultamento n^o 32 - Esqueleto completo, de adulto, do sexo feminino (W), o crânio sepultado a 50 cm de profundidade, os pés a 40 cm, a 190-210 cm do nível zero, no setor 2 D, sobre a areia estéril da base. Com feto de menos de 6 meses no ventre (n^o 34).

Todos os ossos presentes. Uma estaca atual quebrou o rádio esquerdo e o pé esquerdo.

As pernas fletidas, com os joelhos levantados, em decúbito dorsal, a cabeça um pouco inclinada em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 120 cm.

O conjunto foi cimentado.

Sepultamento n^o 33 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 2 D, na terra escura com areia.

Ossos presentes: só a mandíbula e três grandes fragmentos do crânio. Estes fragmentos achavam-se acima do sepultamento 32. A mandíbula foi encontrada em plano mais alto. O sepultamento 33, segundo as aparências, foi perturbado pelo 32 e coberto com parte dos seus ossos.

Sepultamento n° 34 - Esqueleto completo, de criança (feto de menos de 6 meses de gestação, no ventre da mãe), encontrado a 50 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 2 D, na terra escura com areia.

Em posição fetal.

Foi cimentado com o conjunto 32, 33 e 34.

Sepultamento n° 35 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 40-50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, nos setores 2 D (a cabeça) e 2 E (o resto), na terra preta.

Todos os ossos presentes, em precárias condições de preservação: crânio amassado, ossos fragmentados, com dois postes atuais muito próximos.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo nordeste-sudoeste.

Tamanho dos restos: 80 cm.

Sepultamento n° 36 - Esqueleto completo, de adulto, feminino (W), (masculino de acordo com N), o corpo sepultado a 50 cm de profundidade, a cabeça a 40 cm, a 190-210 cm do nível zero, nos setores 4 D (os pés) e 3 D (o resto), na terra preta.

Todos os ossos presentes. Um poste do rancho de pescador atingiu o esqueleto, destruindo a região da bacia.

Fletido, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido sul, deitado sobre o lado direito, orientação geral do corpo sudoeste-nordeste.

Tamanho dos restos: 100 cm.

Sepultamento n° 37 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 E, na terra escura.

Presente só o crânio, sem mandíbula, deslocado de sua posição original pelas raízes de uma castanheira. O crânio achava-se apoiado numa das grossas raízes da castanheira, que ocupa o centro do setor.

No mesmo setor foi localizado o sepultamento n° 38.

Sepultamento n° 38 - Esqueleto incompleto, de criança, masculino (N), sepultado a 50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 3 E, na terra escura com areia.

Sepultamento n^o 39 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado no setor O I, na areia fina, abaixo da terra escura.

Crânio rolado da rampa na divisa das áreas I e II.

Associado ao sepultamento achavam-se 4 dentes de boto perfurados e mais um dente não identificado, perfurado.

Sepultamento n^o 40 - Esqueleto incompleto, de indivíduo novo, sepultado a 50 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, nos setores 2 E (o crânio) e 2 F (o resto), no húmus escuro em contato com a areia estéril.

Ossos presentes: crânio, vértebras, falanges, bacia, ossos longos. O sepultamento sofreu profunda perturbação, ficando no lugar original só o crânio, algumas vértebras e as pernas.

As pernas fletidas, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido norte, inclinada para a esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 1 metro.

Sepultamento n^o 41 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 50 cm de profundidade e a 180 cm do ponto zero, no setor 2 E, no húmus escuro em contato com a areia da base.

Ossos presentes: crânio, costelas, omoplata, ossos longos.

Fletido (?), em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 30 cm.

O sepultamento acha-se associado aos sepultamentos de criança 42, 43 e 44.

Sepultamento n^o 42 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 50 cm de profundidade e a 180 cm do ponto zero, no setor 2 F, na terra preta em contato com a areia estéril da base.

Ossos presentes: o crânio sem mandíbula. O crânio com a arcada dentada superior para cima.

Associada estava uma tigelinha de cerâmica (emborcada sobre a cabeça) e os crânios dos sepultamentos 41, 43 e 44.

Sepultamento n^o 43 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 50 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 2 F, no húmus escuro em contato com a areia estéril da base.

Ossos presentes: o crânio e alguns ossos longos.

Associado aos sepultamentos 41, 42 e 44.

Sepultamento nº 44 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 50 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 2 F, no húmus escuro em contato com a areia clara.

Só o crânio presente.

Associado aos sepultamentos 41, 42 e 43.

Sepultamento nº 45 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 40 cm de profundidade e a 140 cm do nível zero, no setor 1 G, na terra escura com areia e conchas esparsas.

Ossos ausentes: no lado esquerdo, maxilar, úmero, cúbito, rádio, omoplata, costelas, fragmentos do crânio.

Em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 45 cm.

Associado estava um caco de cerâmica e vértebras de peixe.

Sepultamento nº 46 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 70 cm de profundidade e a 200 cm do nível zero, no setor 3 F, em contato com a areia estéril da base.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, os braços semifletidos, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, em pé (apoiada sobre a base), orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Sobre o tronco estavam alguns seixos sem sinais de trabalho.

O esqueleto foi cimentado.

Sepultamento nº 47 - Esqueleto completo, de criança, sepultado a 80 cm de profundidade e a 140 cm do nível zero, no setor 0 I, na areia fina abaixo da camada escura.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral direito, cabeça em sentido nordeste, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo nordeste-sudoeste.

Tamanho dos restos: 40 cm.

Sepultamento n° 48 - Esqueleto incompleto, de criança (de um ano?), sepultado a 80 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra escura em contato com a base estéril de areia.

Ossos presentes: crânio, braço direito, parte das costelas e da coluna e membros inferiores. Parte do esqueleto foi destruída por imperícia do operador (aluno).

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, cabeça em sentido sul, com a face para baixo, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 50 cm.

Sepultamento n° 49 - Esqueleto incompleto, de criança de menos de um ano, sepultado a 80 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, nos setores 1 H e 1 I, na terra escura em contato com a areia estéril da base.

Ossos presentes: fragmentos da coluna, costelas, bacia, braços. O esqueleto foi parcialmente destruído pela imperícia do operador (aluno).

Fletido.

Foi recolhido em blocos com os objetos de adorno: 2 dentes de símio (bugio?) perfurados, mais um de boto, perfurado.

Sepultamento n° 50 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 80 cm de profundidade, no setor 1 H, na terra escura com areia, em contato com a base.

Ossos faltantes: pernas, bacia e parte dos membros inferiores. O frontal acha-se esmagado. O sepultamento sofreu uma perturbação profunda.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, cabeça em sentido noroeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Tamanho dos restos: 45 cm.

Sepultamento n° 51 - Esqueleto incompleto, de criança de poucos meses, sepultado a 70 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra preta em contato com o embasamento da areia estéril.

Ossos presentes: fragmentos do crânio, coluna, costelas, ossos longos. O sepultamento foi parcialmente destruído pelo operador (aluno).

Tamanho dos restos: 30 cm.

Sepultamento n° 52 - Esqueleto completo, de criança, sepultado a 70 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra preta com areia, em contato com a areia da base.

Todos os ossos presentes. O crânio está amassado.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 55 cm.

Sepultamento nº 53 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 70 cm de profundidade e a 140 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra preta com areia.

Ossos presentes: fragmentos do crânio, da bacia, da coluna, das costelas e dos braços. O sepultamento está por cima dos sepultamentos 49 e 54.

Braços fletidos, orientação geral do corpo norte-sul.

Sepultamento nº 54 - Esqueleto completo de criança, sepultado a 90 cm de profundidade e a 160 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra escura.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 70 cm.

Estava abaixo do sepultamento 53.

Tinha associado um colar de 13 dentes de felídeo, perfurados.

O sepultamento foi recolhido em 3 blocos, numa caixa com areia para possível exposição no museu.

Sepultamento nº 55 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 100 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, no setor 2 I, na terra escura em contato com a base.

Esqueleto perturbado. Ossos presentes: crânio, úmero, rádio. A mandíbula estava deslocada do crânio.

Os braços fletidos (?).

Associada estava a caixa torácica de um mamífero do porte de um cão.

Sepultamento nº 56 - Esqueleto incompleto, de criança de menos de um ano, sepultado a 70 cm de profundidade e a 130 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra preta.

Ossos presentes: só fragmentos do crânio. O esqueleto possivelmente foi destruído pela imperícia do operador (aluno).

Achavam-se sob os pés do esqueleto de adulto nº 57.

Sepultamento n^o 57 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 100 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no limite do setor 1 H com 1 I, na terra escura com areia, em contato com a areia da base.

Ossos presentes: só o crânio sem mandíbula.

Associados estavam dentes de mamíferos, perfurados e um grande número de outros sepultamentos.

Sepultamento n^o 58 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 100 cm de profundidade, numa área não estaqueada, encostado à casa, na terra escura com muita areia.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Encontrado pelos operários na divisa ao lado da residência de Maisonave.

Sepultamento n^o 59 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (N), sepultado a 70 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, nos setores 2 F (a cabeça e parte do tronco) e 2 G (o resto), na terra escura em contato com a areia da base.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, os braços estendidos, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido norte, a face para cima, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Tamanho dos restos: 135 cm.

Associado estava o crânio do sepultamento de criança, n^o 61, que foi perturbado.

Sepultamento n^o 60 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 70 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, no setor 2 G, na terra escura em contato com a base.

Ossos presentes: crânio com mandíbula, omoplata e braço direito.

A cabeça em sentido norte, deitada sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

O sepultamento foi perturbado ao depositar o 59.

Associados ao mesmo estavam 2 dentes duplamente perfurados de cação, mais um dente de boto, também perfurado.

Sepultamento n° 61 - Esqueleto incompleto, de indivíduo senil, masculino (W e N), sepultado a 70 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, no setor 2 H, na terra escura em contato com a base de areia. Sob o úmero do sepultamento 59.

Provavelmente filho sepultado junto com a mãe. Ossos presentes: fragmento do crânio, costelas.

Tinha um dente perfurado associado.

Parcialmente destruído por imperícia do operador (aluno).

Sepultamento n° 62 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 90 cm de profundidade e a 160 cm do nível zero, nos setores 0 I (a bacia) e 0 J (o restante), na areia fina em contato com a terra escura da camada arqueológica.

Ossos presentes: fragmentos do crânio, pernas, bacia, parte do tronco e dos membros superiores.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 70 cm.

Associados estavam alguns seixos pequenos.

Esqueleto na divisa das propriedades, parcialmente destruído pelo desaterro do Adúcio.

Sepultamento n° 63 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 110 cm de profundidade e a 160 cm do nível zero, nos setores 0 I (perna e bacia) e 0 J (o restante), na areia abaixo da camada de terra escura.

Ossos ausentes: parte dos ossos longos da perna direita, dos braços, as mãos e os pés, metade da mandíbula. O sepultamento 62 achava-se por cima, dificultando a identificação dos ossos.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 85 cm.

O esqueleto foi parcialmente destruído pelo sepultamento 62 e parcialmente pelo desaterro do Adúcio, pois se encontrava na divisa dos terrenos.

Sepultamento n° 64 e 64 bis - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 75 cm de profundidade e a 175 cm do nível zero, no setor 2 I, na terra escura. (Pelas fichas de Neves devem existir dois indivíduos com este número, um indicado como maduro, feminino, o outro como maduro masculino).

Crânio sem mandíbula, com apenas uma costela.

Em decúbito lateral direito, a cabeça deitada sobre a face direita.

Sepultamento n^o 65 - Esqueleto incompleto, de adulto, masculino (N), sepultado a 90 cm de profundidade e a 160 cm do nível zero, no setor 1 I, na terra escura em contato com a areia estéril da base.

Só o crânio, sem mandíbula. Com a arcada dentária para cima.

Há, no setor, diversas mandíbulas esparsas e uma série de sepultamentos.

Sepultamento n^o 66 e 66a - Esqueleto incompleto, de indivíduo jovem (66a), e ossos de maduro, masculino (66) (W e N), sepultados a 80 cm de profundidade e a 140 cm do nível zero, no setor 1 I, na terra preta.

Crânio associado a um conjunto de ossos longos e de bacia, esparsos, de diversos esqueletos.

Crânio em posição dorsal, a cabeça em direção oeste, com a face para a frente.

Há grande confusão de ossos esparsos em todos os níveis, neste setor.

Sepultamento n^o 67 - Esqueleto completo, de criança, sepultado a 90 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 1 H, na terra escura em contato com a areia de base.

Todos os ossos presentes.

As pernas e os braços fletidos, em decúbito lateral direito, a cabeça para oeste, deitado sobre a face direita, o corpo em posição oblíqua, com a bacia 15 cm mais baixa que o crânio, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Associados achavam-se 5 dentes, duplamente perfurados, de tubarão-tintureiro.

As pernas do sepultamento achavam-se abaixo do crânio do sepultamento 57.

Sepultamento n^o 68 - Esqueleto completo, de criança de menos de um ano, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, no setor 00 K e 00 L, na terra escura em contato com a areia.

Todos os ossos presentes. Crânio amassado.

Fletido (enroscado), em decúbito lateral esquerdo, cabeça em sentido sudeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sudeste-noroeste.

Tamanho dos restos: 30 cm.

Encontra-se sobre o sepultamento 69.

Sepultamento nº 69 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, no setor 00 K, na terra escura.

Crânio com a arcada dentária voltada para cima. O crânio fora esmagado por uma tibia, que ficava por cima.

O crânio achava-se associado ao crânio infantil 70 e a grande número de ossos longos de outros sepultamentos sem conexão anatômica.

Sepultamento nº 70 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, no setor 00 K, na terra escura.

Fragmentos de crânio, associados a ossos longos de adultos, sem conexão anatômica.

Crânio em área de numerosos ossos esparsos e crânio 69.

Associados estavam dentes, perfurados, de mamíferos.

Sepultamento nº 71 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 70 cm de profundidade, encontrado pelos operários ao construir o muro ao lado da casa de Maisonave, na divisa com Adúcio, na terra escura com areia.

Ossos ausentes: pés e parte das pernas.

Fletido (as mãos junto ao rosto), em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Associadas estavam vértebras perfuradas de peixe.

Sepultamento nº 72 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, nos setores 00 K, 0 K e 0 J, em contato com a areia da base.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-nordeste.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Há uma série de ossos de mamíferos (fêmur direito, rádio esquerdo e tibia direita de bugio, úmero direito de mão-pelada, cúbito direito de aves, tibia

esquerda de capivara) e dentes de cação e de porco-do-mato entre os sepultamentos 72 e 73.

O sepultamento foi cimentado.

Sepultamento n^o 73 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, nos setores 0 L (o crânio) e 0 K (o resto), em contato com a areia estéril da base.

Ossos presentes: crânio, metade da mandíbula, da bacia, ossos longos dos braços e pernas, tudo muito esmagado. Sepultamento perturbado.

As pernas fletidas, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sudoeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sudoeste-nordeste.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Há entre os sepultamentos 72 e 73 uma série de ossos finos e longos e uma dúzia de dentes de tubarão de diversas espécies e um dente de porco-do-mato.

Sepultamento n^o 74 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 60 cm do nível zero, no setor 1 K, na terra escura com conchas.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo para ventral, a cabeça em sentido oeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo oeste-leste.

Associadas ostras. Sob a nuca aparece o crânio sepultamento 76, que provavelmente foi perturbado por este.

Sepultamento n^o 75 - Esqueleto incompleto, de indivíduo jovem, masculino ou feminino (W e N), sepultado a 30 cm de profundidade e a 60 cm do nível zero, no setor 00 K e 00 L, em contato com o embasamento de areia.

Ossos presentes: fragmentos do maxilar superior, coluna, vértebras.

Em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul.

O sepultamento foi perturbado pelo 72, que lhe fica anexo, em parte por cima

Sepultamento n^o 76 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 40 cm de profundidade e a 70 cm do nível zero, no setor 1 K, na terra preta, 20 cm abaixo das conchas.

Ossos presentes: um úmero, um osso íliaco, dez vértebras, costelas, fragmentos de um antebraço, o crânio com sua mandíbula.

Em decúbito lateral esquerdo, a cabeça para oeste, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo oeste-leste.

O sepultamento 74 estava acima do 76 e possivelmente destruiu parte dele.

Sepultamento n^o 77 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (W) (masculino de acordo com N), sepultado a 90 cm de profundidade e a 90 cm do nível zero, no setor 0 M, na areia fina escura, abaixo da camada de conchas.

Ossos presentes: crânio, fragmentos de costelas, algumas vértebras. O sepultamento sofreu profunda perturbação.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Há, no mesmo setor, muitos ossos esparsos, além de alguns esqueletos inteiros.

Sepultamento n^o 78 - Esqueleto completo, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 110 cm de profundidade e a 110 cm do nível zero, nos setores 0 M e 0 L, na areia escura e fina abaixo da terra preta com conchas.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Estavam associados ossos de outros sepultamentos perturbados.

Sepultamento n^o 79 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 110 cm de profundidade e a 110 cm do nível zero, no setor 0 M, na areia escura abaixo da terra preta com conchas.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Estavam associados ossos de outros sepultamentos perturbados.

O sepultamento foi cimentado.

Sepultamento n^o 80 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 120 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, no setor 0 L, na areia escura e fina abaixo das conchas com terra escura.

Um calvário sem a face e a arcada dentária.

A cabeça para o sul, deitada sobre a face direita.

Associado a outros sepultamentos, alguns perturbados, outros não.

Sepultamento n° 81 - Esqueleto incompleto, de maduro, feminino (W), sepultado a 100 cm de profundidade e a 100 cm do nível zero, no setor 0 M, na areia fina e escura, abaixo das camadas de conchas.

Ossos presentes: crânio com mandíbula, uma omoplata, algumas costelas, algumas falanges.

Em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

O sepultamento foi perturbado possivelmente pelo sepultamento 79, inteiro, que lhe fica ao lado. No mesmo setor estão, ainda, os sepultamentos 77, 78 e 80.

Sepultamento n° 82 - Esqueleto incompleto, de indivíduo jovem, sepultado a 140 cm de profundidade e a 140 cm do nível zero, nos setores 0 M e 0 L, na areia fina e escura, abaixo da camada de conchas.

Ossos presentes: crânio com mandíbula, com a face amassada, fragmentos de ossos longos, sem conexão anatômica. Sepultamento perturbado.

Cabeça em sentido sul, em pé, orientação geral do corpo sul-norte.

Associado a outros sepultamentos.

Sepultamento n° 83 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W), sepultado a 70 cm de profundidade e a 130 cm do nível zero, no setor 1 I, na terra escura em contato com a base estéril da areia.

Só foi encontrado o crânio sem a mandíbula.

No mesmo setor há uma série de sepultamentos, uns inteiros, outros perturbados.

Sepultamento n° 84 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (W e N), sepultado a 93 cm de profundidade, no setor 1 L, na transição da terra marrom escura para a base marrom clara, estéril.

Todos os ossos presentes.

Os braços fletidos, as mãos na altura dos maxilares, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em direção norte, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 55 x 35 cm.

O sepultamento foi cimentado.

Sepultamento n^o 85 - Esqueleto completo, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 95 cm de profundidade, no setor 1 I, na transição da terra marrom escura para a areia marrom clara, estéril, da base.

Todos os ossos presentes.

Semifletido, em decúbito dorsal, com pequena torção do corpo à esquerda, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face esquerda.

Tamanho dos restos: 175 x 46 cm.

Sepultamento cimentado.

Sepultamento n^o 86 - Esqueleto completo, de maduro, masculino (W) (masculino ou feminino de acordo com N), sepultado a 82 cm de profundidade, no setor 1 I, na terra marrom bem escura, passando a marrom clara, estéril, da base.

Todos os ossos presentes.

Em decúbito dorsal (?), a cabeça voltada para o norte e levemente inclinada para o lado esquerdo, orientação geral norte-sul.

Tamanho dos restos: 64 cm.

Sepultamento cimentado.

Sepultamento n^o 87 - Esqueleto completo, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 93 cm de profundidade, no setor 1 I, na transição da terra marrom escura para areia marrom clara, estéril, da base.

Todos os ossos presentes.

Os braços fletidos, em decúbito lateral direito, a cabeça para o sul, deitado sobre a face direita, orientação geral sul-norte.

Tamanho dos restos: 50 cm.

Sepultamento cimentado.

Sepultamento n^o 88 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (N), sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, nos setores 4 E e 4 F, na terra preta.

Ossos ausentes: crânio e úmero esquerdo, parte das costelas e das vértebras.

Pernas fletidas e braço esquerdo semifletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sudeste, orientação geral do corpo sudeste-noroeste.

Tamanho dos restos: 83 cm.

A falta do crânio e de parte do resto dos ossos não tem explicação plausível. Possivelmente seja efeito de alguma lavoura que ocupava a área.

Sepultamento n° 89 - Esqueleto completo, de maduro, feminino (W e N), sepultado a 50 cm de profundidade, nos setores 4 H e 4 G, na transição da terra preta para terra marrom clara.

Todos os ossos presentes.

Membros inferiores fletidos, os superiores semifletidos, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça para o sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 73 cm.

Sepultamento n° 90 - Esqueleto completo, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 120 cm de profundidade e a 230 cm do nível zero, no setor 4 G, na areia. É o esqueleto encontrado em maior profundidade.

Todos os ossos presentes.

Braços e pernas fletidos, em decúbito dorsal, a cabeça para o norte, com a face para cima, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Sepultamento n° 91 - Esqueleto incompleto, de criança, sepultado a 100 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 1 I, na areia de contato.

Presentes crânio e mais alguns ossos.

Enroscado (?), a cabeça em sentido oeste, orientação geral do corpo oeste-leste.

Associado estava um colar de 114 de conchinhas de *Olivella* sp.

Sepultamento n° 92 - Esqueleto incompleto, de adulto, feminino (W e N), sepultado a 130 cm de profundidade e a 180 cm do nível zero, no setor 0 I, na areia.

Ossos presentes: crânio com mandíbula. O sepultamento encontra-se na lavoura do vizinho e está todo remexido. Devia ter estado completo, mas foi destruído pelas obras.

Em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Sepultamento nº 93 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 20 cm de profundidade, nos setores 3 J e 4 J, na terra escura.

Ossos presentes: ossos longos das pernas, bacia, coluna vertebral, fragmentos do crânio com alguns dentes. O esqueleto estava extremamente decomposto e triturado, ficando os ossos só fracamente visíveis sobre a terra escura, com exceção dos ossos longos das pernas, que são um pouco mais visíveis.

Semifletido, em decúbito lateral esquerdo (?), cabeça em sentido norte, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 100 cm.

Associados estavam seixos e vértebras de peixes.

Do esqueleto foram recolhidos apenas os dentes.

Sepultamento nº 94 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 110 cm de profundidade e a 120 cm do nível zero, no setor 4 I, num aprofundamento de terra escura com areia na base de areia estéril.

Ossos presentes: fragmentos do crânio, da mandíbula, dos omoplatas, de um dos úmeros e de costelas. O esqueleto foi destruído pelos construtores do sítio de veraneio.

Crânio voltado para o norte (?).

No mesmo setor foram encontrados fragmentos de duas mandíbulas.

Sepultamento nº 95 - Esqueleto completo, de indivíduo jovem (uns 10 anos), o crânio sepultado a 50 cm de profundidade, os pés a 60 cm, nos setores 5 C (os pés) e 5 D (o resto), na terra preta em contato com a areia da base.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito dorsal, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 60 cm.

Associado a pedras (de um fogão).

O crânio acha-se apoiado parcialmente no crânio do sepultamento infantil 96.

Sepultamento nº 96 - Esqueleto incompleto, de indivíduo jovem (uns 10 anos), masculino (N), o crânio sepultado a 50 cm de profundidade, os pés a 60 cm, no setor 5 D, na terra preta em contato com a areia da base.

Ossos presentes: o crânio e parte dos ossos longos.

Em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo sul-norte.

Associado com pedras (de um fogão?) junto à parte inferior.

O crânio acha-se paracialmente sob o crânio do sepultamento 95. Possivelmente o sepultamento 95 é posterior ao 96 e o perturbou.

Sepultamento nº 97 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, nos setores 5 D e 5 C, na terra escura acima da areia.

Trata-se de um crânio, manifestamente retirado do seu lugar original.

Está associado a um conjunto de ossos longos e outros ossos e dois crânios, números 98 e 99.

O conjunto dos três crânios com os ossos associados foi cimentado.

Sepultamento nº 98 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, nos setores 5 D e 5 E, na terra escura acima da areia.

Trata-se de um crânio manifestamente deslocado de sua posição original.

Está associado a dois outros crânios e um conjunto de ossos, números 97 e 99.

O conjunto foi cimentado.

Sepultamento nº 99 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 50 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, nos setores 5 D e 5 E, na terra preta acima da areia.

É possível que o sepultamento 99 esteja intacto e o esqueleto completo e os ossos e os crânios dos sepultamentos 97 e 98 tenham sido colocados sobre o sepultamento 99. Ao abrir o sepulcro para o 99 teriam encontrado e perturbado os sepultamentos 97 e 98. Será difícil verificar ao certo, porque o conjunto foi cimentado.

Em decúbito dorsal, a cabeça em sentido norte, com a face para a frente, orientação geral do corpo norte-sul.

Sepultamento nº 100 - Esqueleto completo de criança (de 6 a 7 anos), sepultado a 40 cm de profundidade e a 190 cm do nível zero, no setor 5 E, na divisa com 4 E, na terra preta.

Todos os ossos presentes.

Semifletido, em decúbito ventral (?), a cabeça em sentido sudoeste, orientação geral do corpo sudoeste-nordeste.

Tamanho dos restos: 60 cm.

Não foi recolhido por se encontrar em precárias condições.

Sepultamento n° 101 - Esqueleto incompleto, de adulto, masculino (W e N), sepultado a 50 cm de profundidade e a 150-170 cm do nível zero, nos setores 5 F e 5 G, na terra escura em contato com a areia da base.

Ossos presentes: o crânio com a mandíbula, dois úmeros, a omoplata, uma clavícula.

Em decúbito dorsal, a cabeça em sentido sul, com a face para a frente, orientação geral do corpo sul-norte.

Somente o crânio completo foi recolhido; o resto se encontrava em estado precário de conservação.

Sepultamento n° 102 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 55 cm de profundidade e a 190-210 cm do nível zero, no setor 5 G, na terra escura em contato com a areia.

Ossos presentes: o crânio, fragmentos dos outros ossos, em mau estado de conservação.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo norte-sul.

Junto ao crânio estava um amolador.

Sepultamento n° 103 - Esqueleto completo, de adulto, sepultado a 60 cm de profundidade e a 160 cm do nível zero, no setor 4 H, na terra preta em contato com a areia.

Ossos presentes: todos, em mau estado de conservação.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, em pé, olhando a praia, orientação geral do corpo sul-norte.

Associados estavam alguns seixos.

Só foi recolhido o crânio com a mandíbula.

Sepultamento n° 104 e 104a - Esqueleto completo, de criança de poucos meses (104), e de adulto masculino (104a)(W), sepultados a 60 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 5 H, na terra escura.

Todos os ossos presentes, mas em precário estado de conservação.

Tamanho dos restos: 30 cm.

Sepultamento n° 105 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (N), sepultado a 70 cm de profundidade e a 170 cm do nível zero, no setor 5 H, em contato com a areia da base.

Todos os ossos presentes.

Fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 110 cm.

Sepultamento n° 106 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 40 cm de profundidade e a 130 cm do nível zero, no setor 5 H, na terra escura acima do sepultamento 105.

Trata-se de sepultamento perturbado. Ossos presentes: crânio e fragmentos da mandíbula, ossos das pernas, em mau estado de conservação.

Fletido, em decúbito lateral esquerdo, cabeça em sentido noroeste, boca para baixo, deitado sobre a face esquerda, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Associado estava um seixo tratado a fogo e parcialmente polido.

Sepultamento n° 107 - Esqueleto incompleto, de maduro, masculino (W e N), sepultado a 80 cm de profundidade e a 290 cm do nível zero, no setor 8 A, na areia abaixo da camada escura.

Ossos ausentes: a bacia e as pernas, das quais estavam presentes fragmentos dos fêmures. Conservação boa.

Fletido, em decúbito lateral direito para ventral, a cabeça em sentido oeste, paralelo à praia, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo oeste-leste.

Encostado à parte mais grossa de enorme mandíbula de baleia, que o defendia das águas do mar.

Sepultamento n° 108 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 10 cm de profundidade e a 230 cm do nível zero, nos setores 7 C e 7 D, na terra escura.

Ossos presentes: fragmentos do crânio, dentes, fragmentos de ossos longos, de vértebras, da bacia.

Fletido, orientação geral do corpo nordeste-sudoeste.

Associado estava a metade de um vaso de cerâmica.

O esqueleto e a vasilha foram quebrados por antiga lavoura, porque se achavam muito à flor da terra.

Sepultamento n° 109 - Esqueleto incompleto, de adulto, sepultado a 25 cm de profundidade e a 210 cm do nível zero, no setor 7 E, na terra preta.

Ossos presentes: crânio, ossos longos dos braços, costelas, em mau estado de conservação.

Os braços estendidos, cruzados, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido norte, orientação geral do corpo noroeste-sudeste.

Associados estavam seixos diversos.

Sepultamento n° 110 - Esqueleto completo, de adulto, do sexo feminino, sepultado a 70 cm de profundidade e a 250-270 cm do nível zero, nos setores 7 D e 7 E, o crânio na areia, coberto com terra escura.

Todos os ossos presentes.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, a cabeça em sentido sul, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo sul-norte.

Tamanho dos restos: 130 cm.

Associado a um esqueleto de criança recém-nascida e diversos seixos esparsos. Possivelmente se trata do esqueleto de uma mulher que morreu de parto e a criança foi sepultada junto com a mãe falecida.

O sepultamento foi cimentado junto com a criança para a exposição no museu, porque se achava bem conservado, mas o crânio está cheio de areia e terra escura, difícil de tirar.

Sepultamento n° 111 - Esqueleto completo, de criança recém-nascida, sepultado a 70 cm de profundidade e a 250-270 cm do nível zero, no setor 7 D, em cova feita na areia e coberta com terra escura.

Todos os ossos presentes.

O esqueleto encontra-se embolado. Possivelmente seja de criança recém-nascida, sepultada com a mãe (n° 110), com o qual se encontra.

Os dois sepultamento, o 110 e o 111 foram cimentados juntos num único bloco.

Sepultamento n° 112 - Esqueleto completo, de adulto, masculino (N), sepultado a 20 cm de profundidade e a 150 cm do nível zero, no setor 7 F, em contato com a areia da base, coberto com terra escura.

Ossos presentes: todos, em mau estado de conservação porque em terra rasa; foi estragado pela lavoura.

As pernas fletidas, em decúbito lateral direito, os joelhos levantados, a cabeça em sentido norte, deitado sobre a face direita, orientação geral do corpo norte-sul.

Tamanho dos restos: 120 cm.

O padrão de sepultamento

O local do sítio escavado foi lavoura e alguns sepultamentos superficiais podem ter sido atingidos nas atividades agrícolas e posteriores construções. Elas podem explicar a falta de alguma parte de um esqueleto, como ficou anotado no diário de campo.

A construção de um muro, separando as propriedades de Adúcio e Maisonave, junto à residência deste último, encontrou sepultamentos e os perturbou.

O fato de que Pe. Rohr, na segunda etapa, trabalhou com alunos da Faculdade Estácio de Sá, criou mais algumas destruições, especialmente no começo da etapa, como está registrado no diário de campo.

Recordaremos aqui, de passagem, que uma grande parte do sítio não foi escavada por ter sido destruída anteriormente, eliminando um grande número de esqueletos, talvez tantos quantos foram escavados.

O fato de diversos sepultamentos e conjuntos de sepultamentos serem destinados à formação de um museu e para isso serem cimentados, faz que, muitas vezes, faltem dados sobre a situação total desses sepultamentos, seu acompanhamento, preparação e o fechamento da cova; a cimentação pode obscurecer a situação de partes de sepultamentos, que se encontram parcialmente debaixo destes e de ossos provenientes de esqueletos desconjuntados na sucessiva deposição de corpos.

Ainda assim, os dados que é possível recuperar são abundantes e nos dizem muito sobre o tratamento dos mortos.

Tentamos ler o máximo nos diários, desenhos, fotos e anotações dos biólogos, que estudaram as coleções.

Ao olhar o mapa da distribuição se vê que os esqueletos não se encontram aleatoriamente distribuídos na área escavada, mas que há espaços em que eles estão aglomerados e outros em que estão ausentes: eles estão ausentes nas quadrículas mais próximas da praia, com uma só exceção (o 107); são mais esparsos no lado direito da planta da escavação. Eles podem ser agrupados em alguns conjuntos mais claros, que podemos visualizar, embora não o consigamos para todos.

O primeiro conjunto, de contorno aproximadamente retangular, está nas quadrículas da primeira etapa da escavação. Reúne os esqueletos de 1 a 31, menos o 16, que se encontra um pouco mais perto da praia. São 7 crianças (2, 6, 7, 15, 20, 21, 24), 3 indivíduos jovens (1, 13, 31) e 20 adultos (3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30). Dos adultos, cujo sexo foi definido, 5 são do sexo masculino (3, 9, 10, 14, 28), 5 são do sexo feminino (5, 22, 26, 27, 30). Entre os adultos, nenhum foi indicado como maduro.

As crianças, junto com 2 dos jovens, encontram-se em pontos opostos, paralelos, do conjunto.

Os adultos, homens, mulheres e indeterminados, não têm um lugar específico, encontrando-se ao longo de toda a distribuição.

Todos os esqueletos, na medida em que se pode saber de sua disposição original, eram fletidos ou semifletidos e correspondiam a deposições primárias.

A maior parte dos que se encontram em conexão anatômica estão com a cabeça voltada em direção da praia (norte), alguns em sentido contrário (sul), poucos em direção oeste, ninguém leste. A orientação da cabeça preponderantemente para o norte, não parece ser ocasional, porque mesmo quando o corpo fica perpendicular à parede, como nos números 10, 11, 12 e 14, se mantém esta posição.

O conjunto forma um retângulo grosseiro, encontrando-se os esqueletos ao longo de suas bordas, deixando livre o espaço interno e externo. Em direção à praia estas linhas estão interrompidas, havendo uma abertura de uns 3 m.

Nota-se ainda que na linha mais próxima à praia, especialmente nos ângulos, se encontram os maiores aglomerados de esqueletos, inclusive todas as crianças e indivíduos jovens, menos um (o 31), que se localiza no outro vértice.

Este retângulo certamente marca o perímetro da casa, estando os sepultamentos ao longo das paredes, internamente. Eles estão deitados ao longo da mesma e por isso sua orientação é tão marcada. O espaço aberto na proximidade da praia deve corresponder à saída da casa para o mar. A casa deveria ter aproximadamente oito metros de diâmetro. Especialmente nos locais onde os sepultamentos são mais densos há ossos dispersos e esqueletos incompletos por causa das sucessivas inundações.

No conjunto há um esqueleto isolado (o 16), de indivíduo maduro, de sexo feminino, completamente fletido, com a cabeça voltada para o oeste, como o 107, o 74 e o 76.

Há um segundo conjunto muito denso de sepultamentos, com características semelhantes às do anterior, correspondendo às quadrículas 1 H, 0 I, 1 I e 2 I. Nele estão aglomerados 25 esqueletos.

São 10 crianças (39, 47, 48, 49, 51, 52, 54, 56, 67, 91), um indivíduo jovem (66a), 16 adultos (45, 50, 53, 55, 57, 62, 63, 64 bis, 65, 66, 83, 84, 85, 86, 87). Dos adultos, cujo sexo foi determinado, 9 foram separados como de sexo masculino (55, 63, 65, 66, 83, 84, 85, 86, 87), 5 foram separados como do sexo feminino (50, 53, 62, 64 bis). Como maduros foram indicados 7 (55, 63, 64 bis, 66, 83, 85, 86).

Eles parecem formar um segmento de retângulo (ou círculo), com uns 8 m de lado, estando a maior parte do suposto retângulo fora da área de escavação.

Como o espaço das deposições é relativamente pequeno, não se percebe uma localização diferencial de crianças, adultos, homens e mulheres.

O limite externo está novamente muito marcado, sugerindo que estejam ao longo da parede da casa, internamente, como no conjunto anterior.

Os corpos encontravam-se fletidos, havendo alguns perturbados, provavelmente por novas deposições nos mesmos locais.

A orientação novamente apresenta bastante regularidade, norte-sul ou sul-norte, no 1 H 2 esqueletos oeste-leste, nenhum claramente leste-oeste.

Próximos, isolados, em áreas de fogões, encontram-se três sepultamentos, o 64, o 93 e o 94, todos de adultos; o 64 de maduro, os outros com faixa etária não precisada.

Um terceiro conjunto denso, com as características dos anteriores, corresponde às quadrículas 00 K, 00 L, 0 L e 0 M, num total de 12 esqueletos.

Há 2 crianças (68 e 70), 2 indivíduos jovens (75 e 82), 8 adultos (69, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81). Dos adultos, com sexo definido, nenhum é do sexo masculino, 3 são do sexo feminino. Só um é indicado como maduro (81).

Os corpos estavam fletidos, como nos demais núcleos. Nos lugares, onde estão mais aglomerados, há esqueletos perturbados ou incompletos.

A orientação dos corpos é igual aos dos outros núcleos: predominantemente sul-norte, menos frequentemente norte-sul, nenhum oeste-leste ou leste-oeste.

O limite externo do conjunto está claramente definido e o conjunto pode corresponder tanto a um segmento de círculo, como de retângulo.

Novamente só uma parte do espaço da antiga casa está na área escavada, estando a maior parte na área externa à mesma.

Há dois sepultamentos (74 e 76), na quadrícula 1 K, que parecem isolados.

São dois indivíduos adultos, sepultados um sobre o outro, fletidos, na mesma posição, com a cabeça para oeste, o que os assemelha a outros sepultamentos isolados (16 e 107).

Há um quarto conjunto claro de sepultamentos, nas quadrículas 4 G, 5 G e 5 H. É um conjunto denso.

Há uma criança (106a), nenhuma indivíduo jovem, 8 adultos (89, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 106). Dos adultos com sexo determinado 5 são do sexo masculino (90, 101, 102, 104, 105), um é do sexo feminino (89), dois são indicados como maduros (89 e 90).

O conjunto se distingue dos outros, anotados anteriormente, por conter quase só adultos, sendo quase todos homens: só uma mulher e uma criança.

As demais características não diferem dos outros núcleos: os corpos estavam fletidos, orientados sul-norte ou norte-sul e alinhados.

Os sepultamentos 90, 101 e 102 estão ao redor de um grande aprofundamento com fogão, que está no vértice das linhas de sepultamentos.

No resto da área temos uma série de deposições, cuja compreensão é menos fácil, embora as características gerais sejam as mesmas: os corpos estavam fletidos ou semifletidos, eles formam sequências, com os esqueletos orientados norte-sul ou sul-norte, parecendo estar ao longo de paredes de casas como as anteriores.

Grupo 5, nas quadrículas 2 D, 2 E, 2 F e 2 G. São 12 sepultamentos, formando um conjunto medianamente denso.

5 são crianças (34, 41, 42, 43, 44), um é indivíduo jovem (40), 7 são adultos (32, 33, 35, 59, 60, 61, s.n.). Dos adultos, com sexo identificado, 2 são homens (59 e 61), um é mulher (32), dos considerados adultos um é senil (61).

Há 5 crianças ou indivíduos jovens num pequeno espaço.

Grupo 6, nas quadrículas vizinhas 3 D, 3 E, 3 F. Formam um conjunto aberto de 4 esqueletos.

Há uma criança (68), nenhum indivíduo jovem, 3 adultos (36,37,46). Dos adultos com sexo determinado, dois são mulheres (36 e 37).

Grupo 7, nas quadrículas 4 F, 5 D e 5 E. Formam um conjunto aberto de 7 esqueletos.

Há uma criança (100), 2 indivíduos jovens (95 e 96), 4 adultos (88, 97, 98, 99). Dos adultos, com sexo determinado, uma é mulher (88).

Estão juntos dois jovens e restos de 3 adultos.

Grupo 8, nas quadrículas 7 D, 7 E, 7 F. Formam um conjunto aberto de 5 esqueletos.

Há uma criança (111), nenhum indivíduo jovem, 4 adultos (108, 109, 110, 112). Dos adultos, com sexo determinado, um é homem (112), um é mulher (110).

Existe finalmente mais um sepultamento isolado, mais perto da praia, na quadrícula 8 A (107), na proximidade do lixo. Trata-se de um homem maduro, fletido, sepultado com a cabeça para o oeste e o corpo defendido do mar por um grande pedaço de mandíbula de baleia.

Na área do lixo propriamente dito, no lado esquerdo da planta, em duas quadrículas, Rohr anota sepultamentos perturbados: o primeiro, composto por 2 ossos longos, está na quadrícula 0 B; o outro, a uma quadrícula de distân-

cia, na 0 D, sem indicar de que se compõe; em ambos os casos estão a uma certa profundidade, o que poderia indicar que foram aí abandonados.

Buscando sintetizar os dados acima podemos dizer que os sepultamentos são primários, com os corpos fletidos ou semifletidos, em decúbito lateral direito ou esquerdo, muito raramente dorsal ou ventral, a cabeça para o norte, ou o sul, só em 4 casos especiais, de sepultamentos claramente isolados, em direção oeste. Os sepultamentos se fizeram alinhados e nestes alinhamentos eles se sobrepõem e os posteriores podem ter perturbado os sepultamentos anteriores. Os alinhamentos, aproximadamente retilíneos, foram lateralmente limitados pelo que supomos sejam as paredes das casas. Os alinhamentos medem de 6 a 8 metros e devem indicar o tamanho das paredes que os limitam.

Os conjuntos costumam conter crianças, indivíduos jovens e adultos, na seguinte proporção:

Tabela por sexo e idade

Grupos	criança		adulto			faixa etár.det.ad. Total		
	jovem		masc.	fem.	n. det.	adulto	maduro	senil
1	7	3	5	5	10	10	-	30
2	10	1	9	4	2	6	7	26
3	2	2	1	3	5	3	1	12
4	1	-	5	1	2	3	3	9
5	5	1	2	1	3	2	-	13
6	1	-	-	2	1	2	-	4
7	1	2	-	1	3	1	-	7
8	1	-	1	1	2	2	-	5
isol. 16	-	-	-	1	-	-	1	1
isol. 64	-	-	1	-	-	-	1	1
is. 74,76	-	-	-	-	2	-	-	2
isol. 107	-	-	1	-	-	-	1	1
isol. 58	-	-	-	-	1	-	-	1
isol. 71	-	-	1	-	-	-	1	1
isol. 93	-	-	-	-	1	-	-	1
isol. 94	-	-	-	-	1	-	-	1
Total geral 112							

A tabela acima nos mostra claramente que os sepultamentos correspondem aos representantes de uma aldeia estável e normal, estando representados os que morreram imaturos (crianças e jovens) por 32,5% e os adultos por 67,5%. Entre os adultos, cujo sexo foi determinado (58,4%), os homens ocupam 57,8% contra 42,2% das mulheres. Na faixa etária determinada, 64,4% morreram como adultos (antes dos 30 anos), 33,3% como maduros (entre 30 e 49 anos) e apenas um senil (com 50 anos ou mais). Dos 15 maduros, 11 são do sexo masculino (73,3%), contra 4 do sexo feminino (26,7%) e o único indivíduo senil é masculino. Isto quer dizer que das 19 mulheres, que chegaram ao estado adulto, só 21% atingiram uma idade maior que 29 anos, ao passo que dos 26 homens que chegaram ao estado adulto, 42,3% atingiram uma idade maior que 29 anos e um deles atingiu ao menos 50 anos.

Os sepultamentos isolados são todos de indivíduos adultos e, quando a faixa etária está determinada, trata-se de indivíduos maduros, sendo 3 masculinos e um feminino.

No grupo 1 não está enterrado nenhum indivíduo maduro; o único maduro (feminino) está sepultado do lado de fora.

As diferentes idades e sexos encontram-se em cada um dos grupos, não havendo, neste sentido, locais especializados para os diferentes sexos ou idades.

O acompanhamento funerário registrado no diário é pouco expressivo. Como se falou no começo deste capítulo, a informação pode ser falha por diversas razões, que ali apontamos. Nosso comentário se refere ao que consta no diário de campo.

Sete das 36 crianças e indivíduos jovens têm objetos associados, mais frequentemente dentes perfurados de mamíferos. Uma (39) vem acompanhada de 5 dentes perfurados, outra (49) de três; uma (54) de um colar de 13 dentes de felídeo perfurados, ainda uma outra (70) de número indeterminado de dentes. 5 dentes duplamente perfurados de tubarão são encontrados com a 67. Só uma criança (91) vinha com um colar de 114 pequenos gastrópodos perfurados do gênero *Olivella*. Ainda uma (42) tinha uma pequena tigela inteira emborcada em cima do crânio. Dorath Pinto Uchôa fala ainda de um pequeno seixo estriado, achatado, de 2,5 cm de diâmetro, que estaria associado a um sepultamento infantil, que não é especificado. Com exceção da tigelinha, que poderia estar defendendo a cabecinha da criança, os demais objetos associados são claramente enfeites, mas não necessariamente com função só de enfeitar.

Só 16 dos 78 adultos vem acompanhados. Uma mulher (5) vem com 3 pontas de projétil, pedunculadas, em osso; outra (16), de um dente de tubarão tintureiro. Um homem (102) traz um amolador, um outro (71) vértebras perfuradas de peixe, um outro ainda (55) uma caixa torácica de um mamífero do tamanho de um cão. Adultos de sexo não definido trazem dois dentes de

tubarão duplamente perfurados, mais um dente perfurado de boto (60), número não determinado de dentes de mamífero, perfurados (57), uma lâmina polida de machado (12), um caco de cerâmica e vértebras de peixe (45), ossos longos de mamíferos e dentes de cação e porco-do-mato (72/73), seixos e vértebras de peixe (93), seixo tratado a fogo e parcialmente polido (106), metade de um vaso de cerâmica (108), seixos (46 e 109).

As mulheres vêm com artefatos em osso. Os adultos em geral podem trazer enfeites, instrumentos de trabalho, recipientes cerâmicos, ossos e seixos. Nada específico que nos ajude a fazer diferenciações.

Os sepultamentos eram feitos em pequena profundidade, não ultrapassando, geralmente, a camada de lixo já acumulado, ou no limite entre este e a areia estéril subjacente. Raramente na areia estéril, quando são cobertos com o lixo acumulado. Não se percebe clara diferença cronológica entre os que se encontram em covas no lixo e os que estão imediatamente por baixo.

Não há indício de uma forração da cova por pedras ou materiais que deixassem alguma marca para o arqueólogo. Nem há uma cobertura especial, que parece desnecessária porque a deposição era feita dentro da casa. Os seixos, que se encontram por cima e ao redor do esqueleto devem ser os mesmos seixos que se encontram espalhados abundantemente nas camadas em toda a extensão do sítio.

Será que os sepultamentos realizados fora das casas teriam alguma proteção que, por ser de material perecível, não deixou marcas?

A posição fletida dos corpos, certos detalhes na posição dos membros, a posição oblíqua de certos corpos, com a cabeça mais baixa que o resto do corpo, sugerem que os mortos não eram sepultados nus, mas envoltos em esteiras e/ou redes e cestos para evitar o contato direto e imediato com a terra que os envolvia.

Só num deles (108), sepultado junto da praia, afastado da área das construções e dos fogões, se percebe uma proteção do corpo, aparentemente contra o avanço das ondas do mar, usando-se para isso de uma grande parte de uma mandíbula de baleia.



Figura 24 - A disposição dos esqueletos no espaço escavado.

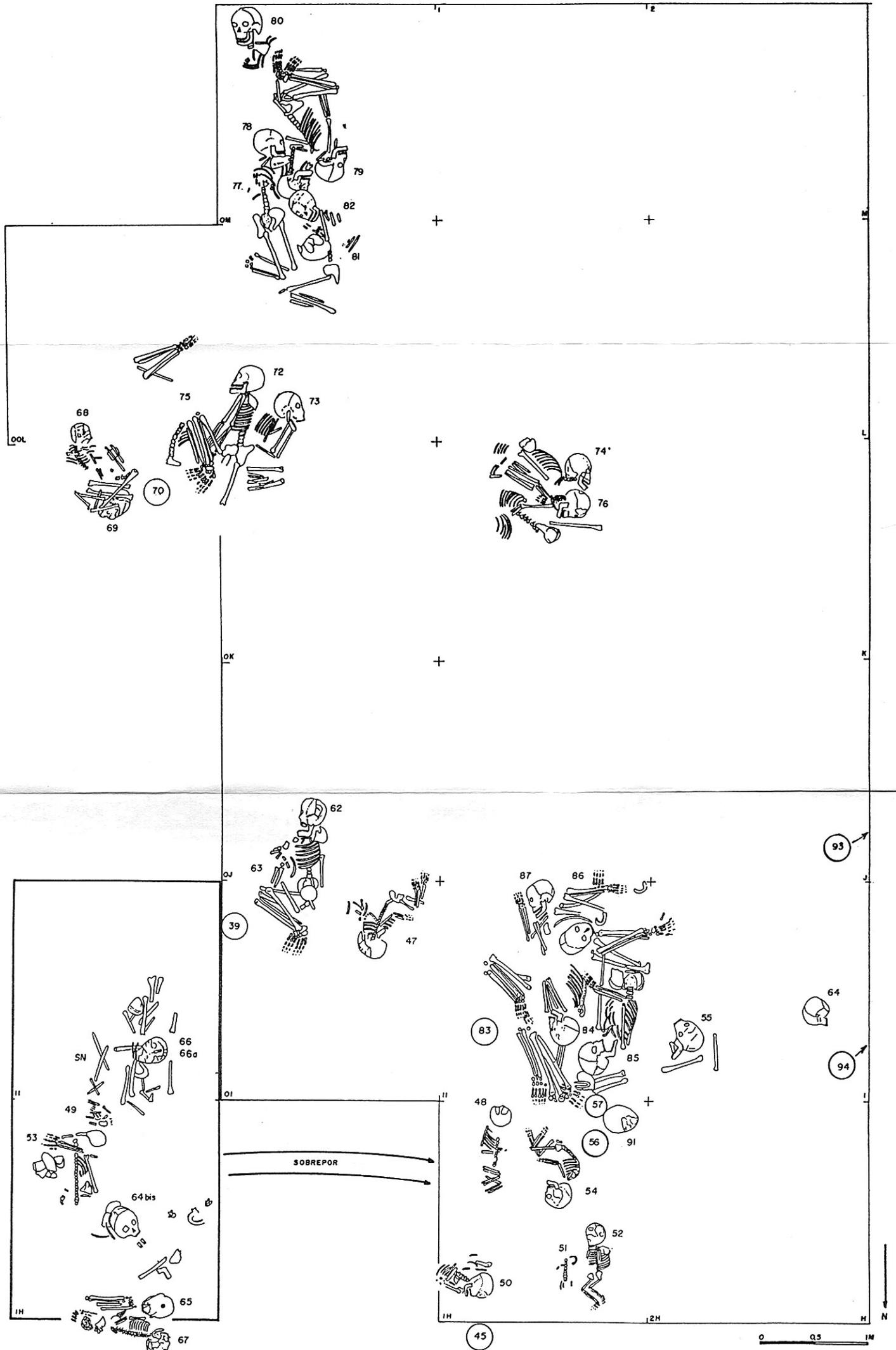


Figura 25 - A disposição dos esqueletos no espaço escavado.

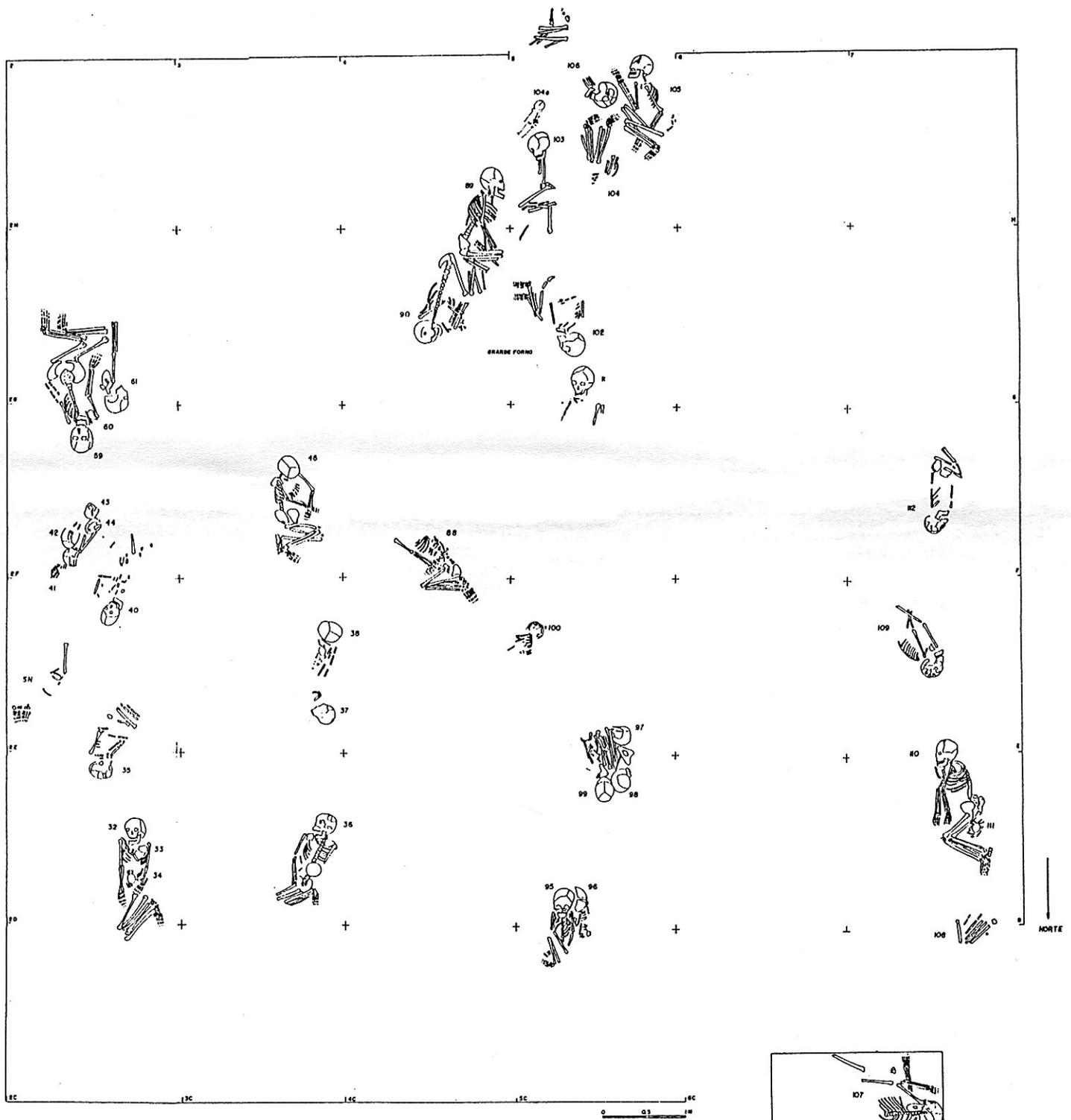
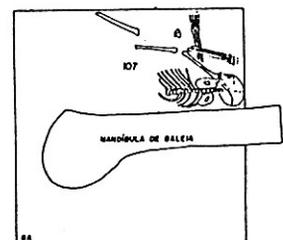


Figura 26 - A disposição dos esqueletos no espaço escavado.



10. A DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL NO ESPAÇO ESCAVADO

O estudo do espaço dentro da superfície escavada nos pode levar às estruturas do assentamento, que, normalmente comportam locais para as construções, preparação de alimentos, manufatura de artefatos, eliminação do lixo, deposição dos mortos, estacionamento de veículos ou canoas. Praticamente todos estes elementos podem ser reconhecidos na área escavada por Rohr.

Primeiro nota-se que há um espaço para os sepultamentos. Eles se adensam no centro e no alto do terreno, deixando praticamente livre em baixo, mais perto da praia e em cima no lado direito (figura 4).

Contrapondo a este a área dos fogões (figura 3), aqui só considerados os que têm armação de pedras, nota-se que eles deixam livre o espaço em baixo, à esquerda, na proximidade da praia e geralmente ocupam as áreas onde não há, ou há poucos, sepultamentos. Eles são mais densos no lado direito, a pequena distância da praia e provavelmente ainda o eram no espaço não escavado entre a etapa 1 e a 2, onde havia um rancho e uma árvore nativa, que tiveram de ser respeitados. Quando se sobrepõe a planta dos esqueletos à planta dos fogões, nota-se como eles ocupam superfícies diferentes, alternantes.

Se acrescentamos os fornos subterrâneos (figura 3), que Rohr chama fornos polinésios, vemos que eles também ocupam áreas sem tanta aglomeração de sepultamentos, no alto, junto com muitos fogões e à direita, na metade da planta. Eles não existem no aglomerado de fogões perto da praia. Quase não há registro deles na primeira etapa da escavação.

Aproximadamente nos mesmos espaços (dos fogões e dos fornos subterrâneos, figura 3) existem outros aprofundamentos, que podemos julgar buracos de lixo, que, na primeira etapa, Rohr anota com menos precisão, ou eram menos marcados.

Em geral percebe-se uma clara alternância do conjunto fogões, fornos e buracos, com o conjunto dos sepultamentos, não apenas no espaço amplo, mas também no detalhe.

Lixo alimentar e artesanal, plotado de acordo com o diário, aparece em toda a superfície escavada, mas de forma diferente. Na borda da aldeia, na di-

reção do mar, se encontra acumulado o lixo mais agressivo, composto por ostras, restos de ouriços-do-mar, pinças de crustáceos, ossos de baleia e, numa parte, milhares de pequenas lascas de diabásio, provenientes do preparo de artefatos líticos (figura 4). Restos de alimento (ossos de mamíferos acompanhados ou não de valvas de moluscos) e refugo artesanal (cerâmica, artefatos líticos e ósseos) têm distribuição característica, coincidindo com os lugares de maior adensamento dos esqueletos. Por outro lado, as áreas com mais estruturas de combustão são os que têm menos resíduos alimentares e artesanais.

Quando olhamos a distribuição dos materiais recuperados, na medida em que é possível indicar a sua quadrícula de origem, percebemos novamente que há distribuições diferenciais, largamente coincidentes com os espaços anotados anteriormente.

A cerâmica, abundante, plotada de acordo com as anotações do diário de campo, acha-se mais concentrada naqueles locais, onde também os sepulcros são mais numerosos. Há uma certa quantidade no lugar do lixo ofensivo e pouco ou nada nos demais espaços (figura 27).

Os seixos, muito mais numerosos, também plotados pelo diário, são abundantes em quase toda a superfície e apresentam uma pouco maior densidade nos mesmos lugares que a cerâmica (figura 28).

As lascas praticamente repetem a mesma distribuição (figura 29).

As lâminas polidas e lascadas, plotadas de acordo com a numeração que as peças tinham na coleção, ainda repetem o mesmo quadro (figura 30). As lâminas polidas estavam adequadamente numeradas, separando o material da primeira e da segunda etapas, de modo que nossa representação é real. As lâminas lascadas só tinham registrada a quadrícula, não indicando se era da 1^a ou da 2^a etapa, com o que não podemos plotá-las todas nas suas quadrículas de origem. Para ao menos aproximar a distribuição nas quadrículas de identificação repetida, tivemos de usar um estratagemas: dividimos o número total das peças numeradas para as quadrículas que aparecem em ambas as etapas e plotamos a metade (arredondada para cima quando eram números ímpares) em cada quadrícula.

Os objetos fusiformes em pedra ou osso e um pingente lítico ainda mostram tendência semelhante às anteriores (figura 31).

O material ósseo, tomado em sua totalidade, e que se encontra numerado de acordo com as etapas da escavação, repete, em grandes linhas, as concentrações anteriores (figura 32).

Desdobrando estes artefatos, notamos que os artefatos particulares quase todos repetem a mesma distribuição: pontas ósseas (figura 33), pontas em nadadeira de peixe e esporão de raia (figura 34), lascas de osso, e ossos e nadadeiras trabalhados (figura 35), agulhas, anzóis, lascas polidas, furadores (figura 36); há uma distribuição diferente para as espátulas de osso de baleia, colocadas na periferia da aldeia, principalmente na área de lixo ofen-

sivo, e das pontas ósseas pedunculadas, concentradas na área da 1ª etapa e em posição anômala; algo parecido ocorre com os ossos longos apontados (figura 36).

Com estes dados em mãos, buscamos nos aproximar da instalação do estabelecimento na praia das Laranjeiras.

A primeira constatação é que existem alguns espaços bem marcados na aldeia: a área de combustão, a dos sepultamentos que coincide com a das moradias, a do lixo ofensivo. Habitações de menor duração parecem ter-se sobreposto à área de combustão (no meio da planta, à direita, figuras 3-4), onde se encontram sepultamentos menos densos. Alguns sepultamentos foram realizados fora da área construída, ou entre os fogões (números 74, 76, 64, 93 e 94), na beira do lixo (16 e 107), ou mesmo no lixo, onde Rohr anota dois sepultamentos perturbados, que não receberam número, nem descrição e desenho.

Essas estruturas, descontando alguns deslocamentos menos importantes, parecem ter mantido o mesmo lugar durante a vida da aldeia, fazendo que os fogões crescessem e se multiplicassem, a lixeira aumentasse de volume, os mortos se acumulassem contra as paredes da mesma moradia, ou da moradia renovada no mesmo local.

Além da constatação desses espaços precisamos notar que o refugio artesanal, composto pela cerâmica, os artefatos líticos e ósseos, mais o refugio alimentar menos ofensivo, composto pelos ossos quebrados da caça (excluída a dos mamíferos marinhos), dos peixes, das conchas em geral (excluídas as ostras) se encontra predominantemente sobre e ao redor da maior concentração dos esqueletos (figura 37). Este acúmulo parece ser o resultado do lixo produzido dentro da casa e abandonado nos cantos escusos da mesma, onde também eram depositados os mortos. Numa única quadrícula do lado sul (O L) foram recuperadas 34 partes representativas de crânios e mandíbulas de queixada. Nas quadrículas vizinhas ainda temos 10 (O M), 9 (O K), 8 (1 L) fragmentos, ao passo que no resto das quadrículas da escavação eles se encontram sempre em número bastante inferior. Só numa quadrícula do mesmo setor (O M) há numerosas conchas de 27 espécies diferentes de moluscos marinhos, mais 2 de moluscos terrestres.

O lixo acumulado, dentro e/ou no fundo da casa, nos faz supor que ali se tenham desenvolvido determinadas atividades, indicadas pelos restos: ali se encontra a maior quantidade de cerâmica, como se ela tivesse sido usada em casa e não junto às estruturas de combustão. Os densos restos de alimentos variados sugerem que também as refeições eram feitas dentro da moradia e os restos jogados nos fundos escusos e talvez pouco usados onde se encontravam enterrados os mortos. Os fogões dentro das casas tornam-se, então, também compreensíveis e funcionais, não só para iluminar e aquecer, mas também cozinhar. No interior das habitações ou seus arredores imediatos

também se encontram os artefatos ósseos e líticos, com poucas exceções, como as espátulas de osso de baleia, encontradas predominantemente na borda da aldeia, onde poderiam ter funções específicas.

Por outro lado, é curioso como os fogões não estão cobertos ou cercados de lixo alimentar e industrial, dando a impressão de que eram limpos regularmente e que os seus resíduos maiores foram enterrados, levados embora, mas não abandonados nos arredores. Sentimos falta, neste lugar, especialmente da cerâmica, com todas as características utilitárias e que serviria para preparar e servir alimentos.

O grande número de enterros dentro das moradias nos faz supor que as mesmas não eram habitadas só por uma família nuclear, mas por famílias extensas; ou que tenham tido uma duração mais longa do que normalmente atribuímos a construções de troncos e palha; ou que tenham sido reconstruídas no mesmo lugar. Uma casa de material perecível, ocupada por uma família nuclear, durante uma vida útil de 6 a 8 anos, dificilmente teria mais sepultamentos que os dos conjuntos à direita (4 a 8 corpos). 27 ou 30 sepultamentos numa casa é um número elevado, mesmo para uma habitação de família extensa.

No lugar do lixo ofensivo há um espaço com grande acúmulo de resíduos de lascamento (Rohr fala de milhares de lasquinhas), sugerindo que, ou ali eram retocados artefatos, ou para ali eram transportados os restos produzidos em outras partes da aldeia; a primeira hipótese nos parece mais provável.

A superfície escavada mostra-nos claramente as várias partes do assentamento: o centro, onde estão aglomerados os sepultamentos, que marcam o espaço construído; uma borda, onde se encontram as estruturas de combustão, por onde se alcança a planície arenosa; e uma borda, onde se encontra o lixo ofensivo e por onde se alcança a baía. Não temos o lado que dá para o córrego, que foi destruído pelo trator, nem o que dá para o interior, em direção aos morros, cobertos pela Floresta Atlântica, área que é ocupada pela residência de G. Maisonave.

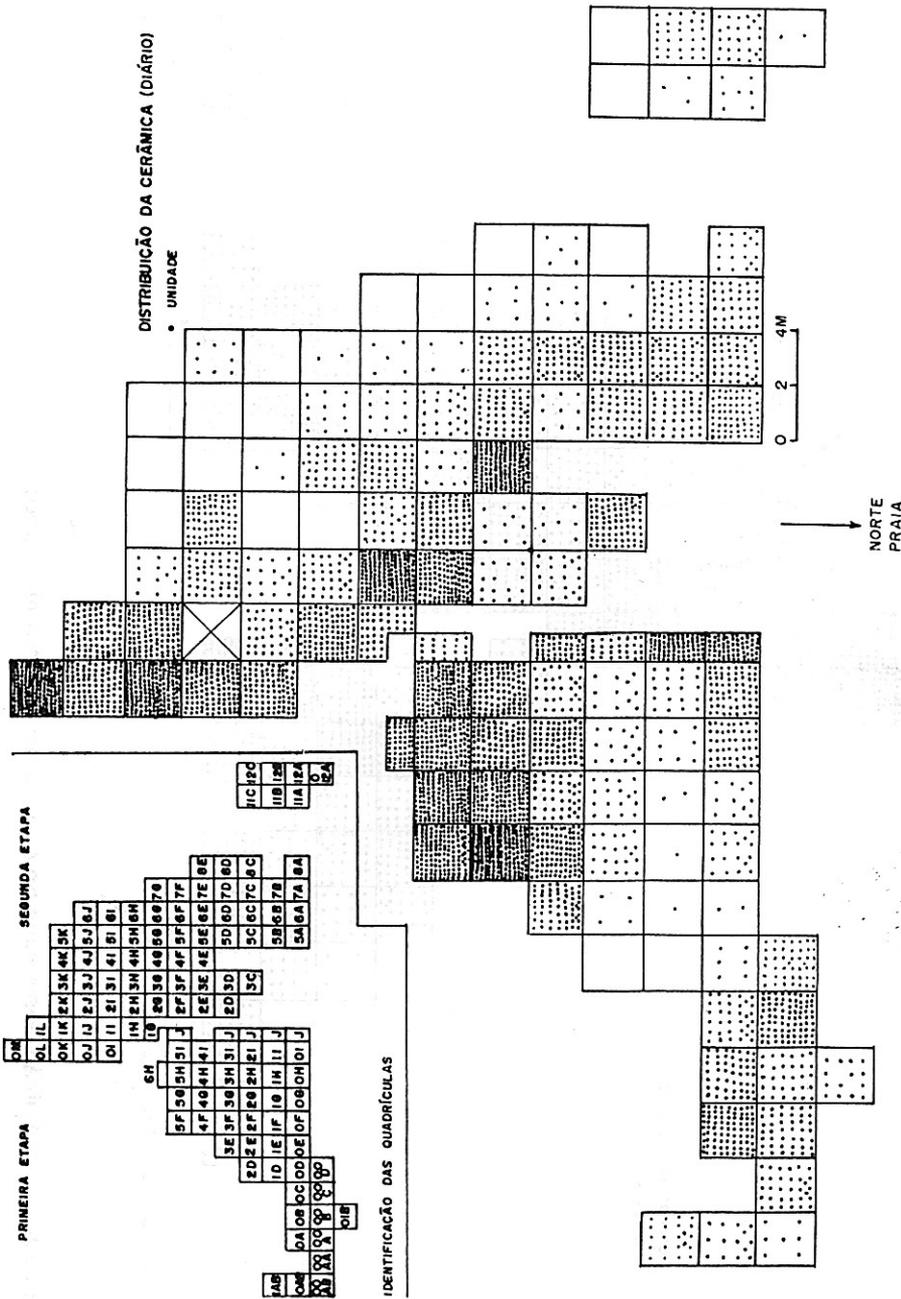


Figura 27 - Distribuição da cerâmica no espaço escavado (pelo diário). Identificação das quadriculas da escavação.

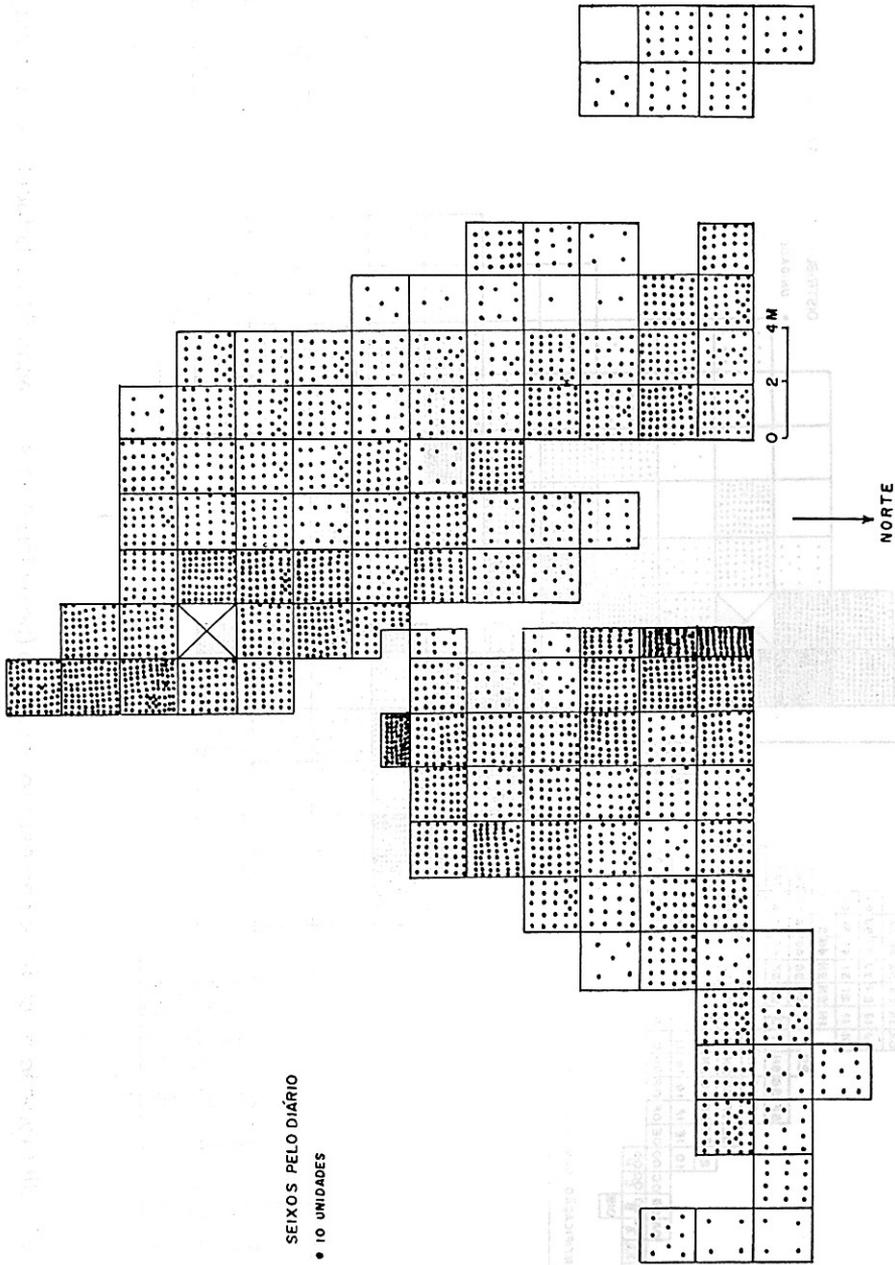


Figura 28 - Distribuição dos seixos no espaço escavado (pelo diário).

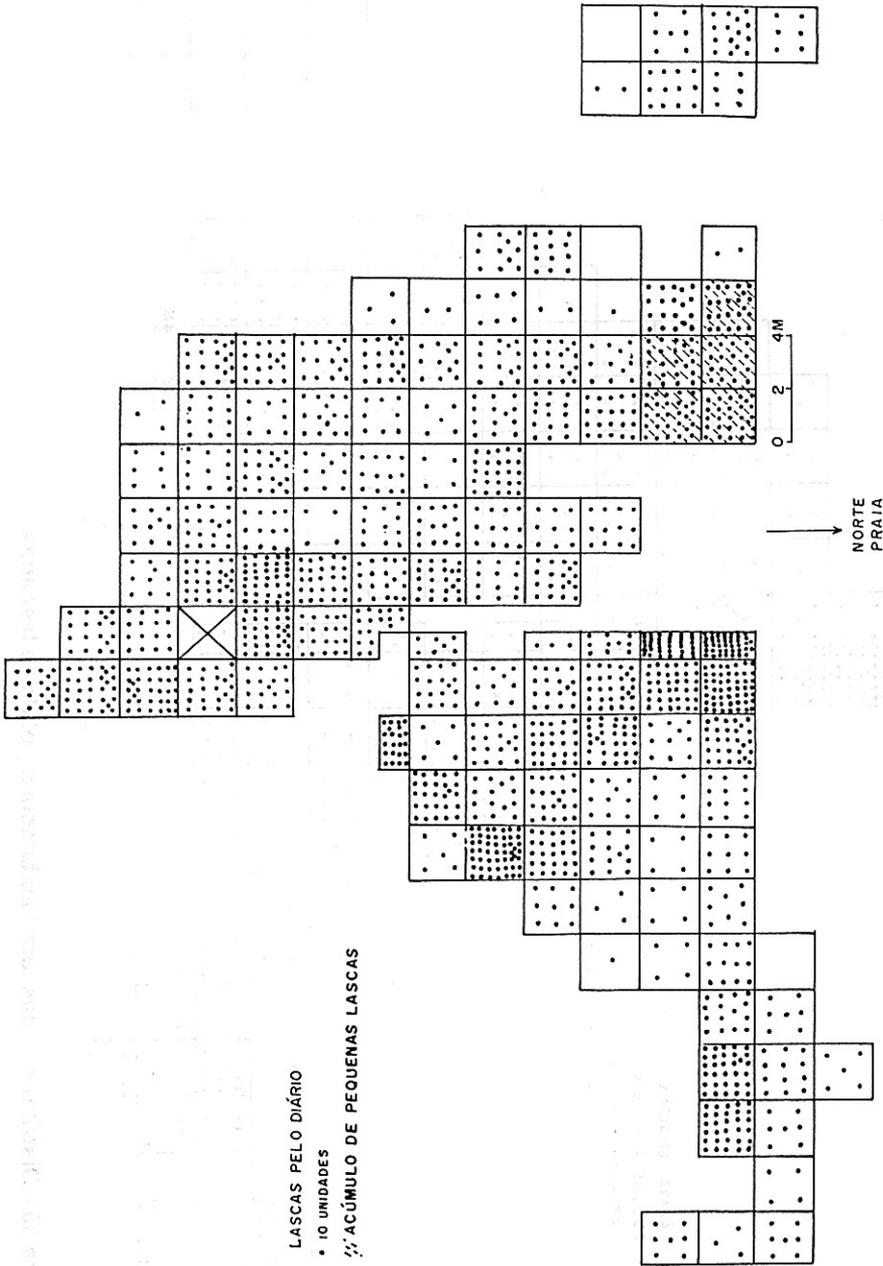


Figura 29 - Distribuição das lascas no espaço escavado (pelo diário).

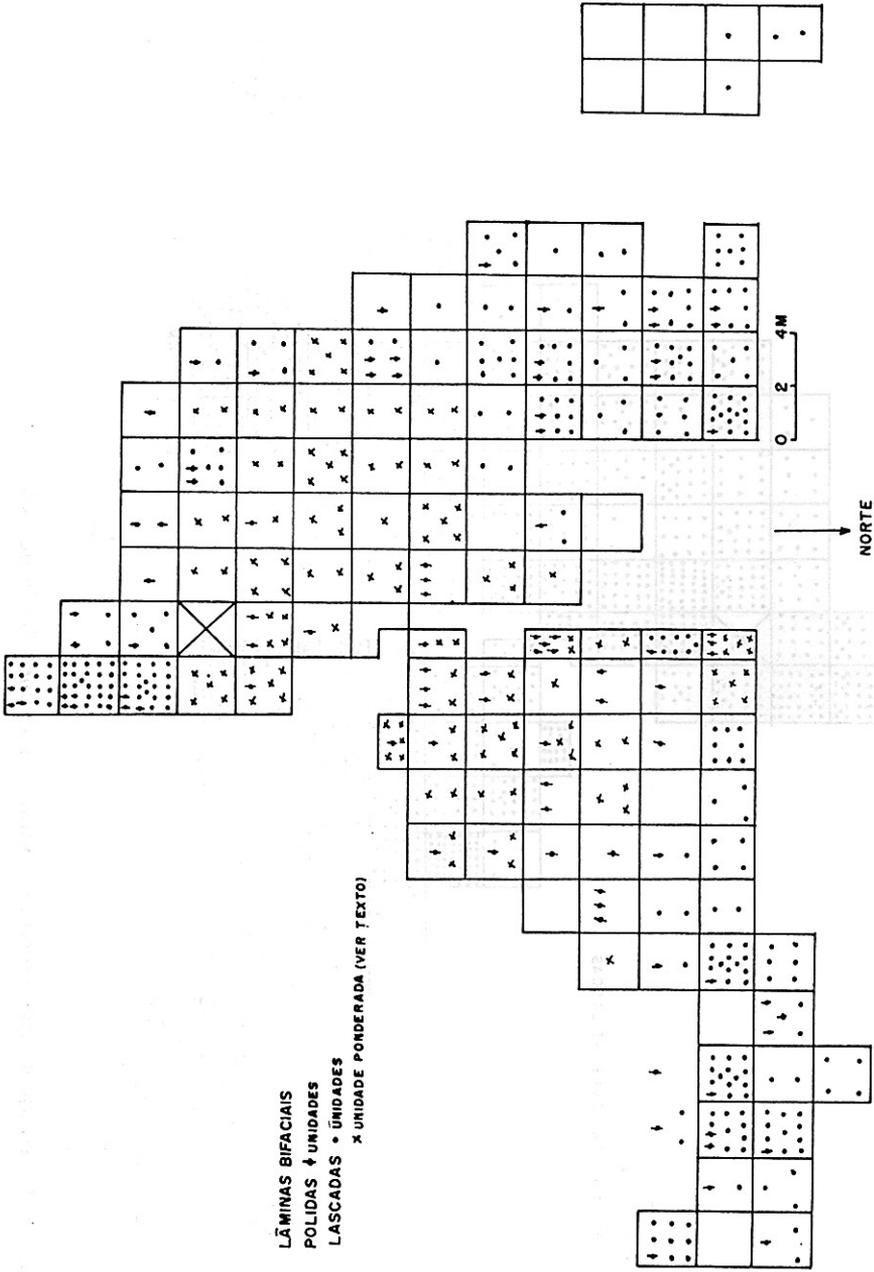


Figura 30 - Distribuição das lâminas bifaciais polidas e lascadas.

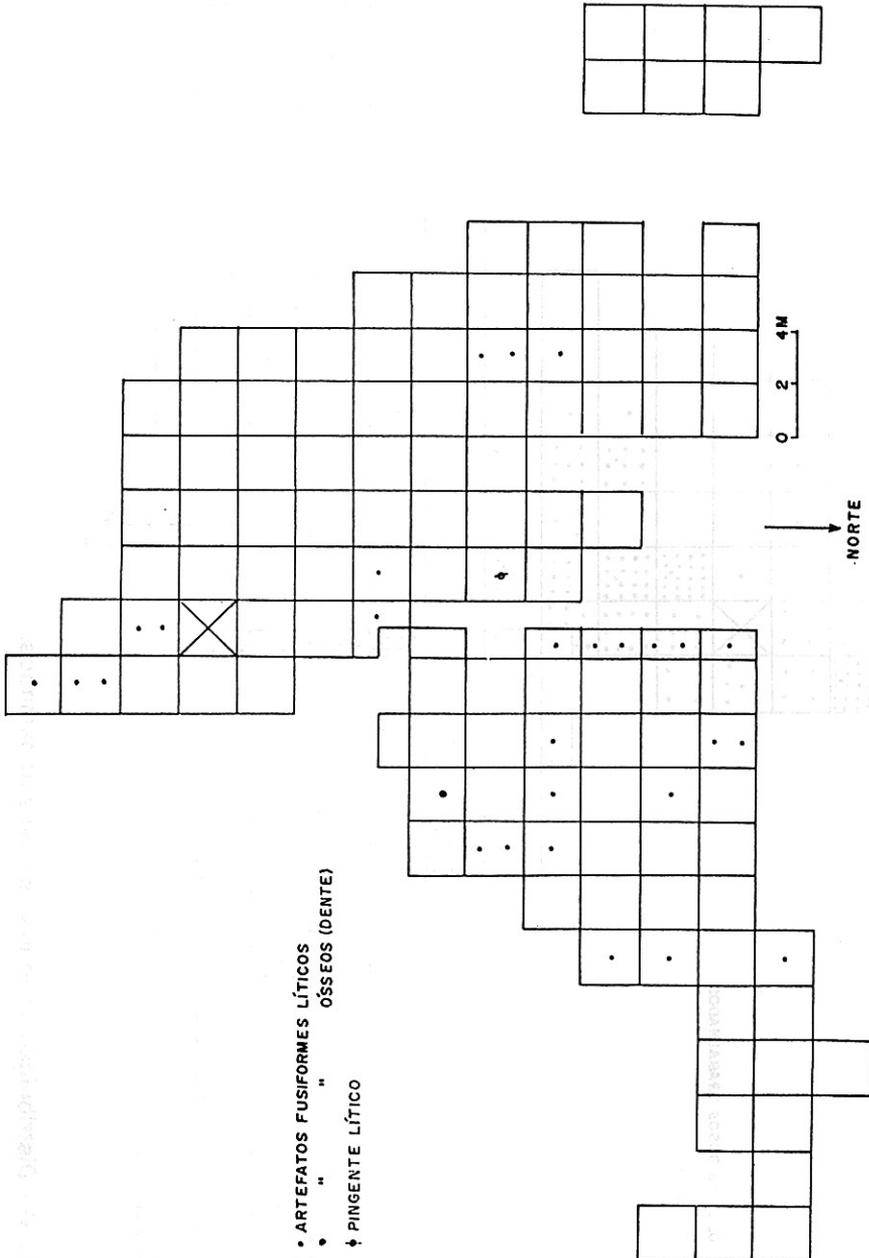


Figura 31 - Distribuição dos artefatos fusiformes líticos e ósseos e localização de pingente lítico.

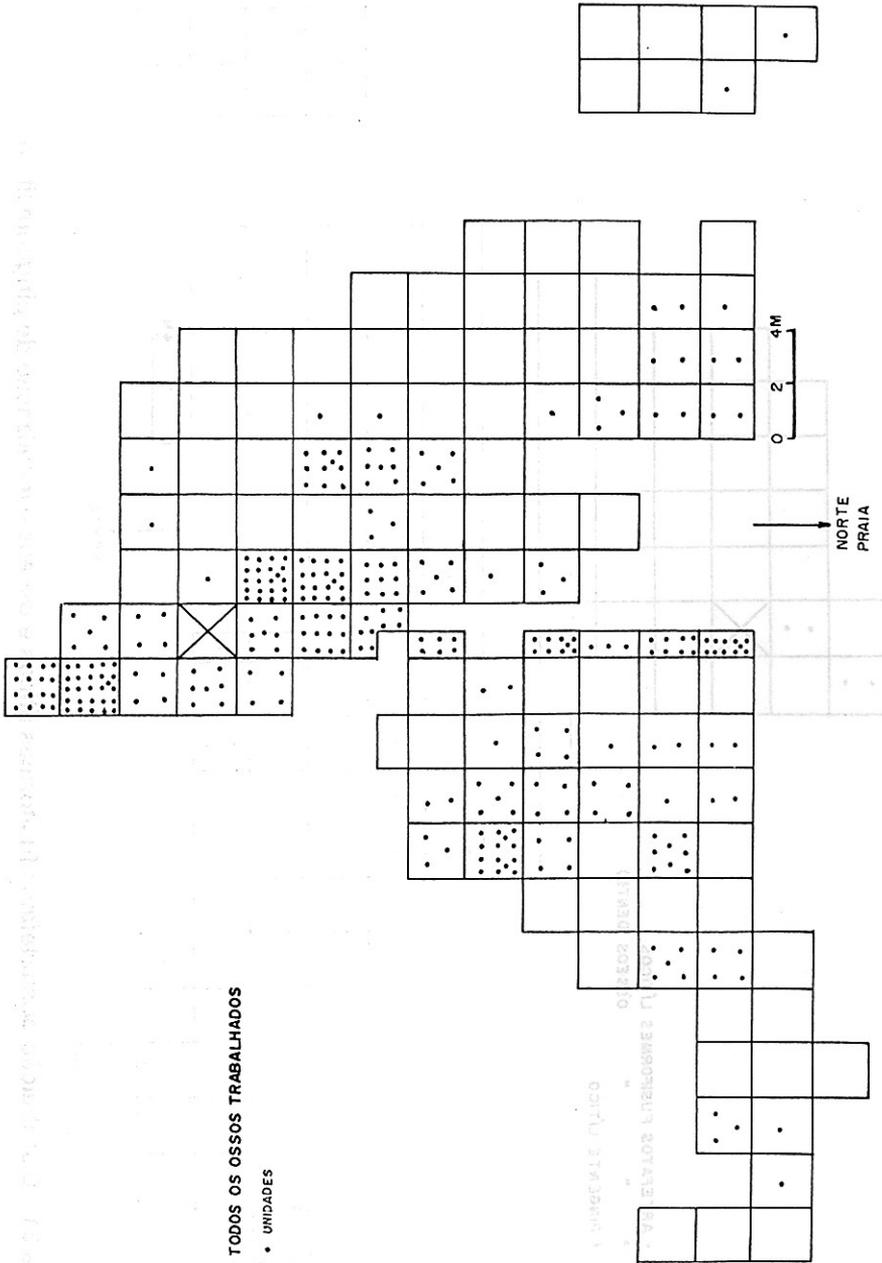


Figura 32 - Distribuição de todos os ossos trabalhados.

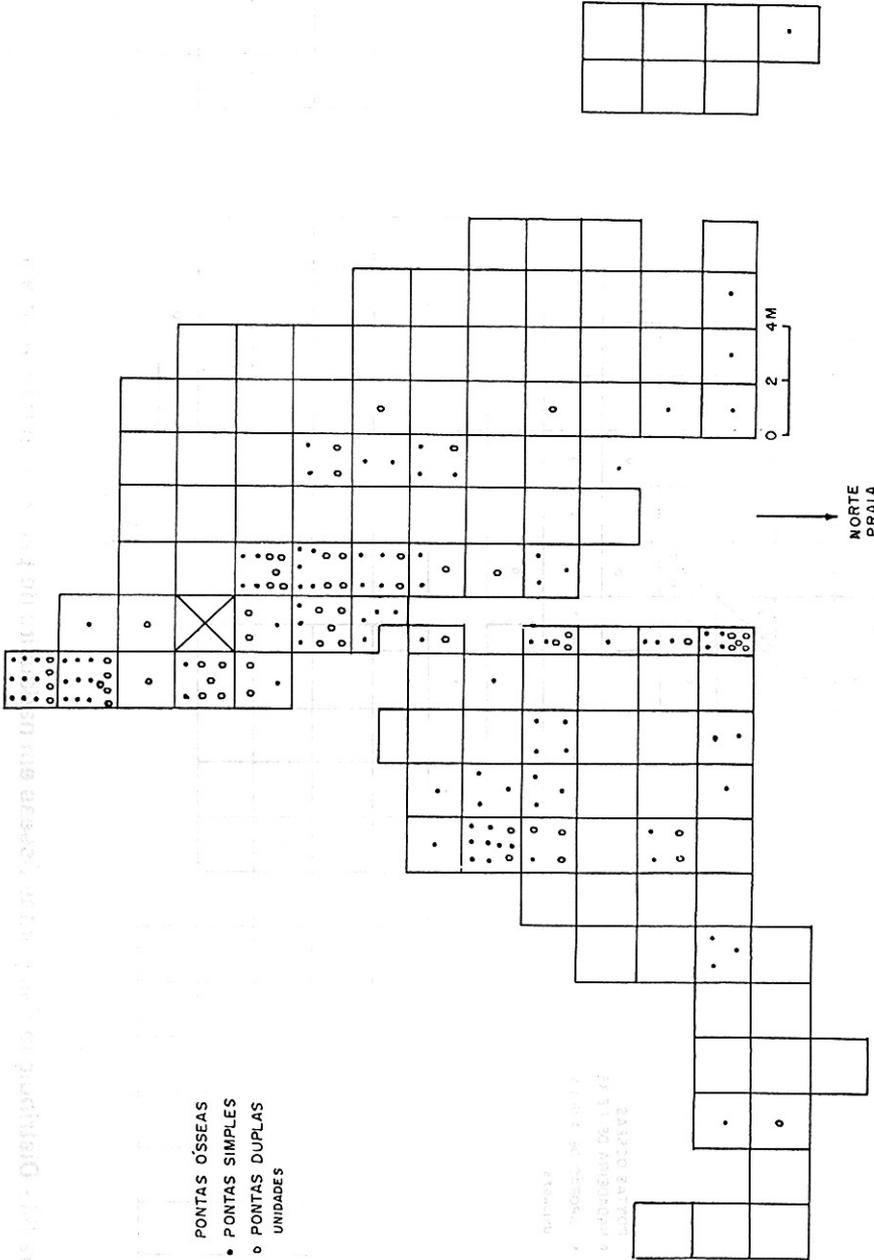


Figura 33 - Distribuição das pontas ósseas simples e duplas.

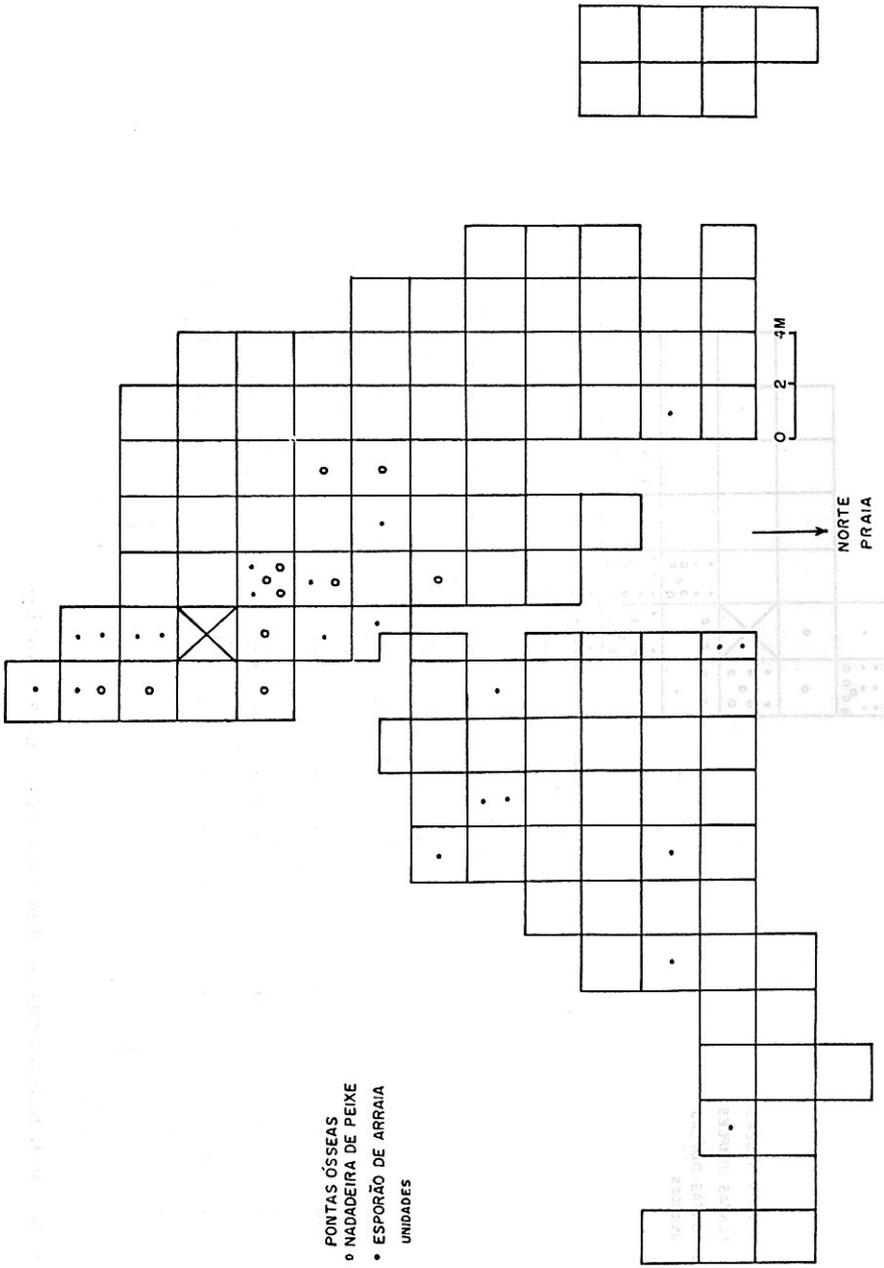


Figura 34 - Distribuição das pontas ósseas em nadadeira de peixe e esporão de arraia.

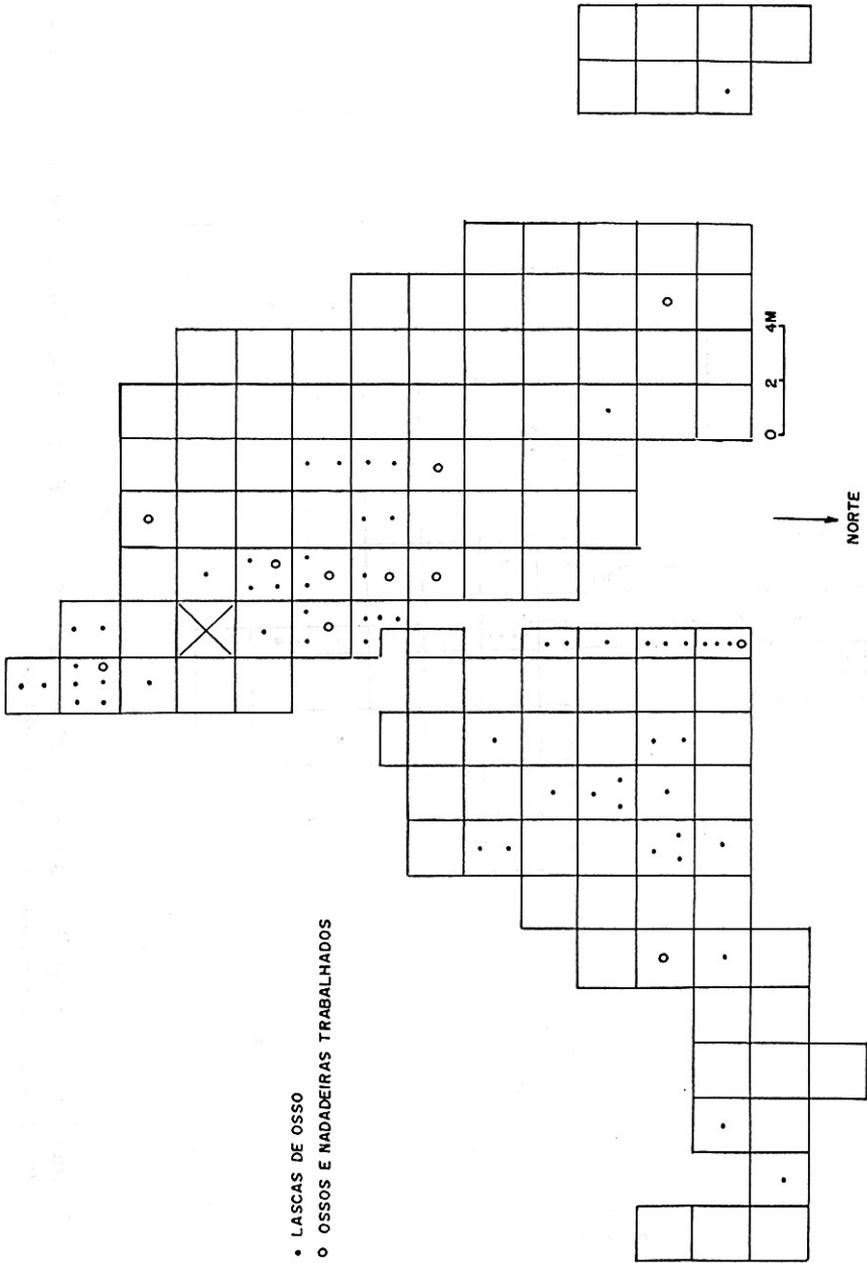


Figura 35 - Distribuição das lascas de osso e dos ossos e nadadeiras trabalhados.

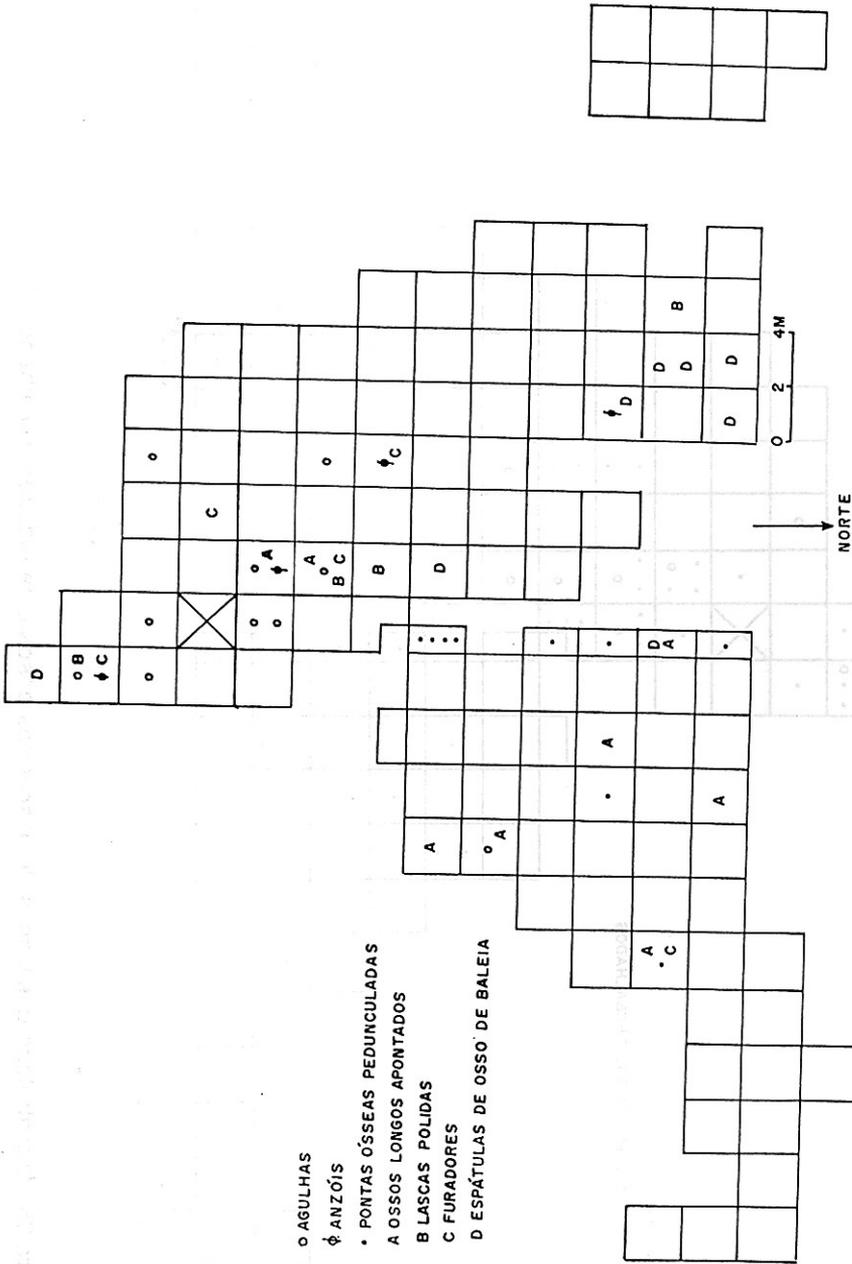


Figura 36 - Distribuição de agulhas, anzóis, pontas ósseas pedunculadas, ossos longos apontados, lascas polidas, furadores e espátulas de osso de baleia.

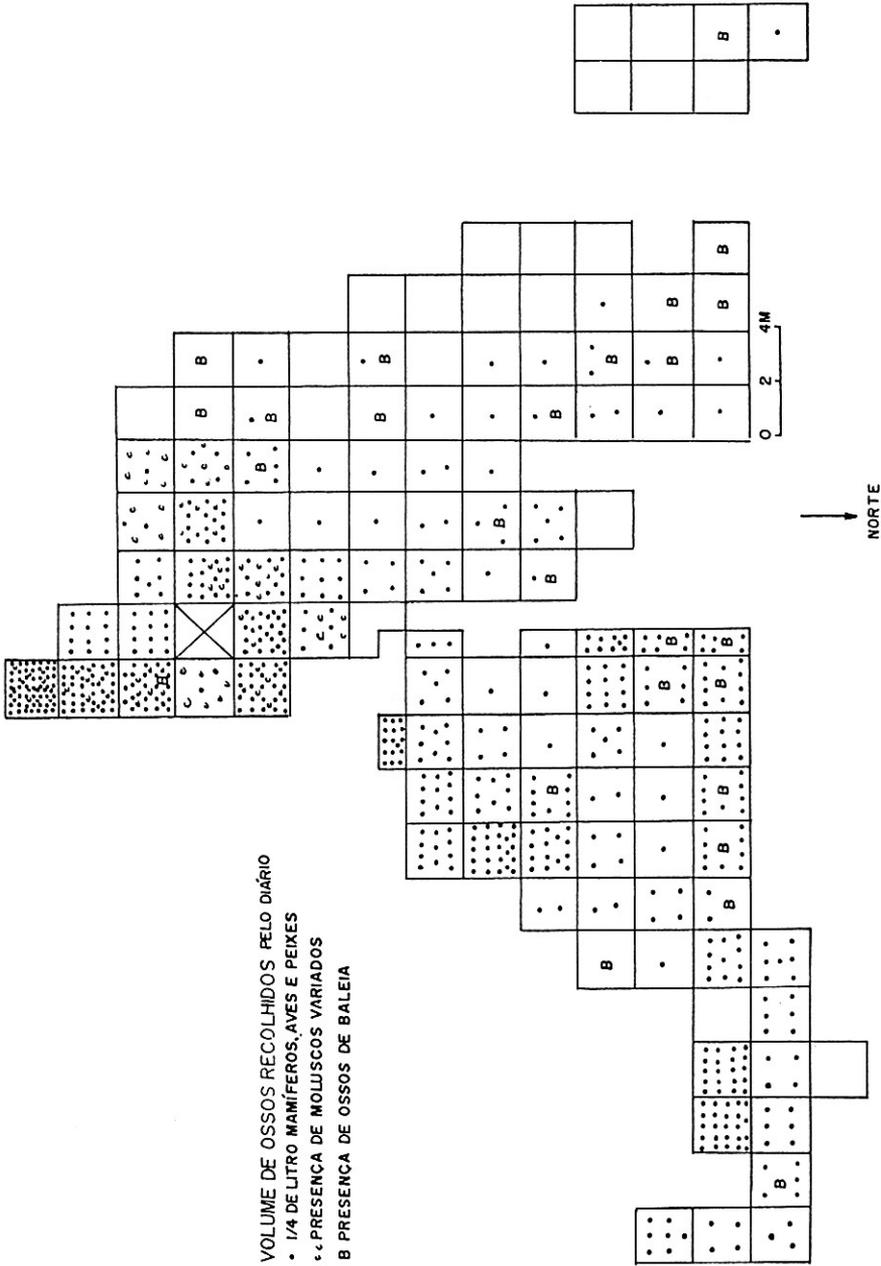


Figura 37 - Volume de ossos recolhidos, presença de moluscos e de ossos de baleia por quadrícula (pelo diário).

11. O ASSENTAMENTO. SEU LUGAR NO POVOAMENTO DO LITORAL.

A parte escavada do sítio de Laranjeiras II corresponde aproximadamente à metade da aldeia de uma população ceramista da tradição Itararé.

Se na parte escavada foram recuperados os restos mortais de 114 indivíduos, podemos calcular que na aldeia inteira teriam morrido ao menos 200 indivíduos, de ambos os sexos, distribuídos entre crianças, jovens, adultos, maduros e senis.

A aldeia se levantava a pequena distância do mar, sobre uma antiga praia de pouco aclave e sobressaía, no ponto mais baixo, apenas uns 2 m sobre o nível da maré média, o que facilitava a retirada das canoas, que podiam ser puxadas para a terra defronte à lixeira. O terreno do assentamento era suavemente inclinado (uns 2 m em 30 m de largura), de modo que as águas da chuva escorriam facilmente, não ensopavam o pátio, nem invadiam as moradias.

O córrego, que abasteceria a população de água, não distava mais que alguns metros; para o banho e outras necessidades, a praia rasa provavelmente oferecia mais vantagens.

O palco do assentamento era um semicírculo formado pela baía tranquila, fechada por dois promontórios graníticos, a qual dava acesso ao mar; e uma planície de sedimentação marinha, formada num semicírculo de morros; os morros estavam cobertos pela densa Floresta Atlântica, ao passo que as areias exibiam uma vegetação mais aberta, de restinga.

O local estava resguardado dos ventos frios e violentos do sul e sudeste, permitindo uma boa navegação na baía, e de populações hostis que viessem do planalto. Mas o Oceano daria acesso aos fortes ventos do nordeste e aos pescadores-coletores pré-cerâmicos, que costumavam instalar-se mais perto dos mangues do estuário e que deveriam ainda sobreviver no litoral. Se a aldeia que estudamos é um assentamento de fronteira ativa de populações cultural e politicamente ligadas ao planalto, esta localização seria estratégica.

Os moradores exploravam os recursos das águas do mar, os da praia e mangues e os da mata atlântica e de restinga. Todos os recursos básicos estavam a pouca distância. Estes recursos deveriam ser não só variados, mas também suficientes para uma população de poucas dezenas de pessoas se

manter o ano inteiro, sem necessidade de migrar, nem mesmo estacionalmente. Os fornecedores de proteínas ligados ao mar, à praia e aos mangues eram peixes, mamíferos marinhos, moluscos, crustáceos, equinodermas; os ligados à mata eram animais variados de tamanho pequeno, médio e grande. Havia ainda os frutos estacionais, raízes e tubérculos, distribuídos pela restinga e a Mata Atlântica; nelas se podiam colher variadas e abundantes madeiras e fibras para construção, armações, móveis e utensílios, bem como lenha para manter as fogueiras acesas.

A apropriação de muitos desses elementos não exigia um instrumental especializado: frutas, moluscos, crustáceos e equinodermas poderiam ser colhidos diretamente com a mão; para a captura dos peixes serviriam os anzóis, os projéteis simples, as redes e canoas. Para a caça no mato se usariam tanto os projéteis, como deveriam existir armadilhas de variado funcionamento. Finalmente, para apropriação e transformação de madeira e fibras havia talhadores, machados, percutores, esmagadores, facas e raspadores.

Além dos materiais recuperados, ou deduzidos, deveria haver muitos outros, que não se conservaram, nem podem ser diretamente inferidos, como sejam cestos para transporte e armazenamento, esteiras para sentar e dormir, trançados diversos para enfeitar ou vestir, bancos e armações, canoas, produzidos com matéria-prima vegetal, proveniente das matas, dos banhados e mangues e talvez de plantações. E sacolas, bolsas, cobertas, enfeites confeccionados com plumas, peles, pelos e outros elementos animais.

Matéria-prima adequada para artefatos líticos podia ser encontrada abundantemente ao longo da praia e dos córregos sob a forma de seixos ou prismas de basalto, originários dos diques surgidos no granito. Nos mesmos blocos estes artefatos podiam ser modelados ou finalizados, utilizando os amoladores fixos que aí se encontram em abundância. Lascar, polir, encabar seriam os movimentos básicos para transformar os blocos em instrumentos aptos para cortar, regularizar, alisar, esmagar, suportar ou lastrar.

Para a produção dos vasilhames cerâmicos deveria existir argila em terrenos levemente alagadiços ao fundo da planície aluvial, no sopé dos morros, onde um dos córregos ficava represado, ou, um pouco mais distante, no estuário do rio Camboriú.

Os modelos de todos esses artefatos, sua tecnologia de produção e uso não haviam sido inventados pelos moradores dessa aldeia. Os pequenos vasilhames utilitários, negros, pardos, avermelhados, formando pratos, tigelas e pequenas panelas, eles os compartilhavam com populações horticultoras-caçadoras do planalto e umas poucas aldeias do litoral; os artefatos em pedra, lascados ou polidos, pouco os distinguíam das outras populações litorâneas; os artefatos ósseos, como sejam as pontas, as agulhas, os anzóis, eram mais restritos, compartilhados principalmente com outras aldeias parecidas que

usavam a mesma cerâmica, mas também com aldeias ou acampamentos pré-cerâmicos relativamente recentes.

A aldeia propriamente dita, com uma nítida distinção de áreas de construção, de fogo e de lixo parece típica e não repetida. Formaria um aglomerado de uns 1.000 m². O que a escavação recuperou não passa de um esqueleto mal conservado, no qual tentamos repor estruturas e vida.

O mais claro neste esqueleto (e ainda assim não incontestado) é a distribuição dos sepultamentos. No espaço correspondente à primeira etapa da escavação encontramos 30 sepultamentos alinhados, formando um retângulo grosseiro com uma abertura para o mar. Da distribuição dos esqueletos e sua posição é permitido inferir, sem muito medo de errar, que eles se encontravam depositados ao longo da parede interna de uma grande choupana de palha. Nos demais conjuntos densos de esqueletos, também alinhados, e dispostos da mesma forma, pensamos entrever a mesma forma de deposição.

Se os mortos estão depostos, internamente, ao longo das paredes das casas, temos condições de recompor o espaço habitado. Várias moradias aparecem, então, no terreno mais próximo do córrego. De várias delas temos só uma parte, tendo o resto sido destruído quando o proprietário nivelou o terreno.

Essas construções seriam de troncos e palha, dos quais não sobraram vestígios: só o que ficou são os sepultamentos, o lixo e locais de fogo, que nos indicam sua forma, tamanho e, até um certo ponto, sua organização.

No terreno sem habitações teríamos, então, o espaço do fogo, composto tanto por numerosas armações de seixos para as fogueiras abertas, quanto por depressões para os assados em fornos subterrâneos. Só numa parte do espaço do fogo constatamos uma invasão de sepultamentos mais dispersos, significando provavelmente uma ocupação temporária de habitações, ou um deslocamento das estruturas da aldeia.

Finalmente, na proximidade da praia, entre o limite da maré alta e as construções, há uma faixa com o lixo ofensivo, composto de cascas de ostras, pinças de caranguejos, espinhos e cascas de ouriço do mar, ossos de baleia e resíduos de lascamento.

O lixo menos ofensivo, constituído pelos restos de caça, moluscos menores, artefatos inúteis, vasilhames quebrados, restos maiores de lascamento e uma quantidade enorme de seixos inteiros, quebrados ou rachados, acham-se predominantemente na área das habitações, muito mais que na área do fogo ou do lixo.

Poderíamos perguntar se a escavação teria descoberto as estruturas básicas da aldeia: aparentemente sim. As habitações estão fortemente aglomeradas no lado da aldeia, que dá para o córrego; os fogões e fornos subterrâneos encontram-se no lado oposto e não há indícios de que eles tivessem

estado cercados de habitações a não ser pelo lado indicado. O lixo ofensivo, por sua vez, fecha o espaço contra o mar.

Com os dados que temos não há possibilidade de recompor o detalhe das atividades e o movimento das pessoas, mas, sim, o grande quadro estrutural da aldeia, que está na proximidade do mar, junto a um córrego permanente, em terreno suavemente inclinado, com todos os recursos tão próximos que não teria sido necessário, para atingi-los, pernoitar fora da aldeia.

Ao longo da mesma costa há outros ambientes parecidos, onde recursos em tudo semelhantes poderiam ser alcançados. Mas estes recursos dificilmente serviriam para complementar, qualitativamente, os disponíveis na praia das Laranjeiras e no próximo estuário do rio Camboriú. Buscá-los seria aumentar o trabalho, sem conseguir algo diferente. Mas estas áreas poderiam servir para alcançar maior quantidade dos mesmos recursos existentes localmente. - Pelo contrário no interior, subindo o planalto poderiam ser alcançados recursos qualitativamente diferentes. Apesar de compartilharem com populações das terras altas uma tradição cerâmica e, talvez, a mesma biologia, não existem restos materiais indicando que as aldeias litorâneas usassem essa complementação alimentar.

Sobre a população do povoado consultamos os esqueletos. Primeiro sobre a duração de suas vidas. 32.5% morria sem atingirem o estado adulto (20 anos); aparentemente morriam mais meninas que meninos porque os homens representam 57.8% dos que chegaram ao estado adulto contra 42.5% de mulheres; uma diferença representativa. Dos adultos, 64.4% não atingiam os 30 anos; só um atingiu os 50. Os homens ofereciam uma longevidade marcadamente maior que as mulheres. Nisto a população da aldeia acompanhava os padrões de longevidade observados em outras áreas brasileiras (MACHADO 1992; MENDONÇA DE SOUZA & MELLO E ALVIM 1992; PROUS & PIAZZA 1977).

As habitações, que teriam um diâmetro de uns 8 m, seriam ocupadas por famílias extensas e seus mortos conservados dentro do recinto das casas, sendo depositados ao longo das paredes, onde também se ia acumulando lixo alimentar e artesanal menos ofensivo. O centro das habitações, sem fogões, nem sepulturas, aparentemente era reservado ao trânsito e ocupação dos membros vivos da casa. O acúmulo de mortos e de lixo contra as paredes pode sugerir que esses espaços eram inaproveitáveis, talvez porque a parede fosse inclinada, não permitindo às pessoas ficarem em pé nesses locais.

A manutenção dos mortos dentro da casa, à qual haviam pertencido, pode sugerir que a integração da aldeia teria sido incompleta ou que fosse uma sociedade segmentada. Mais provavelmente uma sociedade segmentada, como sugere a proximidade entre as habitações e o lugar comum das áreas de fogo.

Nos acompanhamentos funerários não se percebem diferenciações que poderiam indicar um princípio que fosse de hierarquização dentro das moradias e no conjunto da aldeia, nem entre homens e mulheres, nem dentro dos dois sexos. O acompanhamento sempre é pobre, devendo os falecidos, aparentemente, ter deixado para trás os bens que lhes teriam servido enquanto vivos. A posição em que se encontram os restos dos corpos, dobrados e ocupando pequenos espaços, nos faz pensar que eram envoltos em esteiras e/ou redes, formando *fardos* como se pode observar, concretamente, no Brejo da Madre de Deus, PE (LIMA 1985).

Pelo fato de os mortos serem enterrados dentro das estruturas habitacionais, como inferimos de sua distribuição no espaço, e costumam estar orientados norte-sul (praia-interior), causam estranheza 4 sepultamentos, 3 de homens e 1 de mulher, adultos ou maduros, depositados fora das habitações e com os corpos orientados no sentido da praia (leste-oeste). Suspeitamos que possam indicar tensões dentro dos grupos familiares; dois estão sepultados junto ao lixo ofensivo, dois em área de fogo. Conflitos que levassem à morte por traumatismo, por dissensões internas ou externas, não foram, entretanto, observados.

Poderíamos perguntar-nos finalmente, se esta seria uma aldeia estável, ou os achados resultariam de sucessivas ocupações. O crescimento das estruturas nos mesmos locais exclui a segunda alternativa. Tanto o grande acúmulo de mortos dentro das habitações, colocados uns exatamente em cima dos outros, como a permanência das estruturas de fogo, só permitem uma explicação: uma aldeia estável, com vários conjuntos familiares, durante várias gerações. O ambiente possuía suficiente capacidade para suportar, de forma permanente, uma aldeia de algumas dezenas de pessoas.

Esta aldeia não tem, ainda, uma datação precisa no tempo; a indicada pelo seu escavador (ROHR 1984a) é claramente inadequada. Como existem vários outros sítios parecidos no litoral central e setentrional de Santa Catarina, dos quais alguns têm datas, podemos colocar o sítio ceramista da praia das Laranjeiras, provisoriamente, na faixa que estas ocupam, i. é, entre 800 e 1.350 de nossa era.

Recolocamos, por fim, o sítio na discussão inicial do povoamento do litoral de Santa Catarina.

Praia das Laranjeiras II, pela extensão das escavações de uma aldeia de um só componente cultural, cuja população é considerada biologicamente advéncia no litoral e que produziu uma grande quantidade de cerâmica também advéncia e sem misturas, é certamente um dos sítios mais aptos para afinar essa problemática. Praia da Tapera, com a escavação ainda muito maior de uma aldeia também unicomponencial, com boa produção de cerâmica Itararé, mas cuja população de um modo geral é considerada mesclada e afim dos habitantes pré-cerâmicos, é outro sítio importante nesta discussão.

Como representantes das populações pré-cerâmicas do litoral podemos usar dois sítios unicomponeciais próximos dos anteriores, escavados também em grandes extensões: Laranjeiras I, vizinho de Laranjeiras II, mas uns três milênios mais antigo, e Armação do Sul, próximo da Tapera, mil e quinhentos anos mais velho.

Laranjeiras II partilha com diversos sítios litorâneos escavados a mesma cerâmica: Forte Marechal Luz, Enseada I, Rio Pinheiros, Itacoara, Cubatãozinho, Cabeçudas, Rio Lessa, Base Aérea e Tapera. Mas não de forma igual: grande densidade cerâmica por volume escavado (entre os sítios para os quais existe esta informação) ela partilha só com Enseada I e Forte Marechal Luz. Outros sítios da mesma tradição apresentam uma densidade bastante menor: Cabeçudas, Rio Lessa, Base Aérea e, em certa medida, Tapera (o número de cacos é semelhante ao de Laranjeiras II, mas a superfície escavada é quatro vezes maior e os cacos estão moídos, ao contrário de Laranjeiras II, onde estão bastante conservados).

Curiosamente, aqueles sítios que têm grande densidade cerâmica são os que biologicamente são considerados adventícios no litoral, ao passo que os outros são considerados afins aos habitantes pré-cerâmicos.

Os considerados adventícios (Forte Marechal Luz, Enseada I e Laranjeiras II) partilham um elemento tecnológico inconfundível: o anzol de uma peça, semelhante a um anzol moderno. (A arqueologia de Itacoara é discutível, por isso não incluímos este sítio aqui, apesar de ter anzóis.) Os considerados afins aos pré-cerâmicos não têm este tipo de anzol.

Com isto, podemos colocar Laranjeiras II no conjunto de sítios Itararé considerados adventícios, em oposição a um conjunto de sítios de populações afins aos pré-cerâmicos, mas usuários de alguns elementos dos sítios do primeiro grupo, especialmente a cerâmica. Que outros elementos são partilhados?

Sepultamento em deposição fletida é partilhado com Cabeçudas. Mas não com os outros sítios Itararé. Sepultamento dentro da moradia, ao longo da parede, é partilhado, ao menos, com a primeira ocupação de Tapera, não com as outras ocupações. Para a maior parte dos sítios a escavação é pequena demais para definir esta característica.

De maneira geral Laranjeiras II partilha com os sítios de cerâmica Itararé mais cuidadosamente estudados (Enseada I e Tapera) uma dieta alimentar baseada na apropriação de elementos do mar, da praia e do mato, acentuando mais estes últimos do que o faziam os habitantes antigos, p. ex. Laranjeiras I e Armação do Sul.

Com isto estamos sugerindo que os sítios Itararé do litoral de Santa Catarina não podem ser considerados como um todo uniforme, nem do ponto de vista cultural; que eles são biologicamente diferentes foi revelado pela pesquisa de Walter A. Neves, que sugere que alguns sejam de populações ad-

ventícias ao litoral, outros de moradores tradicionais. Nossa hipótese de trabalho, com os dados disponíveis, é de que existem alguns sítios litorâneos, para o norte de Santa Catarina, com uma constituição biológica e cultural típica e diferente, que partilha sua cerâmica com o planalto adjacente (Santa Catarina, Paraná, sul de São Paulo). Em que medida partilha outros elementos culturais é desconhecido. Também não está muito claro em que medida partilha com ele a sua biologia.

Alguns dos elementos desse primeiro encontram-se em outro grupo de sítios, especialmente a mesma cerâmica do planalto. Porém muitos elementos são diferentes, assemelhando-se aos dos pré-cerâmicos. Eles também são ditos biologicamente diferentes, afins de populações tradicionais do litoral.

Podemos pensar, então, como sugeriu Neves, que este segundo grupo tenha sido aculturado, talvez também mestiçado, em contato com o primeiro, ou paralelamente com o primeiro.

E nos faz admitir que as populações tradicionais, pré-cerâmicas, continuam ocupando o litoral quando chegam e se instalam os ditos adventícios.

O fato de que, mesmo os sítios do grupo dito adventício, tenham marcados elementos litorâneos, na tecnologia, na dieta alimentar e mesmo em alguns costumes funerários (o sepultamento fletido já era usado no litoral desde milênios), nos faz pensar que estes sítios não podem ser considerados, simplesmente, como acampamentos avançados de uma população em marcha, demolindo tudo pela frente, mas talvez como aldeias de fronteira (com tudo o que implica este conceito) entre duas populações cujos pontos de referência cultural e política poderiam ser para uns o Planalto, para outros o Litoral. Aparentemente foi o Planalto que alargou sua fronteira; as tradicionais populações litorâneas, longamente enraizadas no seu ambiente, foram mais atingidas pelo contato, mas as ligadas ao Planalto também reajustaram parte de seu equipamento.

Laranjeiras II pode, então, ser considerada predominantemente uma aldeia das populações planaltinas, fazendo fronteira com populações tradicionais do litoral, em ambiente de litoral. Tapera, talvez, no começo um grupo avançado como o anterior, em ambiente de litoral, depois mestiçado e aculturado, ou assimilado, pelos moradores tradicionais deste. Laranjeiras I e Armação do Sul seriam dois sítios tradicionais do litoral: sua origem e relações não interessam diretamente aos intentos deste trabalho.

Para que possamos avançar deste ponto de nossas pesquisas há necessidade de mais estudos nos sítios escavados e em novos sítios, escolhidos em função da problemática.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALONSO, Maria Terezinha Alves. Vegetação. In *Geografia do Brasil, Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE. 1977. P. 81-109.
- BANDEIRA, Dione da Rocha. *Mudança na estratégia de subsistência. O sítio arqueológico Enseada I. Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC. 1992.
- BECK, Anamaria. A cerâmica dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia* n° 20:89-100. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1968.
- . Os sambaquis do Brasil Meridional, litoral de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia* III(1970):57-70. Florianópolis, UFSC. 1971.
- . *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. Litoral de Santa Catarina*. Tese de doutorado. São Paulo, USP. 1972a.
- . Grupos cerâmicos do litoral de Santa Catarina - Fase Lessa e Fase Enseada. *Anais do Museu de Antropologia* IV(1971):25-29. Florianópolis, UFSC. 1972b.
- . *O sítio de Enseada I - SC-LN-71. Um estudo sobre tecnologia pré-histórica*. Tese de livre-docência. Florianópolis, UFSC, 1974.
- ; ARAUJO, E.M. de; DUARTE, G.M; SILVA, O. de; SÃO TIAGO & FOSSARI, T. Estudos sobre o sambaqui de Rio Lessa. *Anais do Instituto de Antropologia de Santa Catarina* II:139-206. Florianópolis, UFSC. 1969.
- ; -----; ----- . Síntese da arqueologia do litoral Norte de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia* III(1970):23-34. Florianópolis, UFSC. 1971a.
- ; -----; -----; FOSSARI, T. & BELANI, E. A indústria óssea dos sambaquis do litoral norte - Fase Enseada. *Anais do Museu de Antropologia* III(1970):35-58. Florianópolis, UFSC. 1971b.
- BRYAN, Alan L. Excavation of a Brazilian shell mound. *Science of Man* I:148-151 e 174. Mentone, California. 1961.
- . Resumo da arqueologia do sambaqui de Forte Marechal Luz. *Arquivos do Museu de História Natural* II:9-30. Belo Horizonte, UFMG. 1977.
- CABRERA, A. & YEPES, I. *Mamíferos Sud Americanos*. Buenos Aires, Ediar, 2 vol. 2ª ed. 1960.

- CHMYZ, Igor. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia* n° 18:115-125. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas. 1968.
- . A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. *Estudos Brasileiros* 1:7-43. Curitiba, UFPR. 1976.
- CORREA DA COSTA, C.C. e outros. *Fauna do cerrado. Lista preliminar de aves, mamíferos e répteis*. Rio de Janeiro, SEPLAN, FIBGE. 1981.
- FIGUEIREDO, J.L. & MENEZES, N.A. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil*. II (1978), III (1980), IV (1980). São Paulo, USP.
- FOSSARI, T.D. *A indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo-piloto do material de Enseada - SC e Tenório - SP*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP. 1985.
- GODOY, M.P. de. *Peixes do estado de Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC co-ed. ELETROSUL e FURB. 1987.
- HURT, Wesley R. The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brazil. *Occasional Papers and Monographs*, n° 1. Bloomington, Indiana University Museum. 1974.
- IMBELLONI, José. Sobre los constructores de sambaquis (yacimientos de Paraná y Santa Catarina). In *XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo. P. 965-997. 1955.
- LIMA, Jeannette Maria Dias de. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE. 1985.
- LIMA, Tânia Andrade. *Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. São Paulo, USP. 2 vol. 1991.
- & PINHEIRO DA SILVA, R.C. Zoo-arqueologia: alguns resultados para a pré-história da Ilha de Santana. *Revista de Arqueologia* vol. 2, n° 2:10-40. Rio de Janeiro. 1984.
- MACHADO, Lília Cheuiche. Paleodemografia e saúde em perspectiva populacional. In ARAUJO, A.J.Gonçalves de & FERREIRA, L.F. *Paleopatologia e Paleoepidemiologia. Estudos interdisciplinares*. Rio de Janeiro, Panorama. P. 87-93. 1992.
- MELLO E ALVIM, M. & PEREIRA DE MELLO, A.D. Morfologia da população do sambaqui do Forte Marechal Luz (Santa Catarina). *Revista de Antropologia* vol. 15-16(1967-1968):5-12. São Paulo, USP. 1968.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila M.F. & MELLO E ALVIM, Marília C. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao Agreste Pernambucano. *Symposium* vol. 34, n° 2:123-145. Recife, UNICAP. 1992.

- MOREIRA, Amélia Alba Nogueira & LIMA, Gelson Rangel. Relevô. In *Geografia do Brasil, Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE. P. 1-34. 1977.
- NEVES, Walter Alves. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (PR e SC)*. Tese de doutorado. São Paulo, USP. 1984. Também em *Pesquisas, Antropologia* n° 43. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1988.
- NIMER, Edmon. Clima. In *Geografia do Brasil. Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE. P. 81-109. 1977.
- PIAZZA, Walter F. Dados à arqueologia do litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. PRONAPA 5. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* n° 26:53-66. Belém. 1974.
- PROUS, André & PIAZZA, Walter F. *Documents pour la préhistoire du Brésil méridional. 2. L'état de Santa Catarina*. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sul 4. Paris. 1977.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira. 1970.
- RIOS, E.C. *Coastal Brazilian seashells*. Rio Grande, Fundação Cidade de Rio Grande, Museu Oceanográfico de Rio Grande. 1970.
- ROHR, João Alfredo S.J. Pesquisas páleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas, Seção História* 3:199-265. Porto Alegre, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1959.
- Levantamento de sítios arqueológicos em Jaguaruna. *Pesquisas, Antropologia* n° 18:47-48. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1962.
- Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina: I - Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II - Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga. *Pesquisas, Antropologia* n° 15. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1966.
- A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (I). *Revista Vozes* 61 (8):718-722; (II) 61 (9):807-811; (III) 61 (10):909-913; (IV) 61 (11):997-1001; (V) 61 (12):1099-1104. Petrópolis. 1967.
- A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (VI). *Revista Vozes* 62 (2):149-154; (VII) 62 (4):325-331. Petrópolis. 1968.
- O sítio arqueológico do Balneário de Cabeçadas. *Ciência e Cultura (Suplemento)* 25 (6):384. São Paulo, SBPC. 1973a.
- O mistério dos esqueletos de Cabeçadas. *Livro da Família* 1973:210-212. Porto Alegre, Sede Pe. Reus. 1973b.
- Os homicídios pré-históricos da Tapera, Florianópolis, SC. *Livro da Família* 1975:178-179. Porto Alegre, Sede Pe. Reus. 1975.

- . O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras - Balneário de Camboriú, SC. *Notícias* 135/136:28-32. Porto Alegre, Sede Pe. Reus. 1977.
- . O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras - Balneário de Camboriú, SC. *Notícias* 139-140:62-66. Porto Alegre, Sede Pe. Reus. 1978a.
- . Escavações arqueológicas no sítio da Praia das Laranjeiras - Balneário de Camboriú, SC. In *Jornada Brasileira de Arqueologia I*. Rio de Janeiro. (mimeo). 1978b.
- . Auf den Pfaden der Archaeologie: bei Katharinensern vor 3.000 Jahren... Die archaeologische Fundstaette von Praia das Laranjeiras - Badesstrand Camboriú, SC. *Jahrbuch der Familie* 1982:164-170. Porto Alegre, Sede Pe. Reus. 1982.
- . O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras - Balneário de Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* 17:5-76. Florianópolis, UFSC. 1984a.
- . Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* 17:77-168. Florianópolis, UFSC. 1984b.
- RÜTTSCHILLING, Ana Luisa Bitencourt & SCHMITZ, Pedro Ignácio. O sambaqui da Praia das Laranjeiras, Balneário de Camboriú, litoral catarinense. *Revista do CEPA* vol. 17, nº 20:191-203. Santa Cruz do Sul, FISC. 1990.
- SANTOS, E. *Zoologia brasileira 4: da ema ao beija-flor*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1979.
- . *Zoologia brasileira 3: anfíbios e répteis*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1981.
- . *Moluscos do Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1982.
- . *Zoologia brasileira 6: entre o gambá e o macaco*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1984.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. A cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea. *Pesquisas, Secção História* 3:267-324. Porto Alegre, Instituto Anchietao de Pesquisas. 1959.
- . As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. In *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 02:75-130. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas. 1988.
- ; DE MASI, M.A. Nadal; VERARDI, I.; LAVINA, R. & JACOBUS, A.L. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Armação do Sul*. Pesquisas, Antropologia nº 48. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas. 1992.
- SILVA, F. *Mamíferos silvestres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 1984.

- SILVA, Sérgio Baptista da; SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; DE MASI, Marco Aurélio Nadal & JACOBUS, André Luiz. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani*. Pesquisas, Antropologia n° 45. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1992.
- TIBURTIUS, Guilherme. *Schmuckgegenstaende aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien*. Pesquisas, Antropologia n° 6. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1960.
- . *Wildschweinhauer als Werkgeraete aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien*. Pesquisas, Antropologia n° 11. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1961.
- ; BIGARELLA, João José & BIGARELLA, Iris K. Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville), Estado de Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* V-VI(1950):315-346. Curitiba, Instituto de Pesquisas Tecnológicas. 1951.
- & LEPREVOST, Alsedo. Sobre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* VII:149-155. Curitiba, Instituto de Pesquisas Tecnológicas. 1952.
- ; ----- . Nota sobre a ocorrência de machados de pedra nos estados do Paraná e Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* VIII:503-553. Curitiba, Instituto de Pesquisas Tecnológicas. 1953a.
- & BIGARELLA, Iris K. Nota sobre anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoara, Santa Catarina. *Revista do Museu Paulista (nova série)* VII:381-387. São Paulo. 1953b.
- ; BIGARELLA, João José & BIGARELLA, Iris K. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. II - Sambaqui do Rio Pinheiro n° 8. *Arquivos de Biologia* IX:141-197. Curitiba, Instituto de Pesquisas Tecnológicas. 1954.
- & BIGARELLA, Iris K. *Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná*. Pesquisas, Antropologia n° 7. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1960.



Figura 38 - A. Vista do morro das Taquaras, a partir da praia das Laranjeiras. B,C. Fogões. Fotos Rohr.

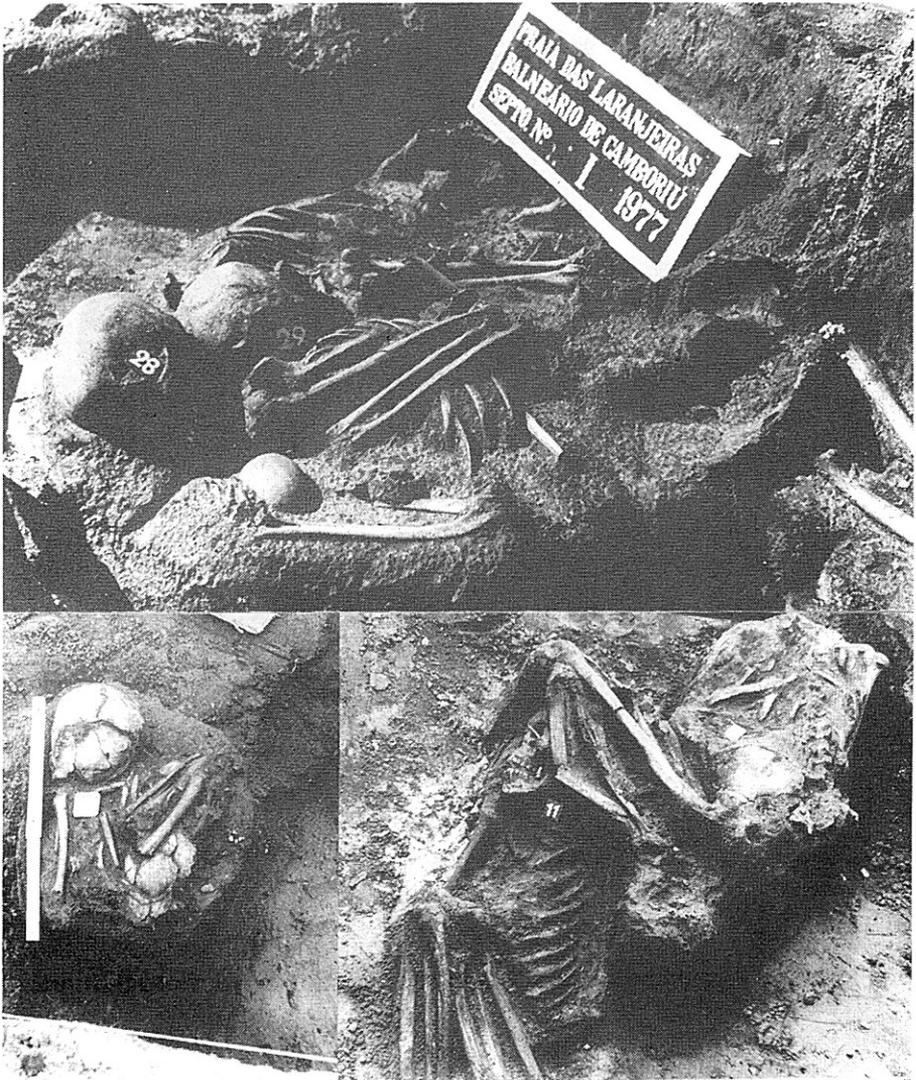


Figura 39 - Sepultamentos. Fotos Rohr.

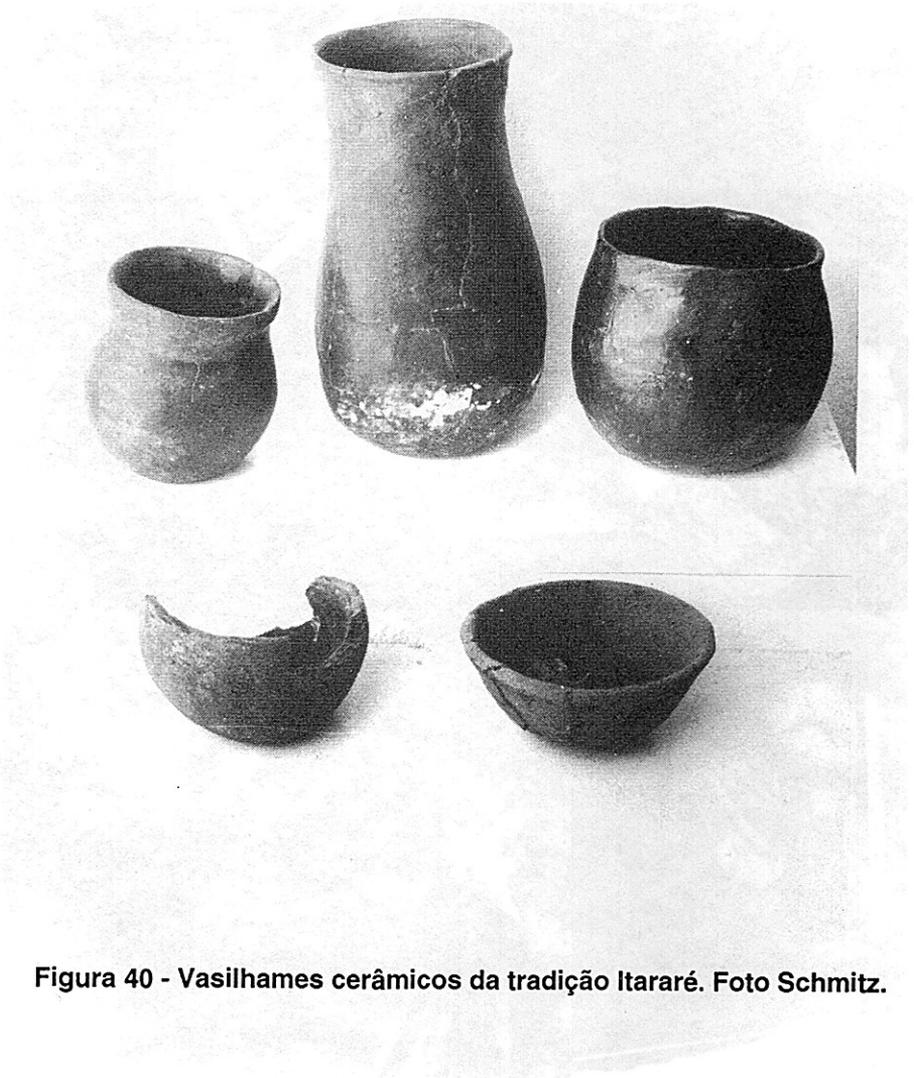


Figura 40 - Vasilhames cerâmicos da tradição Itararé. Foto Schmitz.

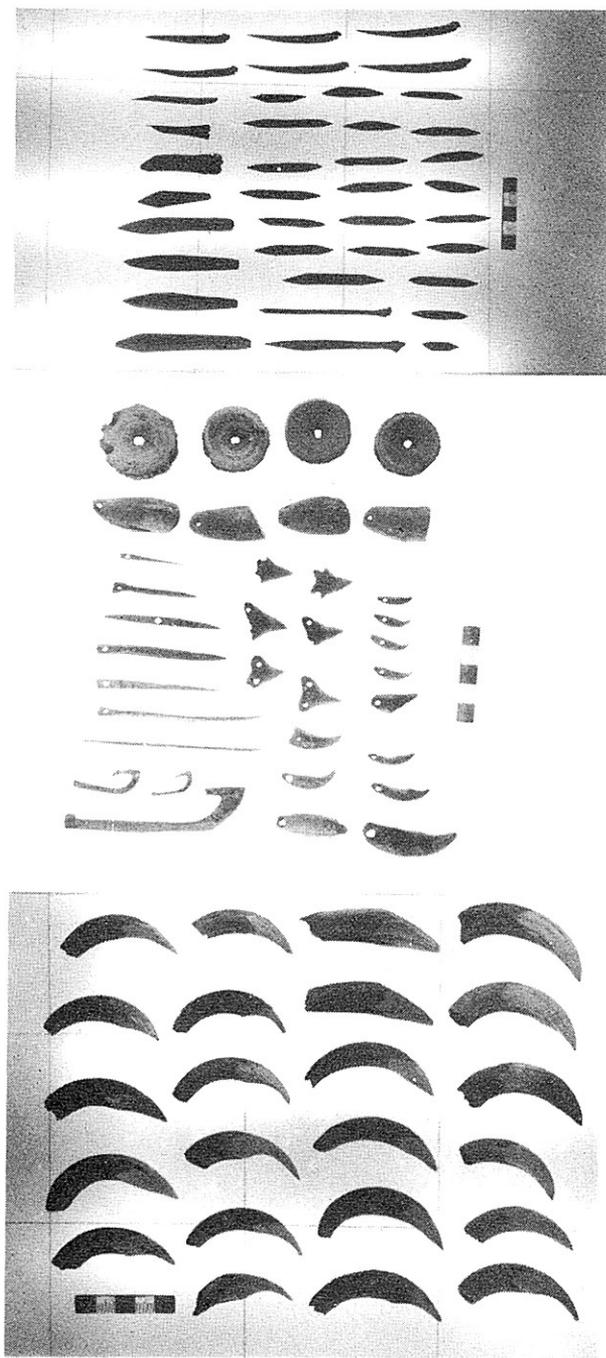


Figura 41 - Artefatos em osso e dente. Fotos Rohr.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 2, 1958, 1133-266.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1960, Antropologia nº 6, 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** - Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella - Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** - J. Hasler - Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17 pp.
10. **Os Munkū, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** - Igor Chmyz - Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1962, Antropologia nº 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros - Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1967, Antropologia, nº 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** - Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** - Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** - Tom O. Miller, Jr. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuá), 1ª parte** - Pedro Ignácio Schmitz e outros - Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.

25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1973, Antropologia nº 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 27, 84 pp.
28. **História dos Mũnkũ (Iránxe)** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. - Pesquisas 1975, Antropologia nº 28, 40 pp.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás** - Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa - Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins**. Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249 pp.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** - Pedro Ignácio Schmitz - Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil** - Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This - Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281 pp.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama** - Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda - Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93 pp.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil** - Jussara Louzada Ferrari - Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132 pp.
36. **O Pensamento Mítico dos Mambikwára** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144 pp.
37. **El Indio y la Colonización** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288 pp.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y sur de Brasil** - Maria Amanda Caggiano - Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109 pp.
39. **O Pensamento Mítico do Iránxe** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 176 pp.
40. **Craniometria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios da Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** - Pe. João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144 pp.
41. **O Pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1986, Antropologia, nº 41, 441 pp.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1987, Antropologia nº 42, 398 pp.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)** - Walter Alves Neves - Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178 pp.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I** - Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, André Luiz Jacobus e Maira Barberi Ribeiro - Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208 pp.
45. **O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani** - Sérgio Baptista da Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus - Pesquisas 1990, Antropologia nº 45, 210 pp.
46. **História da Arqueologia Brasileira** - Alfredo Mendonça de Souza - Pesquisas 1991, Antropologia nº 46, 157 pp.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1992, Antropologia nº 47, 197 pp.
48. **O Sítio Arqueológico da Armação do Sul. Escavações Arqueológicas do Pe. João Aldredo Rohr, S.J.** - Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina & André Luis Jacobus - Pesquisas 1993, Antropologia nº 48, 220 pp.